

BUTTONS: BOOK FIVE

BUTTONS & DESPISE

MY FIRE. MY DESIRE.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

P E N E L O P E S K Y

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BUTTONS: BOOK FIVE

BUTTONS & DESPISE

MY FIRE. MY DESIRE.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

P E N E L O P E S K Y



BUTTONS & DESPISE

A tradução foi efetuada pelo grupo SB, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo SB poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo SB de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

BEYOND BUTTONS

#1

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
REVENGE**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#2

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
BETRAYAL**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#3

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
DEVOTION**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#4

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
POWER**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#5

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
DESPISE**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#6

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
BEAUTY**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#7

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
LOYALTY**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#8

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
BLOOD**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#9

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
DEATH**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#10

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
LIES**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#11

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
DECEIT**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#12

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
HOPE**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#13

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
BELIEF**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#14

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
DESIRE**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

#15

OPTIONAL EDITION

**BUTTONS
&
SHADOWS**

BY TERRY W. BROWN



OPTIONAL EDITION, 100% COTTON
PENLOPE SKY

BEYOND BUTTONS
LANÇAMENTO

BUTTONS: BOOK FIVE

BUTTONS
&
DESPISE

MY FIRE. MY DESIRE.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

PENELOPE SKY

BUTTONS & DESPISE

SINOPSE

Meu pai não aprovaria a maioria dos homens com quem namorei, mas definitivamente não ele.

O nome dele é Bones – e ele é um inimigo da minha família. Achei que estava no lugar errado na hora errada, mas ele planejou esse momento há muito tempo. Ele me levou como cativa e quer a vida que lhe foi roubada.

Matar-me e torturar-me é a melhor maneira de conseguir isso.

Mas a intensidade entre nós é avassaladora. A química é diferente de tudo que já senti. Atirei no ombro dele e ele me beijou com força na boca. Nossa história deveria ser sobre assassinato, mas agora é uma história de amantes infelizes com um romance proibido. Bones é filho do algoz da minha mãe e eu deveria querer ele morto, mas não quero.

Ele diz que poupará minha família enquanto eu pertencer a ele, mas eu não sabia quanto esse acordo me custaria até agora. Eu deveria cortar a garganta dele no meio da noite ou pegar uma das armas do meu pai e atirar nele, mas não posso fazer nenhuma dessas coisas. Não quando estou me apaixonando cada vez mais pelo homem que deveria odiar.

Preciso ir embora antes que seja tarde demais, antes de me apaixonar por ele.

Capítulo 1

Vanessa

As últimas duas semanas tinham sido agitadas.

Peguei meu trabalho escolar, terminei o quadro em que estava trabalhando e finalmente transformei meu apartamento para que não contivesse o cheiro do homem que me fez refém.

Knuckles.

Que tipo de nome era esse?

Sapphire e eu mandávamos mensagens uma para a outra, quase todos os dias e me disse que ela e meu irmão ainda estavam finalizando seus planos de casamento. Eles queriam fazer algo pequeno em casa, só família e muito vinho.

Eu amava essas duas coisas, então estava lá.

Quando fui ao mercado outro dia, encontrei um cara bonito que pegou a mesma caixa de cereal. Trocamos algumas palavras e descobrimos que ele nem gostava daquela marca de cereal. Ele só queria uma desculpa para descobrir qual era meu nome.

Depois fomos jantar. Sempre que um cara me chamava para sair, sempre insistia que nos encontrássemos em um café casual. Grandes jantares românticos eram superestimados e simplesmente estranhos. Não queria que um homem tentasse me impressionar comprando uma refeição cara. A riqueza não era impressionante para mim. Eu queria um homem que fosse totalmente homem, alguém que não pudesse se

esconder atrás de dinheiro ou sucesso.

Seu nome era Tony e ele era bom o suficiente. Ele trabalhou em uma empresa de investimentos, pegando as economias das pessoas e colocando-as no mercado de ações. Ele era jovem para esse tipo de trabalho e parecia que era seu primeiro ano trabalhando lá.

O encontro foi agradável, mas nada de especial.

Nunca era especial.

Às vezes eu conhecia um cara e realmente nos dávamos bem, mas a química não ia além do sexo casual. Ficávamos e desfrutávamos de noites apaixonada, um sexo bom e suado. Mas não havia nada substancial ali, então parei de ligar. Então ele parou de ligar.

E foi como se nunca tivesse acontecido.

Mas esse cara não fez nada por mim, então, no final da noite, paguei minha metade da conta, disse boa noite e fui para casa a pé.

Depois do incidente com Knuckles, eu estava muito mais paranoica do que costumava ser. Como ele descobriu onde eu morava? Ele me seguiu no meu caminho para casa? Ou ele simplesmente fez alguma pesquisa online? Seja qual for a resposta, eu sempre peguei um caminho diferente para casa, apenas no caso de estar sendo seguida.

Quando virei à esquina e desci a rua tranquila, começou a nevar. Pequenos flocos fluíam do céu, e a cor branca contrastava com a escuridão da noite. Parei para deixar uma tocar a ponta do meu nariz. Eu deixei derreter antes de continuar. Eu preferia o calor do verão, mas ainda achava os invernos no norte da Itália lindos. Quando as ruas ficavam cobertas de neve, era um espetáculo para ser visto. Foi uma pena andar pelo caminho para a aula, mas ainda era lindo de se ver.

Parei de novo quando ouvi um som que nunca esqueceria.

Um som gutural, como alguém se afogando em seu próprio sangue.

O baque de um cadáver caindo no chão.

E então o estalo de um cano quebrando o crânio de alguém.

Parei e virei meu olhar para o beco escuro, mesmo sabendo que não havia nada que eu quisesse ver. Foi quando vi o contorno escuro de um homem pairando sobre um cadáver no chão. A vítima acabara de morrer, então as temperaturas congelantes ainda não haviam esfriado seu corpo quente. A sombra escondia o rosto do estranho, mas ele era do tamanho de um monstro. Alto, musculoso e grande, ele fazia Knuckles parecer patético.

Eu rapidamente virei para frente novamente e continuei andando, não querendo que o monstro soubesse que eu acabei de testemunhar um assassinato.

Um maldito assassinato.

Aconteceu tão rápido que nem pensei em chamar a polícia. Não tinha faca nem arma para intervir. Mas eu sabia que seria estúpida por me colocar em perigo quando eu nem sabia o que estava acontecendo.

Eles poderiam ser dois sem-teto brigando por causa de uma lixeira.

Ainda não eram nove da noite, mas não havia ninguém de fora por causa do frio.

Por que eu tinha que ser a única lá fora?

Não ouvi um único som, então não havia como prever o que aconteceria a seguir. Eu tinha um forte instinto e podia sentir as coisas ao meu redor antes de vê-las ou senti-las. Mas esse cara não era um homem comum e se aproximou de mim sem que suas botas batessem na neve.

Sua mão bateu contra minha boca e ele me silenciou antes que eu pudesse gritar.

Então a faca veio. A lâmina de aço estava gelada contra minha garganta. Ele pressionou com força contra mim, dizendo que falava sério. Sua voz era fria como a faca, gelada como o ar queimando meus pulmões. A neve começou a cair com mais força agora, bloqueando minha visão do prédio mais próximo. Foi a cobertura perfeita para algo assim. — Faça um som, e eu cortarei sua garganta. Vou deixar você sangrar como um porco no abate.

Por que eu simplesmente não peguei um caminho diferente para casa? Respirei fundo novamente, mas permaneci imóvel.

— Boa menina.

Eu odiei essa frase. Eu detestava cada vez que um homem o usava. Era um insulto, depreciativo e sexista. Falei contra sua mão.

— Vá. Se. Foder

— O que eu acabei de...

Eu pisei no pé dele e tentei rolar para frente do jeito que meu pai me ensinou, mas esse cara era do tamanho de um boi, e tudo que fiz foi empurrá-lo um pouco. Abandonei a tentativa e tentei fugir.

— Estúpida. Porra. Menina. — Ele agarrou meu tornozelo e puxou para que eu caísse no concreto. Ele veio para cima de mim com a faca novamente, desta vez para cumprir sua palavra. Ele se moveu para cima de mim, pronto para mergulhar na minha garganta para que eu não pudesse gritar por ajuda.

Mas então seus olhos brilharam sobre meu rosto. Houve um instante de emoção, um olhar de familiaridade. Foi a primeira vez que pude ver seu rosto sua pele clara, olhos azuis brilhantes e sua mandíbula cinzelada. Imaginei meu agressor sujo, sem teto e nojento.

Não lindo.

Não viril.

Não... Bonito como o inferno.

Ele continuou a segurar a faca, mas algo o impediu de cumprir sua ameaça. Eu sabia que ele ia fazer isso, vi a sede de sangue em seus olhos. Ele não era o tipo de homem que fazia ameaças vazias.

Algo mudou em sua mente.

Ele enfiou a faca na bainha, em seguida, me levantou por cima do ombro.

Foi quando comecei a gritar por socorro. Gritei a plenos pulmões, implorando a alguém que me ouvisse além da neve cair. Alguém tinha que estar em casa em um dos apartamentos próximos. Alguém iria denunciar isso à polícia.

O homem me carregou pelo beco em direção a uma van preta estacionada perto da lixeira. — Grite o quanto quiser. Quando alguém ouvir você e realmente pensar em agir de acordo, já teremos ido embora. E se por algum milagre a polícia realmente chegar, eles vão olhar para mim e virar para o outro. — Ele me colocou no chão, bem em cima de uma pilha de neve. Com a velocidade da luz, ele puxou uma arma do bolso e apontou-a na minha cara.

Parei de gritar, abandonando meu pedido de ajuda. Eu tinha que pensar em algo para fazer e rapidamente.

O canto de sua boca se ergueu em um sorriso e seus olhos se estreitaram com interesse— Por que você parou de gritar?

— Porque estou tentando descobrir como matar você.

O meio sorriso que ele exibiu rapidamente se transformou em um sorriso largo. Uma pequena risada escapou de seus lábios. Ele pressionou o cano na minha bochecha, o metal frio congelado como a neve. — Você é fofa. — Ele saiu de perto de mim, então, ele guardou sua arma no coldre, como se ele não tivesse nem um pouco de medo de mim.

Ele não deveria me subestimar.

Ele até me deu as costas enquanto caminhava até o cadáver que deixou para trás. — Não corra. Vai ser muito pior no final. — Ele agarrou o homem pelos tornozelos e o arrastou pelo asfalto e pela neve. Ele propositalmente colocou o homem bem ao meu lado.

Eu nunca havia olhado para uma pessoa morta antes. Atirei naquele cara quando estava escapando de Knuckles, mas não parei para examiná-lo. Esse cara foi mutilado, seu crânio esmagado até que seu rosto quase não pudesse ser reconhecido.

Eu senti o vômito subir pela minha garganta.

O homem se ajoelhou para que estivéssemos na altura dos olhos. Havia uma sombra embaixo de sua mandíbula porque sua estrutura óssea era muito cinzelada. Ele tinha uma pitada de cabelo ali, espesso o suficiente para cobrir sua pele, mas não espesso o suficiente para ser uma barba. Sua pele clara complementava o brilho de seus olhos. Com cabelos loiros sujos, ele parecia um homem que pertencia a uma capa de revista, e não a um Beco em Milão. Ele usava uma jaqueta de couro preta, calça jeans preta e botas marrons. Nenhuma quantidade de roupa poderia esconder o que estava por baixo de seu traje. Ele era forte, musculoso e poderoso. — Você não quer acabar assim, certo?

Não pude mais olhar para o morto, aterrorizada com o que acabei de ver. — Você também não. Então, eu sugiro que você me deixe ir.

Ele riu a luz alcançando seus olhos. Mesmo que a risada fosse divertida, parecia sarcástica. Independentemente da expressão que usasse, ele era inegavelmente bonito. Por que diabos um cara como esse estava matando pessoas? — Não consigo me lembrar da última vez que alguém me fez rir.

— Não acho que haja nada de engraçado na sua própria morte.

Ele sorriu novamente e pegou um saco para cadáveres da van.

Fiquei olhando para o beco e pensei em correr. Eu era rápida, mas este homem era mais rápido. Se eu visse alguém passando no beco, eu correria para ele. Ou talvez eu pudesse tirar meu telefone da bolsa. Ainda estava comigo.

Eu só tive um segundo para decidir.

Eu fui pelo telefone. Tentei ser discreta ao abrir o zíper.

Ele voltou com o saco para cadáveres e rolou o homem para dentro. Ele não olhou para mim enquanto adivinhava o que eu estava fazendo. — Estou te dizendo, os policiais não vão me tocar. Então é melhor você chamar alguém de bom.

Meu pai estava muito longe. Até Conway estava longe demais. Mas eu precisava fazer alguma coisa.

Ele carregou o homem adulto para a parte de trás da van e o largou com um baque surdo.

Eu abri minha bolsa e imediatamente coloquei minha mão dentro para pegar meu telefone.

Ele arrancou a bolsa da minha mão e a jogou na parte de trás da van. — Você é lenta.

— Foda-se, — eu assobieei.

Como tudo mais, minhas palavras o divertiram. — Sente-se no banco do passageiro. Ou vou colocá-la no banco do passageiro.

Eu olhei para a van, então olhei para frente novamente, olhando para a rua.

— Baby, nem pense nisso. — Ele balançou a cabeça ligeiramente. — Você não irá longe. E quando você for pega, a punição será severa.

— Não me chame de baby.

— Você é minha baby agora, — disse ele. — Eu posso chamá-la do

que eu quises.

— Você vai me matar de qualquer maneira. — Eu me levantei e tirei a neve. — Então eu também posso... — Eu disparei em uma corrida mortal, correndo para salvar minha vida. Eu tive que ir para a rua. Eu tive que sair de lá. Se eu entrasse naquela van, nunca mais veria a luz do dia. Eu preferia morrer tentando escapar do que deixá-lo me estuprar e depois me cortar com uma faca.

Eu nem cheguei à metade do caminho quando sua grande mão agarrou meu ombro e ele enfiou um taser em meu pescoço. Ele me chocou com intensidade total, fazendo meu corpo inteiro ficar rígido antes de desmaiar. Bati no asfalto, ligeiramente desorientada pela eletrocussão. Mas não me permiti ficar abaixada. Eu não me permiti ser fraca. Eu empurrei para cima e comecei a correr novamente.

Desta vez, ele riu mais alto. — Jesus Cristo, eu nunca vi isso antes. — Ele me alcançou novamente e, desta vez, ele me atingiu pelo dobro do tempo. Ele me bateu do outro lado do pescoço, fazendo uma nova cicatriz.

Eu desmaiei novamente, me sentindo mais fraca do que da última vez. Eu só queria ficar deitada lá. Eu só queria desistir. Esse cara era além de minhas habilidades. Ele era uma potência. Meu tamanho pequeno me inibiu completamente.

Ele ficou em cima de mim. — Agora, *baby*. É hora de entrar na van.

Não me importei se a luta não era justa. Não me importei se isso induzisse um ataque cardíaco. Eu rastejaria para a rua se fosse necessário. — Porra. — Meus braços tremeram quando me coloquei de pé. Eu tropecei para frente enquanto minhas pernas não conseguiam me carregar. Eu estava muito fraca, mas isso não me impediu de mover meu corpo para frente.

Ele assobiou. — Tudo bem, eu admito. Estou impressionado. Eu derrubei homens crescidos com o dobro do seu tamanho com esta

coisa. — Ele me seguiu lentamente, me observando rastejar.

Meus dedos cravaram no asfalto enquanto eu continuava rastejando. Se eu apenas parasse por tempo suficiente, alguém apareceria.

— Vou fazer de novo, baby. Mas desta vez, pode matar você.

— Prefiro morrer no chão como uma lutadora do que me render a um pedaço de merda como você.

Desta vez, ele parou de me seguir. Ele olhou para mim, me observando rastejar para longe.

Eu não sabia o que ele estava pensando. Eu não sabia se isso o irritava? Ou o impressionou. Eu não tive tempo para me importar. Tive que concentrar toda a minha energia em me mover.

As luzes refletiram os edifícios, e então ouvi as sirenes.

Graças a Deus, porra. — Estou aqui!

Um carro da polícia parou no beco e um oficial saiu do banco do motorista. Com sua arma em punho, ele estava pronto para atirar no meu captor.

Mas o oficial hesitou. Ele deu uma olhada em meu captor, abaixou a arma e voltou para o carro.

— Não! — Eu me coloquei de joelhos e acenei meu braço. — Ajude-me!

O policial foi embora.

— Não! — Observei suas lanternas traseiras até que desapareceram. E como se ninguém tivesse estado lá, a rua voltou ao silêncio.

O homem veio por trás de mim, seus joelhos batendo nas minhas costas. Sua mão envolveu meu pescoço e ele forçou meu queixo para

cima, me fazendo encontrar seu olhar. Ele não olhou para mim em vitória. Na verdade, parecia que ele tinha pena de mim.

Então ele enfiou uma agulha no meu pescoço.

E eu fui embora.

Quando eu acordei, eu estava sentada no banco do passageiro da van com minha bochecha pressionada contra a janela fria. A viagem foi turbulenta, como se estivéssemos dirigindo em um terreno acidentado. Minha mente ainda estava nebulosa e eu poderia ter continuado dormindo, mas quando me lembrei da minha posição e do homem que me pegou, eu saí dessa.

Meus olhos se abriram e olhei pela janela para ver uma linha de árvores cobertas de neve. Ainda estava nevando e escuro como breu lá fora. Agora estávamos no meio do nada, longe da cidade.

Longe das pessoas.

Merda.

Minhas mãos não estavam amarradas e nem meus tornozelos.

Havia alguma esperança.

Tentei fingir que ainda estava dormindo. Assim, poderia pegá-lo de surpresa. Foi uma ideia estúpida, mas eu poderia pegar o volante e virar a van para fora da estrada. Posso quebrar um braço ou algo assim, mas ele também pode morrer.

Isso seria legal.

Sua voz profunda encheu o ar. — Eu sei que você está acordada,

baby. — O rádio não estava ligado e apenas o som da van em movimento enchia os ouvidos. O cara morto na parte de trás rolou de um lado para o outro quando viramos. Eu também podia ouvir o barulho da minha bolsa.

Eu gostaria de poder pegar minha bolsa. — Onde estamos?

— Lago Garda.

Norte de Verona. Isso significava que passamos pela casa de Conway no caminho, junto com a de Carter. Merda, por que não fiquei com eles por mais tempo para me recuperar? E por que eu tive que ir nesse encontro? Se eu tivesse seguido um caminho diferente na noite passada, não estaria a caminho de um lago gelado onde ele jogaria meu corpo. — Eu não vou deixar você me afogar naquele lago.

Ele riu, divertido mais uma vez. — Não acho que você esteja em posição de dar as cartas.

— Por enquanto, — eu disse ameaçadoramente. — Mas eu garanto a você, eu vou.

Cada canto de sua boca se ergueu em um largo sorriso. — Eu nunca tive um prisioneiro mais divertido. Eles costumam chorar por um tempo. Então eles começam a implorar. Eles nunca lutam de volta. Mas você é uma anomalia.

— Porque você não quer mexer comigo.

— Irônico, — disse ele. — Você também não quer mexer comigo. — Ele finalmente virou a cabeça na minha direção, sua bela expressão dura, mas divertida. Ele se virou de volta para a estrada, seu queixo esculpido tão duro que parecia que alguém o cortou com uma faca. Homens tão bonitos não deveriam ser assassinos em série. Ele poderia ter tido uma vida muito diferente se quisesse.

— Por que você está fazendo isso?

— Precisa ser mais específica, baby.

Ugh, eu odiava essa palavra. Eu odiei o jeito que soava em meus ouvidos. — Por que você está matando homens inocentes em becos escuros?

— Por que você acha que ele é inocente? — Ele rebateu. — Ele poderia ser ainda mais malvado do que eu.

— Porque você me levou. E tenho quase certeza de que sou tão inocente quanto eles vêm.

Ele começou a sorrir novamente. — Você estava no lugar errado na hora errada. Inocente ou não, não posso deixar você fugir.

— Por quê? — Eu exigi. — A polícia tem medo de você. Então, para quem eu poderia contar?

Sua mão apertou o volante e ele olhou pela janela da frente. As bordas das janelas estavam congeladas com gelo e, embora o aquecedor estivesse ligado, ele não conseguia combater as temperaturas congelantes. — Eu sei quem você é, Vanessa Barsetti. Existem pessoas piores que você poderia dizer.

Meu sangue de repente ficou gelado, mais frio do que a neve lá fora. Eu estive com medo esse tempo todo, mas agora meu terror atingiu um novo nível. Eu esperava que ele me deixasse ir porque eu era uma ninguém inocente. Mas agora que ele sabia quem eu era não havia como voltar atrás. Se ele me soltasse e eu contasse à minha família, eles iriam caçá-lo até que não houvesse mais nada dele. As chances de repercussão eram grandes demais. A família Barsetti era muito mais formidável do que toda a força policial. Ele deve ter olhado minha carteira de identidade quando eu desmaiei e reconheceu meu sobrenome.

Meu coração começou a bater mais forte e, apesar do frio, minhas palmas ficaram suadas. Mesmo se eu pudesse alcançar meu telefone agora, provavelmente não teria sinal.

Porra, isso era ruim.

Eu tinha acabado de escapar de Knuckles um mês atrás e agora estava sendo levada novamente. Mas desta vez, meu oponente era muito mais aterrorizante e inteligente. As tentativas que fiz para fugir do meu captor da última vez não funcionariam agora.

Mas isso não significa que eu não tentaria.

Meu pai ficou muito orgulhoso de mim quando escapei. A emoção estava em seus olhos como nunca antes.

Eu tinha que deixá-lo orgulhoso novamente.

Joguei minhas mãos no console central e agarrei o volante, determinada a fazê-lo bater em uma pilha de neve ou em uma árvore. Empurrei o volante para a esquerda, mas seu aperto era muito forte.

Ele pisou fundo no acelerador, empurrando a van em alta velocidade. Então ele virou o rosto para mim, seu olhar tão intenso que parecia o submundo. Com apenas uma mão, ele conseguiu manter o volante reto. Ele deixou a van voar pela estrada gelada enquanto zombava de mim com seu olhar. Ele me desafiou, sem medo do desconhecido à nossa frente.

Eu puxei o volante novamente, mas seu aperto era muito forte. Agora estávamos descendo a estrada gelada a noventa e se eu não recuasse ambos seríamos mortos ao bater de cabeça em uma árvore.

Seus olhos azuis eram maliciosos, inflexíveis de falta de medo. A morte não o assustou. Ele preferia ter certeza de que o acidente matou nós dois do que arriscar minha fuga. — Solte ou nós dois morreremos.

Uma garantia de morte anularia o propósito disso. Então me soltei e voltei para o meu lugar.

Ele levantou o pé do pedal.

Ele diminuiu a velocidade antes de fazermos uma curva na estrada. Ele virou na curva e evitou que a van saísse ao controle. Então, como se nada tivesse acontecido, descemos o caminho com pilhas de

neve de cada lado.

Pressionei minha testa contra a janela e suspirei. — Porra.

— Eu admiro sua bravura. Mas não admiro a sua estupidez.

Eu mantive meu olhar para fora da janela. — Deixe-me ir e prometo que não direi nada à minha família. Vamos fingir que nunca aconteceu. Você não quer estar nesta situação. Se descobrirem que foi você quem me matou, eles nunca vão parar até que você e toda a sua família estejam mortos.

— Bem, eles já mataram minha família, então isso é uma coisa a menos na lista...

Virei minha cabeça para ele. — O quê?

Ele olhou para frente. — E eu não me importo se eles vierem atrás de mim. Isso me dará a oportunidade de matar o resto. Então, não, deixar você ir não é uma opção. Eu quero que eles saibam que eu matei você. Eu quero que eles sofram. Deixar você ir roubaria minha vingança. Confie em mim, vou matar você. Eu só tenho que torná-lo bom.

— Mas você me encontrou por acaso.

— Foi por acidente? — Ele disse calmamente.

Minha pele se arrepiou com inchaços. — O que minha família fez com você? Eles são pessoas pacíficas. Você deve estar confuso.

— Não. — Ele diminuiu a velocidade quando chegou a uma curva na estrada. Ele foi para a direita e desceu o caminho desgastado. — Eu definitivamente não estou confuso. — Os pneus rangeram na neve quando nos aproximamos da beira do lago. A água não estava congelada, mas nesta época do ano, os picos ao redor estavam cobertos de neve. Os turistas afluíam aqui todo verão, mas no inverno, era abandonado.

Não haveria ninguém por quilômetros. Meus gritos não fariam diferença. — E quanto ao homem atrás? Ele estava apenas no lugar errado na hora errada?

— Eu não me preocuparia com ele. Você ainda está viva, então eu me preocuparia com você agora. — Ele desligou o motor e saltou da van.

Minha respiração aumentou e comecei a entrar em pânico. Eu normalmente conseguia manter a calma mesmo nas piores circunstâncias, mas agora que não havia esperança, eu realmente sentia que minha morte era iminente. Meus pais me amavam muito e nunca superariam minha morte. Meu irmão também ficaria arrasado, junto com o resto da minha família. Eu não queria que eles sofressem. Mesmo se ele me afogasse no lago gelado, eu não sofreria tanto quanto eles.

Pense Vanessa.

Ele abriu a porta dos fundos da van e arrastou para fora o corpo de sua primeira vítima.

Eu me virei em minha cadeira para olhar para ele. — O que você está fazendo?

— Jogando-o no lago. — Ele arrastou o corpo pelo chão e pela neve em direção à água. As chaves da van estavam no bolso dele, então eu não pude tirar. Meu pai nunca me ensinou como fazer uma ligação direta em um carro, mas eu abri o compartimento embaixo do volante e tentei. Havia muitos fios e não consegui descobrir o que cortar e o que não cortar. Eu arranquei todos eles apenas para ser rancorosa. Depois que ele me matou, eu esperava que seu motor não pegasse. Talvez ele morresse congelado aqui.

Bem feito a ele.

Quando me inclinei, percebi um pequeno pedaço de metal sob seu assento. Olhei pela janela para vê-lo arrastando o corpo até o final

do cais. Ele estava quase no fim de onde empurraria o cadáver para o lago.

Eu me virei e agarrei o metal.

Foi uma arma.

A porra de uma arma.

Sim.

Sentei-me ereta e verifiquei o cano.

Uma bala.

Eu não podia perder.

O homem chutou o cadáver para a água e se virou. Ele caminhou de volta em minha direção.

Agora que eu tinha alguma esperança em minhas veias, minhas mãos não paravam de tremer. Este momento era sobre vida ou morte. Se eu não mirasse com perfeição e o acertasse bem no coração ou no crânio, explodiria minha única chance.

Eu não ia perder.

Esperei até que ele estivesse perto da van antes de abrir a porta e sair. Eu mantive a arma escondida ao meu lado para que ele não percebesse imediatamente.

Ele tinha pelo menos 1,83m, era alto e musculoso. Ele estava cheio de músculos, e ele se mantinha com uma postura formidável o tempo todo. Seus olhos azuis podem ter sido bonitos, mas eram assustadores. Seu olhar foi direcionado a mim, um presságio do que viria a seguir. — Sua vez, baby.

— Não me chame de baby. — Eu aponte a arma e aponte direto para seu coração. Não hesitei em procurar o terror em seus olhos. Não me dei tempo para pensar em nada. Eu só tinha que matar esse cara.

Eu puxei o gatilho.

Eu perdi seu coração, mas o acertei no ombro.

Seu corpo estremeceu ligeiramente com o impulso da bala, mas nenhuma vez sua expressão mudou. Ele não mostrou dor ou medo. Como se estivesse recebendo uma injeção no consultório médico, foi apenas um beliscão rápido.

Ele parou em seu caminho enquanto olhava para mim, e sua expressão furiosa mudou para um olhar completamente diferente. Intenso, territorial e assustador, ele olhou para mim como se eu fosse sua próxima vítima. Seu peito subia e descia em um ritmo mais rápido, a adrenalina disparando em seu sangue.

Eu ainda tinha a arma, então tinha algo com que bater nele.

Mas ele também tinha uma arma. Estava em seu quadril. Tudo o que ele precisava fazer era puxá-la para acabar com minha vida ali mesmo.

Mas ele não fez.

Ele me atacou, movendo-se em um ritmo rápido sobre a neve e indo direto para mim.

Eu levantei a arma para acertá-lo no crânio.

Sem olhar para ele, ele agarrou meu pulso e o esmagou contra a lateral da van, forçando meus dedos a soltar a coronha da arma. Ela caiu na neve quando meu corpo foi pressionado contra a porta da van.

Uma mão se moveu em meu cabelo e ele esmagou sua boca na minha.

E me beijou.

Ele me beijou agressivamente, como se estivesse querendo fazer isso nas últimas horas e finalmente cedeu. Seu corpo enorme

pressionou contra mim e ele soprou ar quente em meus pulmões. Estava silencioso lá fora, o eco do tiro há muito desaparecido.

Ele sentiu meus lábios com os seus, sugando meu lábio inferior antes de migrar para o topo. Sua boca trabalhou na minha, assumindo a liderança e me acariciando como um homem perdidamente apaixonado por uma mulher. Havia mais paixão naquele abraço do que qualquer outro homem já havia me mostrado. Seu pau estava duro em sua calça jeans, e eu podia senti-lo pressionado contra mim.

Era um monstro, assim como ele.

Aconteceu tão rápido que não tive tempo de pensar no que estava fazendo. Mas eu o beijei de volta, meu corpo naturalmente seguindo o dele. Eu nunca tinha sido beijada assim, com tal posse masculina. Este homem não me deu a chance de decidir o que eu queria. Ele apenas me pegou, como se já fosse meu dono.

O sangue escorria de seu ferimento e pingava em sua jaqueta de couro. Ele caiu na minha jaqueta e nas pontas dos dedos, quente devido às temperaturas frias. Ele estava sangrando muito, mas isso não o impediu de me dar o melhor beijo da minha vida. Isso não impediu que o sangue lhe desse uma enorme ereção.

Eu nunca conheci um homem assim.

Ele agarrou meu cabelo com mais força, assumindo o controle à força. Sua língua veio em seguida, deslizando em minha boca e encontrando a minha.

Minha língua dançou com a dele, o abraço sedutor me fazendo esquecer o frio.

Embalada com calor, desespero e química, o beijo foi excepcional. Tinha que ser devido às circunstâncias.

Então ele terminou abruptamente, puxando sua boca quente e me deixando exposta ao ar frio mais uma vez. — Coloque sua bunda na

van. — Ele pegou a arma vazia do chão e sentou-se no banco do motorista.

Minhas costas ainda estavam para a porta enquanto eu considerava o que tinha acontecido. Eu ainda estava respirando com dificuldade, processando o momento de euforia que acabei de sentir. Atirei no cara com a intenção de matar.

E sua resposta foi me beijar.

O motor rugiu para vida.

Isso significava que ele não iria me matar?

Ele tocou a buzina.

Eu saltei disso e sentei no banco do passageiro. Afivelei meu cinto de segurança e observei a clareira desaparecer enquanto voltávamos para a estrada. — Isso significa que você não vai me matar?

Ele entrou na estrada principal, mas não voltou por onde viemos. — Oh, com certeza vou matar você.

Capítulo 2

Bones

Vanessa Barsetti.

Com lindos cabelos negros e pele morena italiana, ela era uma beleza. Seus olhos verdes contrastavam com seus traços exóticos, tornando-os surpreendentes e expressivos. Quando eu estava prestes a massacrá-la na calçada com uma faca, tive um vislumbre de suas feições na escuridão.

E eu a reconheci.

Não planejei, mas ela caiu bem no meu colo. Eu não acreditava em destino.

Mas eu acreditava em carma. Ela veio até mim por um motivo, passou por aquele beco porque deveria.

Dessa forma, eu poderia pegá-la e fazer o que precisava ser feito.

A guerra de sangue nunca terminou. Foi simplesmente pausada.

Eu dirigi pela estrada escura e virei à esquerda, longe do lago. Comecei a subida ventosa ao topo da montanha, para um pedaço de propriedade que comprei há muito tempo. Não havia outra casa à vista e, como o terreno era difícil de escalar, era o refúgio perfeito para minhas atividades criminosas.

Dirigi vinte minutos montanha acima com neve com Vanessa em silêncio ao meu lado. Eu disse a ela que iria matá-la, e foi sério. Ela

deveria aproveitar seus últimos minutos de vida o melhor que pudesse, porque ela não tinha muito tempo sobrando.

Eu só tinha que decidir a maneira perfeita de matá-la.

Para fazer doer.

Afogá-la em um lago congelado teria sido muito rápido. Eu queria que seu corpo fosse mutilado. Eu queria devolvê-la ao Crow Barsetti em pedaços, para que ele pudesse olhar para sua única filha e cair em lágrimas.

A maneira como minha mãe olhou para meu pai depois que Pearl Barsetti o esfaqueou com uma faca.

Eu já sabia que Vanessa era linda porque tinha visto suas fotos ao longo dos anos. Mas vê-la pessoalmente não fazia justiça a essas fotos. Ela herdou as qualidades italianas do pai, mas manteve a beleza da mãe. Como resultado, ela era linda.

Até eu tive que admitir.

Meu braço começou a ficar dormente quando chegamos à minha vila no topo da montanha. O sangue vazou para dentro da minha jaqueta e jeans, e se eu não remendasse logo, poderia ter que ir para o hospital.

Quando eu a beijei, foi apenas instintivo. Esta mulher lutou comigo a cada passo do caminho. Ela se esforçou para continuar quando qualquer outra pessoa teria desistido. Quando ela não conseguiu ficar de pé, ela rastejou. E quando ela não conseguia engatinhar, ela não hesitou em me dizer para me foder. Enfiei aquele teaser em seu pescoço várias vezes e por um longo período, o suficiente para fazê-la desmaiar.

Mas isso não a atrasou.

Isso me irritou, mas também me impressionou.

Eu nunca conheci uma pessoa como ela.

As probabilidades estavam contra ela, mas ela nunca mostrou medo. Ela nunca se curvou sob o peso da situação. Orgulhosa e forte, ela mantinha a cabeça erguida. Quando ela não fugiu, ela tentou nos tirar para fora da estrada. Quando eu fui até o lago, ela tentou fazer uma ligação direta no carro. Quando eu estava de costas, ela encontrou minha arma debaixo do assento.

E ela atirou em mim.

Ela atirou em mim, porra.

Não houve hesitação antes de puxar o gatilho. Ela mirou no meu coração, com a intenção de me matar e me deixar lá fora, na neve.

Porra, isso me deixou tão duro.

Fiquei excitado ao ver uma mulher se submeter, ao ver uma mulher implorar por sua liberdade. Mas não era nada comparado a assistir uma mulher lutando assim. Eu nunca tinha visto uma mulher tão alta e ereta. Nunca vi uma mulher fazer nada para sobreviver.

Ela não me disse que eu não era um monstro ou tentou me convencer a deixá-la ir. Ela não tentou se humanizar. Ela sabia exatamente o que eu era e não adoçava.

Fui forçado a respeitá-la.

Puxei a van para a garagem da minha Villa, bem ao lado dos meus outros carros e caminhões, e então entramos. A casa estava quente e o fogo rugia na lareira. O tapete vermelho tirou a sujeira e a neve de meus pés, mas Richard iria limpá-lo quando eu fosse para a cama.

Vanessa parou e olhou em volta, estudando os arredores enquanto procurava por uma arma.

Eu não esperava nada menos.

Peguei o kit de primeiros socorros enfiado em uma estante e me sentei em um dos sofás em frente ao fogo.

Ela continuou olhando ao redor.

— Sente. — Abri a caixa e tirei o equipamento de costura.

Ela ficou na frente do sofá, os braços cruzados sobre o peito. A luz das chamas fez seus olhos se destacarem como joias.

Puxei a linha e a agulha. — Confie em mim, você não quer que eu mande de novo. — Eu puxei minha jaqueta de couro, que agora estava endurecida com meu sangue. Em seguida, puxei minha camiseta de mangas compridas sobre a cabeça e a coloquei na mesa de café.

Seus olhos se moveram pelo meu corpo, examinando minha infinidade de tatuagens e músculos. O sangue estava cobrindo a maior parte da tinta da minha mão esquerda. Pedi a um artista que desenhasse todos os ossos do meu braço e da minha mão, mostrando uma radiografia com tinta. Era uma manga de tatuagens que me representava da forma mais clara possível.

— Por que eu deveria ouvir você?

— Porque vou colocar sua mão no fogo só para ver você gritar. — Eu olhei para ela, dizendo para sentar logo.

Ela tomou a decisão certa e se sentou. — Eu sei como colocar a linha, mas nunca fiz pontos antes.

— Eu vou te guiar. — Peguei a pinça, enfiei-a na carne e retirei a bala. Joguei na mesa de café onde os convidados bebiam seu conhaque. Em seguida, cobri a ferida com uma gaze grossa, imune à dor por ter levado tantos tiros. Minha tinta tornava os buracos de bala difíceis de ver, mas as mulheres com quem me deitei adoravam tocá-los com a ponta dos dedos enquanto eu as fodia contra minha cabeceira. Depois que pressão suficiente foi aplicada para diminuir o sangramento, derramei uma garrafa de vodca sobre ele e disse a ela para começar a

costurar.

Ela me ouviu e fez o trabalho.

Em seguida, enrolei em gaze e prendi no lugar.

Ela colocou seus instrumentos na mesa, que estavam endurecidos com sangue. — Eu me desprezo pelo que acabei de fazer.

— Queimaduras de terceiro grau são brutais. Você estaria chorando no chão agora.

Richard, meu zelador, entrou na sala de estar da entrada. Ele era um homem mais velho que eu encontrei morando nas ruas de Milão. Ele perdeu sua esposa para o câncer, e seu único filho morreu em um acidente de carro. Ele tinha sido despedido, de seu trabalho e nunca mais se levantou. Sem vontade de viver, ele se contentou com as ruas congeladas de Milão. Então, eu ofereci a ele um emprego trabalhando para mim. — Senhor é tudo... — ele parou de falar quando viu Vanessa.

Eu disse a Richard para parar de me chamar de senhor, mas ele nunca me ouviu. Senhor era um título de merda para um idiota egoísta. Eu era um assassino e não merecia ser tratado tão apropriadamente. Eu ganhava a vida sem honra e não queria fingir que havia algo de honrado em mim. — Richard remova todas as armas guardadas na casa e tranque-as no cofre. Desligue o Wi-Fi e desligue o serviço de celular. Minha convidada é uma lutadora.

— Claro senhor. — Richard recebeu a instrução sem pensar duas vezes sobre isso. — Algo mais?

— Estou morrendo de fome. Por favor, faça o jantar.

— Imediatamente. — Ele saiu andando e nos deixou sozinhos na entrada.

Peguei uma garrafa de scotch e me servi de uma bebida. Eu engoli em um único gole, querendo que o líquido queimasse uma fogueira na minha barriga. Eu enchi meu copo novamente.

Vanessa observou meus movimentos. — Você está sendo rude.

— Mesmo? — Eu perguntei sem interesse. — Essa grosseria acabou de começar agora? Porque eu tenho sido um idiota desde o momento em que conheceu. A menos que seus padrões estejam mudando em tempo real.

Seus olhos verdes queimaram de irritação. — Se você vai me matar, posso pelo menos beber alguma coisa?

— Você quer scotch? Não um vinho chique de Barsetti?

Ela pegou a garrafa e bebeu direto dela. Ela tomou um longo gole antes de pousá-lo, algumas gotas caindo em seus lábios. — O que agora?

— O quê? Você quer que eu te mate neste segundo?

— O que você está esperando? — Ela rebateu.

— Eu tenho que fazer isso da maneira certa. Eu quero que isso afunde na cabeça do seu pai e nunca desapareça.

Seus olhos se estreitaram com hostilidade desenfreada. — O que minha família fez com você?

Se ao menos ela entendesse como ficava bonita quando estava com raiva. Era uma pena que eu tivesse que matá-la e jogar seu corpo na porta de Barsetti. Ela estava pagando pelos pecados dos pais, mas a mesma coisa aconteceu comigo. — Eles arruinaram minha vida.

— Como assim?

— Eles mataram meu pai. Minha mãe ficou sem nada porque seus inimigos levaram tudo. Ela recorreu à prostituição para cuidar de nós. E então um cliente a assassinou e deixou seu corpo em uma lixeira. Eu tinha dez anos na época.

Apesar das circunstâncias injustas em que se encontrava, os

olhos de Vanessa se suavizaram em uma expressão de pena.

— Não se preocupe, — eu disse. — Eu matei o cara. Deixei o corpo em uma lixeira.

— Sinto muito pela sua mãe. — Vanessa não hesitou em responder ou me dizer o quê. Ela era honesta e violenta. Se ela se desculpou, foi apenas porque quis dizer isso. O fato de que ela podia ver além de nossas diferenças e realmente ter empatia por mim me fez sentir um pouco culpado pelo que eu estava prestes a fazer com ela.

Mas isso não mudaria minha opinião sobre isso.

— Mas se meus pais mataram seu pai, deve ter sido por um motivo.

E isso foi justificado. Mas resultou na minha vida se tornando um show de merda. — Meu pai tomou sua tia como escrava e a matou...

— Bones? — Seus olhos eram os mais arregalados que eu já tinha visto. — Seu pai era Bones? — Ela parecia fazer a conexão porque olhou para minha manga de tatuagens.

— Sim.

Ela respirou fundo, processando os milhões de emoções que acabaram de passar por ela.

Eu continuei a história. — Meu pai comprou sua mãe do Subterrâneo e a manteve como sua nova escrava. Seu pai a roubou e inesperadamente se apaixonou por ela. E então, juntos, eles mataram meu pai.

Isso deve ter sido novidade para Vanessa, porque seus olhos suavizaram em derrota. Um fino filme de umidade cobriu a superfície de seus olhos, e seus lábios tremeram ligeiramente. — Minha mãe... Ele fez isso com ela? — Foi a primeira vez que ela demonstrou fraqueza, emoção avassaladora. Ela cobriu o rosto com as mãos e fechou os olhos, cedendo à emoção e lutando ao mesmo tempo. Seu peito arfou

quando ela sufocou os soluços. — Não...

Eu desviei o olhar, não querendo ver essa mulher forte quebrar na minha frente. — Pare de chorar. — O barulho era irritante. Não gostei de ouvir a maneira como ela respirava, a maneira como ela fungava quando seu nariz começava a escorrer. Foi a primeira vez que ela chorou na minha frente, e foi por causa da dor de outra pessoa.

Ela baixou as mãos e fechou os olhos com mais força, como se estivesse disposta a parar. — Eu disse que sentia muito por sua mãe. Como você pode não simpatizar com a minha?

Minha resposta foi simples. — Porque eu sou um monstro. Você não é. — Tomei outro gole do meu uísque, deixando o licor queimar minha garganta enquanto descia. — Isso me deixou em diferentes orfanatos sem um centavo no meu nome. Eu era apenas mais uma criança pobre no sistema quando deveria ter herdado bilhões. Meu legado foi arrancado de mim e me transformei em outro mendigo na rua. Tornei-me um homem, endurecido por minhas experiências. Eu fiz minha própria fortuna, mas nunca me esqueci de onde vim e quem tirou o que era meu por direito.

Vanessa olhou para o tapete no chão, os olhos ainda úmidos das lágrimas que acabara de derramar. — Eu sinto muito pelo que aconteceu com você. Mas meus pais fizeram o que tiveram que fazer. Não vamos fingir que seu pai era um bom homem. Você acabou de admitir que ele era um estuprador. Ele machucou duas mulheres da minha família, incluindo minha homônima. Como você poderia esperar que minha família fizesse algo diferente? Não tenho vergonha de dizer que estou feliz por seu pai estar morto. O mundo é um lugar melhor sem ele, e ele recebeu o que merecia.

Meus olhos se voltaram para o rosto dela, a ameaça distinta em minha expressão.

Ela não vacilou. — E vou dizer de novo estou feliz que ele esteja morto.

Minha palma se contraiu antes de eu atingi-la. Eu golpееi seu rosto com as costas da mão, batendo com tanta força que ela rolou no chão. — Diga isso de novo.

Ela rapidamente se levantou, recusando-se a ficar no chão para se recuperar. Seu rosto estava vermelho pela impressão da mão que deixei. — Estou feliz que seu pai de merda está morto. E espero que meus pais o tenham feito sofrer.

Eu me lancei em sua garganta, agarrando-a com força e apertando para que ela não pudesse respirar. Eu queria matá-la assim, levantar seus pés do chão e vê-la sufocar. Eu não estava delirando sobre minhas raízes. Meu pai era um homem mau. Ele tratava as mulheres como animais, saindo para machucá-las. Mas se ele ainda estivesse vivo, minha vida teria sido melhor. — Retire, e eu vou deixar você viver.

Ela segurou meu olhar, segurando meu pulso enquanto tentava se esquivar.

— Leve-a de volta.

Ela cravou as unhas no meu pulso e cuspiu no meu rosto.

Eu a joguei com força no chão, fazendo-a bater contra a madeira.

— Nunca. Eu prefiro morrer. — Ela cuspiu na minha cara novamente. — Minha mãe é a melhor pessoa que eu conheço, e o fato de seu pai ter feito isso com ela... — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Na vida e na morte, ele é meu inimigo. Você é estúpido por esperar que eu pense o contrário. E eu prefiro morrer aqui mesmo a trair minha família mesmo que eles não estejam aqui para testemunhar isso. — Ela ficou de joelhos e expôs o pescoço, inclinando a cabeça para trás. — Corte minha garganta e me mate. Estripe-me como um porco. Eu não dou à mínima.

Minha mão se contraiu ao meu lado, mas por um motivo diferente. Eu tinha um temperamento sério e sufoquei minhas vítimas

até a morte muitas vezes. Apesar da maneira como ela me insultou, senti uma restrição invisível. Ela impôs meu respeito mais uma vez. O sangue Barsetti corria em suas veias como o rio Nilo, e era inconfundível que Crow Barsetti era seu pai.

Uma parte de mim teve pena dela, por dizer a verdade sobre sua mãe quando ela não tinha ideia. Seus pais provavelmente a protegeram dessa verdade, sabendo que isso traria lágrimas aos seus olhos. Nenhuma mãe queria que seu filho soubesse que foi estuprada.

Eu estava em conflito. Tive pena dela, mas também queria matá-la.

Ela recuou e respirou fundo agora que minha mão não estava mais em volta de sua garganta. — Qual é o seu nome?

— Você sabe meu nome.

— Não, você nunca me contou.

Eu levantei meu braço esquerdo, mostrando a manga de tatuagens que retratava os vários Bones do meu membro.

Seus olhos se estreitaram. — Seu pai é seu homônimo. Minha tia é minha.

— A guerra de sangue nunca acabou, Vanessa. Está apenas começando.

Ela ficou de pé, segurando-se com orgulho, apesar do fato de que ela tinha a metade do meu tamanho e possuía apenas uma parte da minha força. — Você é um homem rico agora. Você fez isso por conta própria depois de vir do nada. Meu pai diria que esse é o verdadeiro teste de um homem, fazer algo do nada, ficar em pé sobre os próprios pés. Você pode seguir em frente e começar de novo. Você pode acabar com esta guerra para sempre e mudar nosso destino. Deixe o passado ir. Estou disposta a fazer isso se você estiver.

Apenas um segundo atrás, ela estava lívida e emocionada. Agora

ela era pragmática mais uma vez, deixando de lado seu ódio e se concentrando no futuro. Essa era a qualidade de um líder, de um sobrevivente. Sua inteligência era aguçada e sua resiliência admirável. — Minha mãe não estaria morta agora se meu pai estivesse vivo.

— Minha tia não estaria morta se seu pai não a tivesse matado.

Eu a encarei, sabendo que ela tinha a vantagem na discussão.

— Não espere que eu peça desculpas quando minha família foi à vítima de tudo isso. Retaliamos porque era necessário. Minha família se afastou de suas vidas anteriores e viveu em paz fazendo vinho. Deixe ir.

— Eu não posso.

Ela suspirou profundamente, seus olhos se estreitando. — Você não pode ganhar isso, Bones. Mesmo se você me matar e satisfizer sua necessidade delirante de vingança, meu pai não vai parar até que você seja destruído. Esta é uma missão suicida.

Minha vida não tinha valor. Eu estava muito fodido da cabeça para viver uma vida normal. Eu passava meu tempo com prostitutas e ganhava a vida como assassino profissional. Diversão não estava em meu vocabulário. Talvez se minha vida fosse diferente, eu teria uma chance melhor. Os Barsettis eram um clã próximo, leais uns aos outros e felizes. Isso me fez odiá-los ainda mais. — Eu sei.

Capítulo 3

Vanessa

Bones guiava-me para um quarto no segundo andar. — Richard tem roupas para você na cama. — Ele girou a maçaneta e abriu a porta. Ele se virou, como se a conversa tivesse terminado.

Eu estava mais confusa agora do que antes. — Achei que você fosse me matar.

Ele ainda estava sem camisa porque sua camisa e jaqueta estavam encharcadas de sangue. Ele se virou lentamente, um homem cheio de músculos e força. Tatuagens cobriam a maior parte de sua pele, mas a tinta preta não conseguia esconder a definição de seu abdômen e a espessura de seus peitorais. Construído como uma casa de tijolos, ele era enorme. Os músculos de seus braços incharam. A única suavidade que ele possuía eram seus olhos azuis. Eles eram muito bonitos para pertencer a um homem tão rancoroso e frio. Eu me perguntei se ele os herdou de sua mãe porque seu pai não merecia tê-los. — Ansiosa por isso?

— Só quero saber o que está acontecendo. — Uma parte de mim esperava que ele mudasse de ideia. Eu precisava que ele me soltasse. Eu também era jovem para morrer, e meus pais já haviam sofrido o suficiente. Eles não deveriam ter que perder sua única filha.

— Leva tempo para planejar a morte perfeita. — Ele deu as costas para mim e foi embora, os músculos de suas costas ondulando enquanto ele se movia. Ele tinha um arco profundo nas costas e sua coluna tinha músculos de cada lado.

Eu esperava que ele me levasse contra a minha vontade, especialmente depois que ele me beijou contra a van. Mas se ele fosse fazer isso, já teria acontecido. Entrei no quarto e fechei a porta atrás de mim. A porta não podia trancar, então suspeitei que este era o lugar onde seus outros prisioneiros ficavam. O quarto era simples, com apenas uma cama, uma única mesa de cabeceira e uma janela. Não havia barras do lado de fora, e eu sabia que era porque não havia para onde correr. Eu morreria na neve e me perderia na escuridão se tentasse.

Sentei-me na cama e puxei os joelhos contra o peito. Agora que eu estava sozinha sem uma testemunha, as lágrimas queimaram meus olhos. Pensei em minha mãe, nas coisas horríveis que aconteceram com ela.

Minha mamãe.

Bones a estuprou e a manteve como prisioneira. Ela provavelmente foi espancada do mesmo jeito que minha tia. Ela provavelmente sofreu todos os dias até que meu pai a resgatou. Ele cuidou dela e eles se apaixonaram. Minha mãe nunca disse onde eles se conheceram, e seu passado sempre parecia estar envolto em mistério.

Agora entendi porquê.

Meu coração estava partido com o conhecimento.

Isso me matou.

E se eu morresse neste lugar, isso os matariam também.

Eu precisava encontrar uma saída.

Bones era um homem fiel à sua palavra, e embora seu motivo para me matar fosse injusto, eu não duvidei que ele quis dizer isso. Ele queria me fazer sofrer para machucar minha família. Colocar uma bala na minha cabeça e acabar com ela rapidamente era muito misericordioso.

Ele tornaria isso doloroso.

Talvez até insuportável.

Pensei naquele beijo contra a van. Não fazia sentido. Eu atirei nele e ele me beijou em resposta. Ele me beijou como se nunca quisesse mais uma mulher. Essa foi uma reação normal para ele? Ou havia algo em mim que ele achava atraente?

A última coisa que eu queria fazer era tocá-lo, mas seduzi-lo pode ser minha única maneira de sair disso.

Ele era um homem bonito e eu gostei daquele beijo. Transar com ele pode não ser tão ruim. E se salvar minha vida, vale a pena. Sexo era apenas sexo. Se eu protegesse minha mente, ficaria bem. Era um pequeno preço a pagar se eu saísse viva de lá.

E de volta para minha família.

Eu não dormi a noite toda.

Eu estava muito paranoica sobre o que poderia acontecer se eu fechasse os olhos. Eu estava na casa do meu inimigo e não podia baixar a guarda quando estava tão vulnerável. Se ele viesse me matar no meio da noite, eu tinha que estar pronta para isso.

Se ele viesse me foder, eu também tinha que estar pronta para isso.

Mas nada aconteceu até de manhã.

Bones não bateu antes de abrir a porta. Seus olhos se moveram para mim na cama, onde me sentei contra a cabeceira com os tornozelos cruzados. Eu ainda estava com as mesmas roupas do dia

anterior e não tinha tomado banho ou lavado o rosto.

Ele estava de jeans escuro e uma camiseta preta, seus olhos brilhantes contrastando com suas roupas escuras. Ele me pegou e absorveu a situação em um piscar de olhos. — Você ficou acordada a noite toda?

Com meus braços cruzados sobre o peito, eu o encarei. — A porta não trava.

— E você acha que uma porta trancada me impediria? — Ele cruzou os braços sobre o peito, a cabeça ligeiramente inclinada.

— O som me daria algum aviso.

— E se eu entrasse aqui com uma faca, você me expulsaria?

Não importava o quão em desvantagem eu estava. Eu não desistiria. — Eu lutaria como o inferno.

Como todas as outras vezes que o diverti, seus olhos se suavizaram um pouco. — Eu respeito isso. Se você não fosse uma Barsetti, eu poderia realmente gostar de você.

— Mesmo se você não fosse filho do seu pai, eu ainda não gostaria de você.

O canto de sua boca se ergueu em um sorriso. — Você tem uma boca e tanto. Eu gostei de beijá-la.

Eu também gostei e me recusei a mentir sobre isso. Ele veria através disso de qualquer maneira. — Estou surpresa que você não se forçou a mim.

Ele inclinou a cabeça um pouco mais. — Você quer que eu me force a você?

— Não — eu rebati. — Estou apenas surpresa. Você me beijou, então presumi que isso viria a seguir.

— Foi só um beijo, baby. Não leia muito sobre isso. — Ele se aproximou da cama, sua mandíbula rígida sem pelos porque ele se barbeou naquela manhã. Agora ele estava com uma aparência limpa. Se eu o encontrasse em um bar ou na escola, meus olhos estariam fixos nele. Se ele não me chamasse para sair em cinco minutos, eu iria até lá e o chamaria para sair eu mesma.

Eu não entendia meu inimigo de forma alguma. Como poderia derrotar alguém que não entendia? Eu atirei nele e ele me beijou em resposta. Nada disso fez sentido. — Por que você me beijou?

— Por que você se importa?

— Eu atirei em você. Eu esperava que você me socasse não me beijasse.

Ele avançou mais perto da cama, sua coxa quase tocando o colchão. — Achei que era quente. A maioria das mulheres também ficaria fraca para puxar o gatilho. Mas você fez... Sem um segundo de hesitação. Você me queria morto. Eu pude ver em seus olhos.

— Eu ainda quero você morto.

Seu sorriso se alargou, o olhar o deixando mais bonito. — Bem aí... Eu gosto disso.

— Você gosta quando eu o insulto?

— Eu gosto de como você está orgulhosa. Acho que tenho uma queda por mulheres orgulhosas...

Agora era minha chance. Eu poderia seduzi-lo, recebê-lo entre minhas pernas. Eu poderia sacrificar meu corpo por minha liberdade. Não era como se eu fosse virgem. Ele era apenas mais um entalhe no meu cinto. Ninguém me julgaria por fazer o que era necessário para sobreviver.

Seus olhos percorreram meu corpo, meu pescoço esguio e meus seios. Ele se moveu mais para baixo em minhas longas pernas antes de

seu olhar voltar para o meu. Ele me encarou por vários segundos, como se estivesse esperando por algo.

Como se ele estivesse esperando que eu lhe desse a permissão.

Ele era um monstro e um assassino. Seu pai era um estuprador, então ele provavelmente também era um estuprador. Eu sabia que ele me queria, sabia que ele queria me foder naquele momento. Mas ele permaneceu imóvel, sem cruzar a linha.

— Você não vai me estuprar.

Seus olhos se estreitaram ligeiramente, escurecendo em intensidade.

— Por quê?

Ele se afastou da cama e se dirigiu para a porta. — Volto para buscá-la em uma hora.

Meu coração disparou. — Você vai fazer isso?

Ele se virou para mim, com a mão na maçaneta. — Eu disse que faria Vanessa. Não importa o quanto eu te respeito. Não importa o quão atraído eu esteja por você. Isso é maior do que nós dois. Eu vou matar você e vou aproveitar isso.

A porta se abriu uma hora depois e ele estava com as mesmas roupas, sua expressão sombria.

Eu fiquei na cama, com muito medo de me mover.

— Podemos fazer isso da maneira fácil ou da maneira mais difícil.

Engoli o nó na garganta, sentindo minhas mãos tremerem de

terror. A hora da minha perdição havia chegado. Não havia nada que eu pudesse fazer para evitar isso. Desejei que minha família viesse me salvar como da última vez, mas eles não tinham ideia de que eu estava desaparecida.

Minha mãe nunca se recuperaria disso.

Minha morte faria meu pai chorar.

Agora eu queria implorar por minha vida, não para que eu pudesse continuar vivendo, mas para que eles não precisassem sofrer.

— Como você vai fazer isso?

Ele ficou na porta, olhando para mim com a mesma indiferença.
— É melhor se você não souber.

Puxei meus joelhos até o peito, meu estômago apertou. Minha respiração aumentou, e agora eu lutava para permanecer corajosa.

Ele caminhou até a cama, seus braços poderosos balançando ao lado do corpo. Com o dobro do meu tamanho e exalando poder, ele era um oponente do qual eu não podia fugir. Eu também não poderia ser mais esperta que ele. Tentei derrotá-lo tantas vezes, mas nunca funcionou. Ele se inclinou e colocou os braços debaixo de mim antes de me levantar.

Eu o deixei me levar.

Ele me carregou para fora do quarto, me tratando como uma pena. Um braço estava sob meus joelhos enquanto o outro apoiava meus ombros.

Passei meus braços em volta do pescoço e enterrei meu rosto em seu ombro, não querendo ver para onde estávamos indo. Agarrei-me a ele como uma mulher se agarra a seu amante, encontrando conforto nos braços do meu assassino.

Foi tão fodido.

Ele me carregou para baixo e para uma sala coberta com plástico azul. Uma câmera foi instalada no canto e havia um saco para cadáveres ao lado, onde ele colocaria meu cadáver assim que terminasse.

Comecei a tremer mais forte.

Ele me colocou no chão e puxou minha camisa pela cabeça.

Eu não lutei não me importei mais.

Ele desabotoou meu sutiã e olhou para meus seios assim que o sutiã foi retirado. Ele parou para olhar para mim, para encarar minha pele morena. Ele examinou meu pescoço, minha clavícula e, em seguida, arrastou os olhos do meu estômago para o topo da minha calça jeans. Ele abriu o botão e baixou o zíper. Ele ficou de joelhos enquanto tirava minhas roupas, puxando meu jeans pelas minhas pernas até que eu estava apenas de calcinha.

Ele agarrou meus quadris e descansou seu rosto contra meu estômago, o desejo escorrendo de seus poros. Ele beijou a parte inferior da minha barriga e, em seguida, tirou minha calcinha antes de puxá-la pelas minhas pernas. Ele beijou minhas coxas até que minha calcinha estivesse nos meus tornozelos.

Era assim que eu morreria.

Nua. Sozinha. Receosa.

Eu merecia coisa melhor.

Ele guardou minha calcinha e enfiou-a no bolso, obviamente para usar mais tarde.

Quando eu estava morta.

— De joelhos. — Ele se ergueu em toda a sua altura, tornando-se escuro e sinistro. A afeição que ele acabou de me mostrar já se foi.

Fiquei de pé em desafio.

Seus olhos se estreitaram. — Não me faça perguntar de novo.

Eu lentamente me coloquei de joelhos.

Ele veio atrás de mim, em seguida, prendeu meus pulsos juntos com braceiras.

Agora eu estava amarrada e indefesa, nua em uma grande folha de plástico, para que meu sangue não danificasse sua bela casa.

Ele passou por mim em direção à câmera.

Eu não queria morrer fraca. Queria manter a cabeça erguida, sair desta vida com respeito e dignidade. Mas eu queria tentar mais uma coisa. — Leve-me. Eu sei que você me quer Bones. Me leve e me mantenha.

Ele parou na frente da câmera, mas não se virou.

Foi um tiro no escuro. Mas ele apenas beijou minhas pernas e minha barriga, e isso não era algo que ele faria com qualquer vítima. Ele pode ser um assassino, mas também era um homem. Ele tinha desejos, e se ele ficasse com minha calcinha, isso significava que ele me queria.

Ele me queria em carne e osso.

— Isso só te daria uma noite. Você me parece uma mulher que prefere morrer sem tocar a vender seu corpo para viver um pouco mais.

Quando se tratava de sobrevivência, eu estava disposta a fazer qualquer coisa. — Quando você me tiver, uma vez não será o suficiente. Você vai me querer mais e mais... E você nunca vai parar de me querer. — Não foi um reflexo de minhas capacidades na cama. Eu estava desesperada para salvar minha vida. Eu diria qualquer coisa para fazer isso parar.

Ele ficou parado, como se estivesse pensando no que eu disse e então ele ligou a câmera.

Não.

Ele abriu uma mala e tirou uma longa faca.

Oh Deus.

Isso estava acontecendo.

Não foi um pesadelo horrível.

Isso era real. Eu estava prestes a ser assassinada e não havia nada que pudesse fazer para impedir.

A única coisa em meu controle era eu.

Recusei-me a sair chorando. Recusei-me a implorar. Eu continuaria a ser a mulher forte que sempre fui. Eu respirei fundo e controlei minha expressão, fazendo o meu melhor para parecer sem medo. Meus pais iriam assistir isso. Eu queria que eles se orgulhassem de minha bravura, mesmo que eu estivesse nua e indefesa.

Bones caminhou atrás de mim, segurando a lâmina ao seu lado. Ele agarrou uma mecha de cabelo e jogou minha cabeça para trás para expor meu pescoço. Então ele pressionou a lâmina contra minha pele. — Alguma coisa que você quer dizer para sua família?

Minha pulsação estava forte no pescoço. Eu podia sentir isso vibrar com meu pânico. Esta foi a última coisa que eu diria nesta vida. Eu queria fazer valer à pena. — Mamãe, papai... Sei que você vai querer vingar-me e caçar este homem pelo que ele fez. Mas, por favor, não faça isso. Deixe essa guerra morrer comigo. Vivam suas vidas em paz e honrem minha memória com uma taça de vinho à noite. Eu lutei com ele todo o caminho e até agora, enquanto ele tira minha vida, ele não me tem. Não faça nada. A última coisa que quero é que mais Barsettis morram por causa desta guerra. Ele quer que você vá atrás dele. Não dê a ele o que ele quer. Por favor. Eu amo tudo em vocês. Adeus. — Fechei

os olhos e esperei que ele cortasse minha garganta. Eu não queria saber quando isso aconteceria.

Mas isso nunca aconteceu. A lâmina permaneceu contra meu pescoço, mas não cavou mais fundo.

Eu continuei esperando.

Sua mão começou a tremer.

Eu abri meus olhos, olhando para a luz vermelha na câmera. Eu não tinha certeza se sentia sua hesitação ou se ele estava apenas curtindo essa onda de poder.

— Porra. — Ele puxou a mão, levando a faca com ela. Ele cortou minhas braçadeiras e foi até a câmera. Em vez de desligá-lo, ele o quebrou no chão e o esfaqueou com a faca. Em uma onda violenta, ele destruiu tudo ao seu redor.

Fiquei muito surpresa com o que aconteceu para me cobrir. Eu o observei quebrar a câmera, esfaqueando-a repetidamente com a faca. Eu vi sua raiva destruir tudo em seu caminho. Seus bíceps incharam de raiva e seu pescoço tenso ficou mais tenso do que o normal. Ele finalmente jogou a faca pela sala, cravando-a cinco centímetros na parede.

Então ele se virou e olhou para mim.

Furiosamente.

A veia em sua testa latejava.

A veia em seu pescoço também latejava.

Todos os seus músculos flexionaram e afrouxaram repetidamente. Um minuto inteiro se passou enquanto o olhar fixo continuava. Ele largou a faca, mas agora parecia que ia me matar com os punhos.

Eu não sabia se deveria estar aliviada ou com medo.

Então ele correu para mim, do jeito que ele correu para mim depois que eu atirei nele. Ele me colocou de costas no plástico, em seguida, enfiou a mão no meu cabelo. Seus lábios esmagaram contra os meus, e ele me beijou mais forte do que da última vez.

Eu o beijei de volta, meu corpo nu debaixo do dele. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas agora que a faca não estava pressionada na minha garganta, eu estava no alto de sobrevivência. Eu não morreria hoje. Talvez ele me matasse mais tarde, mas por enquanto, eu estava segura.

Então, eu o beijei de volta. Fiquei grata quando não deveria estar. Eu me senti segura quando foi ele quem me colocou em perigo. Eu não sabia o que mudou sua mente, mas agora que ele me sufocou com beijos, não importava.

Eu puxei sua camisa sobre sua cabeça, revelando seu físico rasgado. Se a única razão pela qual ele não me matou foi porque ele me queria, eu o deixaria me ter. Isso me daria tempo suficiente para descobrir meu próximo movimento.

Então meus pensamentos se dissiparam quando ele me beijou com mais força, me dando sua língua. Ele respirou em minha boca e gemeu diretamente em meus pulmões. Sua mão cavou em meu cabelo, agarrando-o enquanto ele juntava mais cabelo em suas mãos.

Minhas mãos exploraram seu corpo, sentindo as placas de concreto por todo o seu físico. Seus peitorais eram grandes como pedras, e seu estômago estava marcado com ranhuras entre seu pacote de oito. Sua pele estava quente como fogo e minhas pontas dos dedos queimaram quando o toquei. Minhas mãos se moveram para suas costas em seguida, e eu senti todos os músculos que eu já estava olhando.

Ele era tão poderoso.

O homem mais poderoso que eu já toquei. Eu senti como se estivesse tocando uma fera que não pode ser domada. Ele era todo homem, da cabeça aos pés. Eu nunca estive com um homem que se sentisse tão puramente masculino. Ele até me beijou melhor do que qualquer homem já o fez. Nada sobre isso era romântico. Foi carnal e instintivo, mas espumou com paixão distinta.

Como eu poderia gostar de beijar alguém que odiava?

Eu me movi para seu jeans em seguida, pronto para puxá-lo para baixo para que ele pudesse-me foder. Minha oferta de sexo deve ter mudado sua cabeça. Algo sobre minhas palavras o incomodou o fez repensar o que estava perdendo.

Não me arrependi da oferta que fiz. Eu ainda estava viva, e agora, isso era tudo que importava.

Mas quando mudei para sua calça jeans, ele encerrou o beijo. Ele mudou abruptamente, como se o nosso beijo o tivesse deixado ainda mais irritado do que há um momento. Soprando e bufando ele saiu, então foi embora, deixando sua camisa para trás.

Eu deitei na cobertura de plástico, nua e cheirando a ele. Olhei para o teto, sentindo meus mamilos duros lentamente se achatarem. A transpiração marcou meu corpo porque muita adrenalina circulou pelo meu corpo. Quase morri há cinco minutos.

A única razão de eu ainda estar viva era porque Bones mudou de ideia.

Eu só esperava que ele não mudasse de ideia de volta.

Capítulo 4

Bones

Eu estava sentado atrás de minha mesa, ainda sem camisa porque minha temperatura nunca diminuiu depois de atingir meu ponto de ebulição. Eu estava cheio de raiva, cheio de ferocidade. Olhei pela grande janela para a montanha além, olhando para a neve branca intocada. No inverno, os arredores do Lago de Garda eram lindos e de tirar o fôlego. A solidão me manteve calmo, impediu os pensamentos ruins de descer.

Mas agora, eles não podiam ser ajudados.

As chamas lamberam a madeira e fizeram sons de estalo. Minha garrafa de scotch não foi tocada na mesa. Eu já tinha o bastante para o dia. O sol estava se pondo porque eu estive sentado ali por horas.

E horas.

A calcinha dela ainda estava no meu bolso porque eu pretendia me masturbar com depois que me livrasse do corpo dela.

Porque eu era um doente assim.

Meus dedos pousaram nas têmporas e olhei pela janela, observando a luz se desvanecer e não refletir mais o pó da neve.

Eu estava com a faca na garganta dela. Eu tinha a lâmina bem contra sua pele. Eu podia sentir sua pulsação frenética enquanto seu coração bombeava adrenalina em suas veias. Eu fui para sua vulnerabilidade, em sua submissão. Ela sabia que sua vida estava para

acabar e não havia nada que pudesse fazer a respeito. Minha vingança estava finalmente em minhas mãos.

Mas então seu pequeno discurso me deixou frio.

Ela tirou todo o poder e ela nem percebeu isso.

Ela viu sua morte como um sacrifício, uma maneira de satisfazer minha necessidade de vingança e ao mesmo tempo poupar sua família. Como uma mártir, ela queria que sua morte significasse alguma coisa - fosse o fim da guerra que existiu por três gerações.

Mais uma vez, ela me fez respeitá-la. Respeitei sua visão abnegada. Eu respeitei sua força. Eu respeitei o jeito que ela não chorou no último momento ou cagou nas calças. Ela manteve sua dignidade mesmo quando estava totalmente nua.

Nenhuma mulher poderia fazer isso.

Eu queria matá-la porque ela era uma Barsetti.

Mas eu realmente gostei dessa mulher.

Como você mata alguém de quem gosta?

Me. Foda.

Fiquei no meu escritório por um longo tempo, recusando Richard enquanto ele tentava me servir o almoço e o jantar.

Eu não tinha apetite.

Agora eu não sabia o que fazer. Se eu não fosse matá-la, o que aconteceria? Apenas deixá-la ir? Isso me faria parecer a maior boceta do planeta. Eu perderia todo o meu respeito próprio. E ela contaria a sua família o que eu fiz, para que eles viessem atrás de mim. Eu não apenas perderia minha vingança, mas também perderia minha vida.

Porra, isso era ruim.

— Senhor? — Richard entrou no meu quarto.

Acabei de sair do chuveiro, uma toalha enrolada na cintura. Dormi muito mal na noite anterior, pensando em sua calcinha na minha gaveta. Continuei desejando tê-la matado, e isso me levou à aversão por mim mesmo. Então me revirei à noite toda. — Me chame de Bones, Richard.

— Você tem me dito isso há muito tempo, mas não parece certo.

— Bem, não parece certo ouvir você se dirigir a mim assim.

Ele ficou com as mãos juntas na frente da cintura, vestido com jeans e uma camisa de colarinho. Ele era o zelador da casa, cuidando dela quando eu estava fora, mas eu não o considerava um mordomo, então não havia motivo para ele usar smoking.

— Sim? — Eu me virei para ele, tentando ler seu silêncio.

— Sua convidada está perguntando por você.

Eu a estava evitando porque sabia o que ela pediria. Mas eu não poderia evitá-la para sempre, e homens de verdade não deveriam ter que evitar nada. — Ela está lá fora?

Ele assentiu.

— Mande-a entrar.

— Tudo bem. — Ele saiu e fechou a porta atrás de si.

Vanessa apareceu um momento depois, vestindo um novo par de jeans e uma camiseta que Richard havia fornecido para ela. Não servia porque as roupas eram alguns tamanhos maiores, mas essa mulher poderia usar um maldito poncho e ainda parecer uma modelo. Sem maquiagem e sem penteados, tinha uma beleza natural que sempre a deixava linda. Algo sobre suas maçãs do rosto salientes e belos olhos me deixou duro sob a toalha.

Fiquei olhando para ela, o fogo refletindo em seus olhos esmeralda, fazendo-os arder ainda mais. Eu a observei me olhar diretamente nos olhos, como se ela estivesse fazendo tudo que podia para não olhar para o meu corpo quase nu. Ela já tinha me visto sem camisa, então eu não vi por que isso importava. — Posso voltar em um horário diferente...

— Diga o que você veio aqui dizer. Não perca meu tempo.

— Tudo bem... — Ela limpou a garganta, concentrando-se nos meus olhos. — Eu só...

Deixei cair a toalha na frente dela, sem me importar se ela olhava para o meu pau. Mesmo quando era mole, era impressionante. Mas quando eu estava duro, eu era um gigante.

— Uh... Uau... Tudo bem.

Virei para a minha cômoda e tirei uma cueca boxer preta, um largo sorriso no rosto. Eu os puxei até minha cintura e me virei de volta para ela. — Eu vi você nua. Agora você me viu.

Suas bochechas estavam ligeiramente vermelhas, apesar de sua pele morena. Foi a primeira vez que ela pareceu um tanto agitada. Mesmo quando eu a joguei no chão e ameacei matá-la, ela não perdeu o controle. Mas olhar para o meu pau a deixava tímida.

Isso foi fofo.

Fiquei na frente dela apenas com minha boxer preta. — Sim?

Ela cruzou os braços sobre o peito, pressionando os seios com força. — Você vai terminar de se vestir?

— Estou vestido. — Algumas pessoas achavam que um terno ou armadura eram as roupas mais intimidantes de se vestir, mas eu discordei. Um homem forte e nu era muito mais intimidante. Eu não precisava de um colete à prova de balas para proteção. O músculo por todo o meu corpo era toda a proteção que eu precisava.

Vanessa perdeu a voz de novo, obviamente incomodada com minha nudez. Ela fez o possível para encobrir, mas eu estava começando a lê-la melhor.

— Você dormiu bem?

— Sim. — Sua voz estava forte novamente, como se ela estivesse aliviada com a mudança de assunto. Ela viu meu pau duro, e se eu estava duro, era porque ela estava na sala. Minha protuberância ainda estava na frente da minha boxer, e quanto mais ruborizada ela ficava, mais grossa minha circunferência ficava. — Eu não dormia há mais de quarenta e oito horas, então não poderia ficar acordada mesmo se quisesse.

Eu dormi como uma merda. Mas na noite anterior, quando pretendia matá-la, dormi como um bebê.

— Então o que está acontecendo? — Ela perguntou sem rodeios.
— Você vai me deixar ir?

Essa não era uma opção. — Não.

— Então o quê? — Ela pressionou. — Não vai demorar muito para minha família perceber que estou desaparecida.

— Eles ainda não ligaram para você. — Eu estava de olho em seu telefone. Assim que seus pais ligassem e ela não atendesse, eu teria que me preparar para o pior.

— Eu nunca fico mais de uma semana sem falar com minha mãe.

Adorei o jeito como ela chamava sua mãe assim, com profunda afeição. Eu odiava os Barsettis, mas admirava sua lealdade a eles. Mesmo sob ameaça de tortura, ela se recusou a traí-los. Ela não queria que eles morressem tentando vingar sua morte porque ela se importava mais com a segurança deles do que com sua honra. Ela era uma mulher forte e destemida, ensinada a lutar com tudo que ela tinha. Ela não se sentou e esperou que alguém a resgatasse. — Vamos

cruzar essa ponte quando chegarmos a isso.

— Se você vai me manter, o que vai fazer comigo?

Ela se ofereceu para mim, ofereceu-se para me levar para a cama até que eu estivesse satisfeito com ela. Mas ela me avisou que uma noite juntos não seria suficiente. Eu só queria mais dela. Esse tipo de promessa me despertou, ouvir uma mulher falar de suas habilidades no quarto com tanta certeza. Eu poderia aceitar essa oferta, mas ela só estendeu para salvar sua vida.

Não foi por isso que não a matei.

Recusei-me a dar uma resposta. Eu nunca tive um prisioneiro de longa duração antes. Pessoas morreram nas primeiras vinte horas de meu cativeiro. Havia dezenas de corpos pesados até o fundo do Lago Garda tudo porque eu os coloquei lá.

Vanessa percebeu meu silêncio. — Por que você não me matou?

— Quem disse que ainda não vou?

Ela enrijeceu ligeiramente, mas seu olhar endureceu em resposta. — Se você não fez isso, você não vai.

O canto da minha boca se ergueu em um sorriso. Eu amei a maneira como ela me desafiou, a maneira como ela disse o que pensava. — Eu nunca pensei que você fosse uma mulher estúpida. Não comece a ser estúpida agora.

— Então por que você não me matou?

Eu me aproximei dela, intimidando-a com meu tamanho. Aproximei-me até ficar de pé sobre ela, as costas dos meus dedos estendendo-se para tocar sua bochecha. Ela não tinha nenhum perfume, então senti seu cheiro natural, o cheiro do shampoo que estava em seu banheiro. Meus dedos roçaram sua pele macia, lembrando a maneira como eu dei um golpe com as costas da mão nela com tanta força. Meu pau estremeceu na minha boxer. — Eu não matei

você. Mas isso não significa que vou deixar você ir.

Seus olhos se estreitaram lentamente no meu rosto. — Com licença?

— Você ouviu o que eu disse.

— Você não pode me manter aqui para sempre. Minha família vai me encontrar.

— Você não precisa estar em meu cativeiro para ser minha, Vanessa.

Seus olhos se estreitaram ainda mais, analisando minhas palavras naquele cérebro pequeno dela. — O que isso deveria significar?

— Você vai descobrir em breve. — Eu agarrei o cós da minha boxer e puxei para baixo, revelando os vinte e cinco centímetros do meu comprimento. Eu era grande em todos os lugares certos e muito do jeito que as mulheres gostavam. Eu poderia fazer uma mulher gozar tão facilmente porque eu podia senti-la tão intimamente. Meu pau esticava-as bem separadas, atirando fora seus nervos de forma prazerosa. Meu pau poderia ir fundo, poderia atingi-las no ponto ideal com cada impulso. Eu sabia que Vanessa estava atraída por mim. Sob ameaça de morte, ela me beijou tão forte quanto eu a beijei contra a van. Então eu a beijei novamente depois de poupar sua vida. Ela era o tipo de mulher que lutava contra todas as adversidades, mas quando se tratava do meu beijo, ela não lutava de forma alguma.

E agora ela olhou para meu pau.

Ela adivinhou certo quando disse que eu não a estupraria. Meu pai tinha feito algo terrível para sua tia e sua mãe. Não havia como fingir que suas ações eram aceitáveis. E por respeito a isso, eu não faria isso com ela. Era a única maneira de reparar o que meu pai fez.

Mas isso não significa que eu não queria vingança.

Ela olhou para meu pau por quase trinta segundos antes de olhar para mim novamente. — Você quer que eu te foda?

— É o mínimo que você pode fazer desde que poupei sua vida.

— Você acabou de dizer que poderia me matar mais tarde, — ela rebateu.

Tentei não sorrir com sua inteligência. — Dê-me uma razão para não fazer isso.

Ela segurou meu olhar, absolutamente imóvel. Ela nem estava respirando.

Esperei que ela tomasse a decisão de ir embora ou ficar. Ela tinha todo o direito de dizer não. Ela poderia me dizer para ir embora e voltar para o quarto dela sem nenhuma repercussão. Ou ela poderia me deixar ficar com ela, me fazer sentir melhor sobre a estúpida decisão que tomei de deixá-la viver.

— Se eu te foder, você tem que me deixar ir.

Considerarei o que ela disse, desapontado comigo mesmo por negociar com alguém que não tinha poder. Mas meu pau estava ficando mais duro quando eu estava tão perto de transar com ela. Eu queria socá-la na minha cama, mostrar a ela como um homem de verdade fode uma mulher. — Vou deixar você sair de casa. — Escolhi minhas palavras com sabedoria.

— Promessa?

— Homens como eu não fazem promessas.

— Mas quando o fazem, eles os honram.

Meu pau se contraiu, amando cada palavra que saiu daquela boca bonita. — Eu prometo.

Finalmente satisfeita, ela se aproximou de mim. — Então você

tem um acordo.

No instante em que tive sua permissão, meu braço deslizou ao redor de sua cintura, caindo contra a curva íngreme em suas costas. A camiseta dela estava apertada, então eu podia sentir a estrutura de seu corpo. Eu já tinha estudado seu corpo com meus olhos, mas sentir minha mão deslizar contra seu corpo pequeno foi uma nova experiência. Meu pau pressionado contra seu estômago, longo e enorme. Em vez de beijá-la, pressionei meus lábios em sua orelha. Eu podia sentir sua respiração contra mim, senti-la se agitar no segundo em que o acordo foi feito. Eu agarrei sua nuca e mantive meus lábios plantados no lugar, sentindo a veia em seu pescoço latejar fora de controle. — Aqui está outra promessa, baby. — Meus lábios roçaram sua orelha enquanto eu falava. — Vou fazer você gozar como um homem nunca fez você gozar antes. — Meu pai matou sua tia e estuprou sua mãe, e nós dois éramos inimigos mortais. Mas quando se tratava da química carnal entre nós, isso não importava. O calor estava lá.

Ela respirou fundo em reação.

Recuei, mas mantive minha mão em seu pescoço. Então eu gentilmente a empurrei para baixo, guiando-a de joelhos no tapete frente do fogo.

Ela resistiu a mim, optando por permanecer de pé.

— Baby, você vai querer que ele esteja bem e molhado antes de levá-lo. — Eu imaginei que sua boceta fosse tão pequena quanto o resto dela. Ela seria apertada como uma virgem porque nunca tinha fodido um homem como eu antes.

A maioria das mulheres não tinha.

Sua resistência diminuiu e ela ficou de joelhos.

Acabei de colocar Vanessa Barsetti de joelhos.

Meu pau se contraiu novamente, observando esta mulher poderosa se curvar para mim. Hostil e pouco cooperativa, ela era teimosa como uma mula e orgulhosa como uma rainha. Então, quando ela obedeceu, foi porque ela quis.

E como isso não me fez sentir um rei?

Mulheres como ela transformavam meninos em homens. Eu já era um homem, então o que ela faria de mim?

Um imperador.

Eu dei um passo em direção a ela, segurando a cabeça do meu pau contra meu estômago para que não a atingisse no rosto. Eu queria que ela comesse em minhas bolas, as massageasse com a língua antes de deslizar a língua sobre a veia em meu eixo.

Ela hesitou antes de separar os lábios e dar um beijo no meu saco.

Foi apenas um toque simples, um pequeno começo, mas foi o suficiente para me fazer apertar minha mandíbula e colocar meu corpo no limite. Os músculos infinitos do meu torso se contraíram e meu peito doeu com a respiração que suguei com os dentes. Uma mulher mais sexy nunca beijou minhas bolas.

Ela deu a língua em seguida, passando-a pela minha pele texturizada. A saliva dela se acumulou na superfície e lentamente pingou no tapete embaixo de nós. Então ela chupou uma bola em sua boca, segurando-a no lugar enquanto sua língua massageava.

Porra, ela era boa.

Ruídos de sucção encheram a sala e aumentaram o som do fogo crepitante. Ela se concentrou em minhas bolas por mais alguns minutos, como se estivesse demorando antes de ter que colocar meu pau grande na boca.

Eu tinha a noite toda.

E se ela lutou para colocar meu pau em sua boca, ela definitivamente lutaria para colocar meu pau em sua boceta.

Ela finalmente arrastou a língua pelo meu comprimento, ficando de joelhos enquanto se movia. Sua mão foi para minhas coxas e ela me agarrou para se equilibrar enquanto se movia mais para cima. Quando ela alcançou a cabeça, uma gota de pré-goço já havia se formado. Ela passou a língua nele, recolhendo o suco.

Minha mão agarrou seu cabelo e eu soltei um suspiro áspero.

Ela se abaixou de joelhos e puxou meu pau para baixo, deixando-o paralelo ao chão e apontando diretamente para sua boca. Ela hesitou antes de pegá-lo, ciente de que meu tamanho seria um problema.

O que significava que ela nunca tinha visto um pau maior em sua vida.

Tentei não sorrir com o pensamento.

Ela colocou os dedos em volta da minha base e abriu a boca.

Foda-se, sim.

Ela achatou a língua e empurrou a garganta sobre a minha coroa, conseguindo os primeiros centímetros para dentro. Ela quase teve que torcer a mandíbula para continuar, para tomar mais alguns centímetros até que ela não pudesse ir mais longe.

— Só mais um pouco, baby. — Eu puxei sua nuca, trazendo-a para perto de mim.

Ela abriu a boca um pouco mais e se moveu, empurrando-me no fundo de sua garganta antes de atingir seu limite.

— Bem desse jeito. — Comecei a guiá-la para a frente e para trás, indo devagar porque não tinha pressa para terminar. Agora, eu só precisava de sua saliva para cobrir meu comprimento, então eu não teria que abrir o lubrificante. A julgar pela maneira como ela chupava

um pau tão bem, ela era experiente. Mas isso pode não ser o suficiente para ela conquistar meu tamanho.

Eu teria que abri-la.

Ela se moveu para frente e para trás, empurrando sua garganta sobre o meu comprimento o mais longe que podia antes de se afastar e tomar uma respiração. Ela fez isso de novo, movendo-se lentamente e pingando saliva por todo o meu pau e no chão.

Ela manteve o olhar focado no que estava fazendo, e suas unhas cravaram levemente em minhas coxas enquanto ela continuava trabalhando. Ela fez um ótimo trabalho protegendo meu pau de seus dentes, usando sua língua como tampão. Às vezes, ela tinha que fazer uma pausa e puxar meu pau para fora de sua boca para que pudesse recuperar o fôlego. Sua mão me masturbava durante esses momentos, espalhando sua saliva até minhas bolas.

Eu só permiti os intervalos porque ela deu um grande boquete no meio.

Ela enfiou meu pau na boca e voltou ao trabalho, com as mãos trabalhando na parte inferior do meu pau, já que ela não conseguia alcançá-la com a boca. Seu desempenho não foi medíocre, e comecei a suspeitar que ela realmente se divertia.

Desfrutando meu pau grande em sua boca.

Tirei meu pau de sua boca quando minhas bolas começaram a apertar contra meu corpo. — Fique de costas.

Ela enxugou a saliva dos lábios com a parte de trás do antebraço e se levantou. Ela se despiu de suas roupas, puxando a camisa sobre a cabeça, em seguida, abrindo o sutiã. Eu já a tinha visto nua, então esta visão não deveria me impressionar, mas uma vez que seu jeans e calcinha estavam fora, meu pau ficou um pouco mais feliz.

Eu queria me masturbar e olhar para ela.

Ela estava deitada na minha cama, a cabeça apoiada no travesseiro e os joelhos juntos.

Eu empurrei minha boxer para os meus tornozelos e chutei para longe antes de subir na cama e me mover em cima dela. O colchão afundou sob meu peso, fazendo Vanessa mergulhar ligeiramente debaixo de mim. Com uma barriga lisa, seios pequenos e empinados e a pele mais bonita, ela era excepcional.

Eu poderia dizer honestamente que uma mulher mais bonita nunca tinha estado na minha cama.

Eu tinha fantasias sobre prender suas mãos na cabeceira da cama, de fazer o meu caminho com ela contra sua vontade. Eu era um monstro e isso nunca mudaria. Mas encontrá-la embaixo de mim por escolha foi ainda melhor.

Meus braços deslizaram atrás de seus joelhos e a posicionaram bem afastada, deixando-a o mais aberta possível. Levaria alguns minutos para colocar meu pau dentro dela, mesmo quando estava encharcado com sua saliva. Eu me segurei acima dela e pressionei meu pau contra seu clitóris e comecei a moer.

Ela ficou tensa com o contato, seus mamilos endureceram e seus olhos se fecharam por um breve momento. Ela respirou fundo, seu peito tingindo com uma bela cor vermelha em sua pele escura.

Mudei meu rosto acima do dela e observei sua reação a mim, observei seu corpo desfrutar da forte estimulação que meu pau estava dando ao seu clitóris. Eu encarei seus lábios, olhando para a curva de seu arco, e então a beijei.

Foi lento, ao contrário de todas as outras vezes que a beijei. Eu queria tomar meu tempo, deixá-la o mais molhada possível para que meu pau pudesse enterrar-se dentro dela. Chupei seu lábio inferior suavemente antes de dar a ela minha língua.

Ela me beijou de volta, suas mãos permanecendo ao lado do

corpo.

Eu respirei dentro dela, movendo-me um pouco mais rápido e profundo. Beijar uma mulher era a última coisa em minha mente. Quando eu pegava mulheres, queria que elas chupassem meu pau em vez de me beijar na boca. Beijar era para jovens ou apaixonados.

Mas adorei beijar Vanessa.

Foi tão bom.

Suas mãos finalmente se moveram para meus braços, sentindo as seções que dividiam os diferentes grupos de músculos. Suas pontas dos dedos exploraram meus ombros e meu peito, e eu sabia que ela amava meu corpo. Ela o encarou várias vezes para se denunciar.

Ela me beijou de volta com a mesma paixão que mostrava antes, caindo no mesmo ritmo comigo. Cada vez que meu pau pressionava contra seu clitóris, suas unhas se cravavam levemente em mim. Logo, parecia que não havia um acordo entre nós. Ela não estava barganhando por sua liberdade. Éramos apenas um homem e uma mulher que queriam foder um do outro.

Mal podia esperar para sentir aquela boceta, para pegar Vanessa Barsetti e torná-la minha. Eu não conseguia nem imaginar o quão incrível sua boceta seria. E eu bombearia muito do meu gozo para dentro jato após jato.

Não pude esperar mais. Seu beijo estava apenas me excitando mais, e meu pau estava prestes a explodir. Eu empurrei meu eixo e apontei minha coroa em sua entrada, sentindo a umidade me cumprimentar.

Ela me queria muito.

Empurrei um pouco para dentro dela, sentindo sua excitação me cercar.

Eu não pude deixar de sorrir enquanto a beije. — Baby, você

quer este pau tanto quanto eu quero dar a você. — Eu quebrei nosso beijo e olhei em seus olhos, vendo o olhar inconfundível de excitação. Ela queria meu pau, embora doesse. Ela me queria enterrado bem fundo dentro dela, não apenas para que ela pudesse ser livre. Não havia como confundir seu ódio. Ela me desprezava tanto quanto antes. Mas sua antipatia não conseguia interromper suas necessidades.

Comecei a afundar mais.

— Pare. — Ela empurrou meu estômago, me impedindo de ir mais fundo. — Coloque um preservativo.

Eu não estava colocando nada. Eu estava gozando dentro dela. Vanessa Barsetti ia ficar desconcertada com a minha gozada no final da noite. — Eu sei que você está no controle de natalidade.

Ela ainda estava excitada, com as pernas abertas para mim, mas a irritação apareceu em sua expressão. — E como você sabe disso?

Olhei para o braço dela, onde ainda havia evidências do tiro que ela recebeu. Eu estava atento a tudo ao meu redor, aos pequenos detalhes aos quais ninguém mais prestava atenção.

— Não é com isso que estou preocupada.

— Estou limpo.

— E eu só devo acreditar em você? — Ela perguntou incrédula. — Você matou um homem em um beco e me tomou como refém. Você espera que eu acredite em você?

— Eu já menti para você? — Eu a desafiei.

Ela fechou a boca.

— Sempre uso camisinha quando fodo uma mulher. Mas com você, estou dando a você todo o meu gozo. E acredite em mim, você vai querer. Toda mulher deveria sentir seu homem gozar dentro dela.

— Você não é meu homem.

Eu me forcei a alguns centímetros dentro dela, fazendo-a respirar por entre os dentes. Eu senti sua umidade me envolver ainda mais, senti suas paredes se contraírem ao meu redor. — Agora eu sou. — Empurrei um pouco mais forte, lutando contra a rigidez de seu corpo enquanto me esgueirava mais para dentro. Eu estava molhado e ela molhada, mas nossas diferenças de tamanho eram um sério obstáculo.

Ela parou de lutar comigo, suas unhas cravando em meus braços e sua respiração acelerada. Ela olhou nos meus olhos enquanto o fogo dançava em seu olhar. Ela respirou com mais dificuldade enquanto tomava mais de mim, sua boceta minúscula fazendo o seu melhor para tomar meu pau.

Continuei afundando até não poder ir mais longe. Ela pegou a maior parte do meu comprimento, mas cheguei a um beco sem saída quando atingi seu colo do útero. Fechei meus olhos e saboreei a sensação de sua boceta fenomenal. Tão molhada, tão apertada. Eu amei todas as bocetas, mas a dela era verdadeiramente excepcional. Eu queria ficar enterrado ali para sempre. Eu poderia vir agora mesmo se quisesse.

Mas eu teria que cumprir minha promessa.

Eu abri meus olhos e encarei os dela quando comecei a empurrar, certificando-me de que meu corpo pressionasse contra seu clitóris com meus movimentos. Eu afundei dentro dela e puxei para fora novamente, minha cabeceira rangendo com o meu movimento.

Ela respirou através das minhas estocadas, lutando para tomar meu pau. — Porra... Você tem um pau grande.

Enfie-me completamente dentro dela apenas para validar sua declaração ainda mais. — Eu sei. É todo seu. — Por mais que eu quisesse fodê-la agressivamente, dei a ela devagar. Ela estava se acostumando com meu tamanho e eu gostava de sua reação. Observei seus olhos se encherem de lágrimas enquanto ela me fodia em meio ao

desconforto.

Isso me excitou porra.

Suas mãos se moveram para meus ombros, e ela as usou como uma âncora, suas unhas cravando-se em mim. Ela mordeu o lábio inferior e respirou pelo nariz.

Minutos depois, sua boceta finalmente começou a se soltar. Nós nos movemos juntos com mais facilidade, e eu estava coberto com sua excitação quando ela começou a realmente gostar. Eu a comi um pouco mais forte, afundei um pouco mais fundo.

Ela arrastou as mãos pelo meu peito, mordendo o lábio inferior uma e outra vez. Uma expressão concentrada apareceu em seu rosto, e ela começou a suar, embora eu estivesse fazendo todo o trabalho.

Eu sabia o que estava por vir.

— Baby. — Eu a beijei, dando um leve puxão em seu lábio inferior. — Goze para mim.

Ela resistiu a mim, querendo que eu quebrasse minha promessa. — Não.

Eu a fodi mais forte, batendo-a no colchão e dando a ela tanto do meu pau que ela não poderia lutar por muito tempo.

Gemidos escaparam de seus lábios e suas unhas se cravaram mais fundo em minha carne, quase tirando sangue. Sua boceta ficou tão molhada, e assim como no início, começou a apertar. Mas desta vez, foi por um motivo diferente. — Não...

Um arrepio percorreu minha espinha quando senti seu corpo traí-la. Eu assumi o controle, apertei seus botões e a fiz fazer exatamente o que eu queria. Meu pau estava dando todas as ordens e conquistou sua boceta. — Não lute contra isso. Aproveite. — Eu comecei a suar enquanto fodia, minha bunda apertando mais e mais quando eu dei meu melhor a ela.

Ela finalmente se soltou seu corpo se contorcendo enquanto seus gemidos se transformavam em gritos. Ela se agarrou a mim para ter algo para segurar, e a cara que ela fez quando o clímax a atingiu... Era inacreditável.

Porra.

Eu vi seu rosto ficar vermelho, observei sua boca se abrir com seus gritos. Observei seus olhos verdes se iluminarem como fogos de artifício.

Seus gritos encheram meu quarto, e sua boceta me agarrou com força . — Deus... — Sua cabeça rolou para trás, e ela se contorceu, seus quadris ainda resistindo e seus mamilos pontiagudos como a ponta de um diamante.

Porra, eu não conseguia continuar. Não depois disso.

Eu dei minhas estocadas finais antes de me juntar a ela, dando-lhe todo o meu gozo dentro daquela pequena boceta apertada. Meus bíceps e tríceps cerraram com força enquanto eu segurava meu corpo em cima dela e sentia meu gozo explodir dentro de mim. Meu pau se contraiu quando eu lancei os montes derramando profundamente dentro dela. Foi um clímax que eu não esqueceria, um orgasmo mais intenso do que o normal.

Eu fiquei dentro dela até que cada gota estivesse profundamente dentro dela. Meu pau estava até o ponto máximo e então começou a amolecer mais uma vez. Foi à maior satisfação que já tive. Eu nunca tinha gozado assim, e eu tinha chicoteado uma mulher até que ela sangrasse por todo o chão.

Assim que a onda de prazer desapareceu, a tonalidade vermelha em seu rosto lentamente começou a desaparecer. Seus olhos verdes ainda brilhavam, mas logo, a vergonha apareceu em suas feições. Ela poderia minimizar o clímax que ela acabou de ter.

Mas nós dois sabíamos a verdade.

Eu lentamente puxei meu pau para fora dela, sentindo o aperto em sua boceta quando eu não estava totalmente erguido. Eu me virei e deitei ao lado dela, minhas costas suadas batendo nos lençóis. Coloquei um braço atrás da cabeça e recuperei o fôlego, mais satisfeito do que jamais estive em minha vida.

Ela ficou ao meu lado e puxou os lençóis até o peito, escondendo seus seios de vista.

Não importava se ela se cobrisse, seu corpo nu estava permanentemente enraizado em minha mente.

Fechei os olhos e ouvi os sons da fogueira enquanto as chamas começaram a gotejar até ficarem apenas brasas ferventes. Eu geralmente não dormia com minhas mulheres, especialmente quando era tratada como uma transação. Mas eu estava confortável demais para me importar se Vanessa dormia ao meu lado.

— Você quer que eu saia? — Ela perguntou, sentando-se e mantendo o lençol contra o peito.

— Eu não me importo.

Senti seu corpo mudar quando ela se virou para olhar para mim. — Você me parece o tipo de cara que chuta uma mulher assim que termina.

— Você está certa. Mas vou transar com você logo de manhã, então é melhor você ficar aqui. — Não abri meus olhos, não precisando ver seu rosto para prever seu humor.

— Como você sabe que não vou te matar no meio da noite?

Um sorriso se formou em meus lábios. — Dê o seu melhor tiro, baby.

— Você é muito arrogante ou estúpido. Tudo o que tenho a fazer é pegar um grande vaso e esmagá-lo sobre o seu crânio.

Finalmente abri os olhos e olhei para ela. — Você atirou em mim e eu não parei de andar. Você acha que um vaso vai servir para qualquer coisa? Você me chamou de monstro por um motivo. Não sou apenas mau, mas enorme. Então, se você vai fazer sua jogada, certifique-se de que seja direito. — Fechei meus olhos novamente. — Além disso, você não fará absolutamente nada.

— Você acabou de dizer que eu atirei em você.

— Mas eu poupei sua vida. Eu poderia ter massacrado você, mas não o fiz.

— Isso não significa que devo nada a você.

— Você está certa — eu disse. — Mas você sente que me deve de qualquer maneira.

Quando acordei na manhã seguinte, era claro e cedo. Eu não costumava ir para a cama tão cedo, mas foder Vanessa me nocauteou. Acordei exatamente na mesma posição em que adormeci, com a mão debaixo da cabeça.

Vanessa estava deitada ao meu lado, dormindo profundamente e diretamente ao meu lado. As cobertas foram puxadas para o ombro como se ela estivesse com frio. O fogo morreu há muito tempo, e o aquecedor desta casa não conseguia suportar as constantes temperaturas de congelamento. Ela provavelmente se aproximou de mim durante a noite para se manter aquecida.

Como eu previ, ela não tentou me matar.

Era muito arriscado, mesmo se eu estivesse inconsciente. Ela achava que logo estaria livre, então não fazia sentido apostar nessa

possibilidade fazendo uma jogada. Mesmo se ela batesse um vaso sobre minha cabeça, não me mataria. Mas isso me irritaria.

E então eu posso realmente matá-la.

Esfreguei o sono dos meus olhos, em seguida, olhei para ela, vendo seus lábios entreabertos e a maneira como seu cabelo se arrastava atrás dela no travesseiro. Os lençóis brancos imaculados faziam sua pele parecer mais escura em comparação. Ela e eu não parecíamos em nada. Minha pele era clara como a neve lá fora, características que herdei de minha mãe americana. Eu tinha olhos azuis cristalinos como o oceano tropical. Meu cabelo era ligeiramente loiro e seu cabelo era quase preto.

Ela era perfeita.

Um homem de verdade sabia como apreciar uma mulher bonita, e quanto mais eu a encarava, mais eu queria apreciá-la. A ideia de matá-la ainda me deixou duro, mas prefiro transar com ela novamente.

E de novo.

Enganchei seu braço em volta da minha cintura e, em seguida, rolei-a de costas.

Ela manteve os olhos fechados e continuou dormindo, mas se mexeu ligeiramente, sentindo seu corpo se mover, mas não se importando com o que acontecia.

Eu já estava duro por ela, ansioso para enchê-la com mais gozo para que pingasse em meus lençóis. Talvez eu não matasse essa Barsetti, mas apenas fodesse com ela.

Isso era melhor em alguns aspectos.

Eu separei suas coxas, em seguida, deslizei dentro dela, a cabeça do meu pau empurrando através de sua entrada apertada.

Quando ela sentiu a pressão entre as pernas, seus olhos se

abriram. — Jesus, você se importa? Estou dormindo.

Eu empurrei mais dentro dela, afundando quando meu eixo a esticou. — Então continue dormindo. — Eu me movi o mais longe que pude, sentindo a mesma boceta incrível que senti ontem à noite.

— Você transaria com uma mulher inconsciente? — Ela perguntou incrédula.

— Se fosse você, porra, sim. — Ontem à noite, fui devagar. Mas desta vez, eu a comi bem e forte. Eu cavei meus quadris profundamente nela, empurrando todo o meu comprimento para dentro enquanto meu pau pulsante a explorava tão intimamente quanto da última vez. Minha cabeça bateu contra a parede e eu trouxe calor para o quarto com meus movimentos.

Seu corpo estremeceu sob minha pressão, seus seios tremendo para cima e para baixo. Seus olhos ainda estavam fechados com sono, mas ela não fez outro protesto. Seus braços envolveram meu pescoço e ela enterrou o rosto no meu ombro, separando suas pernas para que eu pudesse tê-la.

Então eu poderia continuar transando com ela.

Foi uma foda preguiçosa, o tipo perfeito para a primeira coisa pela manhã. Eu empurrei e fodi, dirigindo meu grande pau dentro desta linda boceta. Não me importava em acordá-la, mas queria provar que poderia fazê-la se sentir bem, mesmo que ela não quisesse.

Então eu a fiz gozar – como um homem.

Eu a ouvi gritar bem contra minha orelha, suas unhas arranhando minhas costas com tanta força que quase tiraram sangue.

Então eu vim dentro dela, adicionando mais ao volume que fiz ontem à noite. Eu joguei toda o meu esperma dentro dela, enchendo-a até transbordar para os lençóis. Eu gemi quando terminei, amando minha conquista.

Prendi a respiração antes de sair e sai da cama.

Ela ficou lá, cheia de meu gozo quente.

Vesti jeans e uma camiseta e saí.

Sua voz me parou na porta. — Onde você vai?

Tudo o que fiz foi dar a ela um olhar zangado em resposta.

No meu escritório com o telefone pressionado no ouvido. Eu escuto a chamada... Eu sento e toca mais algumas vezes antes de Max atender.

— Faz um tempo que não ouço falar de você. Comecei a me preocupar.

— Eu pensei que você disse que não se importava se eu vivesse ou morresse?

— Eu não, — disse ele com uma risada. — Minha preocupação é estritamente com meu próprio interesse.

Eu sorri, sabendo que ele estava sendo apenas parcialmente verdadeiro.

— Ele está morto?

— Ele está sentado no fundo do Lago Garda.

— Um lugar tão bonito. Muito bom para ele, se você me perguntar.

— Frio pra caralho, no entanto.

— Vou falar com meu cliente e transferir os fundos.

— Bom. — Fiz minha fortuna como assassino. Eu executei homens por dinheiro. Foi o trabalho mais simples do mundo. Eu tinha uma tarefa e total autonomia para cumpri-la, embora fosse necessário. Pagou minhas contas e me deu uma vida de luxo. Não estava perto dos bilhões que eu deveria ter herdado, mas foi o suficiente. — Eu tenho um problema.

Ele ficou sério. — Que tipo de problema?

— Uma mulher passou e testemunhou minha sequência de assassinatos. Eu a peguei e estava prestes a cortar sua garganta... Mas então eu a reconheci.

— Você a reconheceu? Ele perguntou. Quem era ela?

Eu ainda não conseguia acreditar que todos os eventos aconteceram coincidentemente. Os Barsettis eram meus inimigos mortais, e ver a mais jovem passar no momento perfeito foi inacreditável. Eu tinha visto Conway Barsetti no metrô uma noite quando estava disfarçado, mas ele não possuía o mesmo fascínio de sua irmã mais nova. — Vanessa Barsetti.

— Merda... O que você fez?

— Eu não tinha outra escolha. Eu a levei.

— Você a matou, certo?

Eu não respondi.

— Bones, você tem que matá-la. Se ela contar para a família...

— Estou ciente da situação.

— E você quer matá-la de qualquer maneira...

— Eu fiz. — Eu ainda quero, um pouco. — Mas no final das contas... Não deu certo.

— Isso não é típico de você.

— Eu sei. — Eu estava frio e brutal. Não pensei duas vezes antes de tirar uma vida. A crueldade estava em meu sangue. Eu carecia de empatia e compaixão. Eu nasci de uma raça diferente, tão desapegada das emoções humanas que eu não conseguia entender. — Mas eu fiz uso dela...

Max sabia exatamente o que isso significava e não pediu esclarecimentos. — O que acontece quando eles sabem que ela está desaparecida?

— Eu não descobri isso ainda. Eu estava pensando em deixá-la ir... Mas mantê-la sob meu controle.

— Como você aplicaria isso?

Tive algumas ideias. — Eu ainda não tenho certeza.

— Faça o que fizer não a subestime. Ela é uma Barsetti.

O canto da minha boca se ergueu em um sorriso, pensando em todas as proezas duras que Vanessa fez enquanto estava em meu cativeiro. Contra todas as probabilidades, ela ainda continuou. Quando os homens adultos não quiseram se levantar novamente, ela se levantou. Ela não hesitou antes que ela atirou em mim. Seu sangue Barsetti a tornava absolutamente fascinante. — Eu sei.

Capítulo 5

Vanessa

Bones me fodeu então desapareceu.

Ele ficou fora o dia todo, então eu tomei banho e coloquei um novo par de roupas que foram colocadas na minha cama. As roupas estavam meio folgadas de novo, mas não reclamei.

Eu não ficaria aqui por muito mais tempo.

Eu não tive tempo para pensar sobre o que estava acontecendo entre Bones e eu. Eu negocieei pela minha liberdade transando com ele, e ele jurou me fazer gozar.

Fiz tudo o que pude para provar que ele estava errado. Eu não queria que aquele homem estivesse certo. Eu não queria ser vítima de um sequestro e depois desfrutar de meu algoz. Não achei que fosse possível ficar molhada para um homem que segurava uma faca na minha garganta.

Mas eu não estava molhada eu estava encharcada.

Foi humilhante.

Isso me fez odiá-lo ainda mais.

Eu desprezei sua arrogância. Eu desprezei seu poder. Ele se moveu entre minhas pernas naquela manhã e se serviu como se eu fosse um brinquedo ao invés de uma pessoa. Ele foi direto ao ponto e me fodeu com mais força do que na noite anterior.

E para piorar, gozei de novo.

Droga.

Tentei-me sentir melhor convencendo-me de que estava sujeita à minha anatomia. Se você esfregasse qualquer coisa da maneira certa, a mágica aconteceria. Mas não havia como negar que eu nunca gozei tão forte na minha vida. Eu nunca tive um homem maior dentro de mim, um homem que pudesse me esticar ao máximo. Ele não apenas tinha as ferramentas certas, mas também sabia como usá-las. Eu namorei caras legais, mesmo caras gostosos. Houve química e emoção. Houve bom sexo no meu apartamento.

Mas nada comparado a isso.

Por que o melhor sexo da minha vida teve que acontecer com meu inimigo mortal?

Com o homem a minha família tinha uma interminável guerra de sangue com?

Por que eu simplesmente não peguei um caminho diferente para casa?

Eu estava lá há apenas alguns dias, então não tinha explorado a casa. Estávamos em uma mansão na encosta de uma montanha nevada. Todas as janelas mostravam a vista deslumbrante da neve. Eu não conseguia ver o lago daqui porque estávamos muito alto.

Eu não vi uma rota de fuga. Mesmo se eu pudesse roubar um dos carros da garagem, dirigir no terreno seria complicado. Quase não dirigi na neve e, como tinha que dirigir devagar, provavelmente não chegaria muito longe antes que ele me alcançasse.

Richard apareceu na esquina, um mordomo casual que em nada se parecia com Lars, o homem que servia à minha família desde que meu pai era jovem. Richard não tinha os mesmos maneirismos bruscos de Lars e estava sempre de jeans. — Vanessa, Bones quer que você se

junte a ele para jantar.

— Dirija-se a mim como Sra. Barsetti. — Eu não estava recebendo nenhum respeito por aqui e agora precisava exigir isso.

A expressão de Richard não mudou a meu pedido. — Tudo bem. Jantar está servido. Você vai se juntar a ele?

— Eu tenho escolha?

Ele encolheu os ombros. — Você poderia dizer não, e eu relatarei isso a ele. E então ele me dirá para ir buscá-la novamente. Se você recusar, ele ficará com raiva e virá atrás de você... Então você tem uma escolha. Mas não importa qual seja sua escolha, acabará no mesmo lugar. Mas talvez isso a faça se sentir melhor, porque você vai se sentir como se tivesse uma palavra a dizer sobre o assunto... Embora nunca tenha realmente feito.

O pensamento era deprimente. Enquanto estive nesta casa, estive sujeita aos desejos deste psicopata. Eu não tinha nenhum direito e minha atitude parecia excitá-lo ainda mais.

Porque ele era uma aberração.

— Então... — Richard juntou as mãos na cintura. — Como você quer fazer isso?

Eu estava com fome, então lutar agora não parecia tão atraente. — O que tem para o jantar?

— O favorito de Bones. Bife, batatas e verduras.

Droga parecia muito bom. — Sobremesa?

Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. — Torta de mirtilo e sorvete.

Eu não tive que pensar muito. — Tudo bem. Eu vou comer com ele. — Quando eu morava com meus pais, tinha o melhor chef do

mundo providenciando todas as minhas refeições. Sempre comia como uma rainha, tendo banquetes culinários que nunca apreciei. Agora que morava sozinha, comia um monte de sanduíches de pasta de amendoim e geleia com batatas fritas. Eu nunca aprendi a cozinhar e parecia inútil quando minhas habilidades nunca se comparavam ao gênio culinário que Lars possuía. Eu mesmo contrataria um chef, mas estava falida demais para isso.

Entrei na sala de jantar onde estava a grande mesa. Uma grande janela ocupava toda a parede e mostrava uma vista da encosta da montanha. A neve estava caindo, atingindo as pilhas de pó fresco suavemente.

Bones sentou-se lá, um copo curto de uísque na frente dele. A garrafa ao lado dele estava meio vazia, me dizendo que ele já tinha alguns copos antes de eu chegar. Seus olhos se voltaram para mim imediatamente e ele me encarou com a mesma intensidade de sempre.

Como se ele pudesse me matar.

Eu sentei em frente a ele.

— Vinho? — Richard abriu uma garrafa de tinto. No rótulo estava uma marca que reconheci. Vinhas Barsetti.

— Obrigada por tentar me fazer sentir em casa, — eu disse sarcasticamente. — E sim. Vou tomar um copo cheio.

Richard serviu antes de colocar a garrafa na mesa. — Vou pegar os pratos. — Ele entrou na cozinha, deixando-nos sozinhos.

Quer Richard estivesse lá ou não, Bones me olhou exatamente da mesma maneira. Ele olhou como se não houvesse nada que ele quisesse mais do que me estrangular e me foder. Seu ombro largo bloqueava a cadeira atrás dele completamente, e suas tatuagens apareciam por baixo da camisa até o pescoço. Seus dedos estavam em volta do copo e ele o levou à boca para tomar um gole.

Eu esperava que ele fizesse um ou dois comentários espertinhos, mas nunca aconteceu. Ele continuou a olhar, como se eu fosse uma tela de TV ou uma obra de arte que ele pudesse assistir por horas. O contato visual direto não o deixou nem um pouco desconfortável.

Também não me deixou desconfortável. Ele falhou em me intimidar, então eu segurei seu olhar e apreciei meu vinho.

Se você eliminasse o crime e a guerra de sangue, ele era tão bonito que era difícil de olhar. Ele poderia entrar em qualquer bar e ter a atenção de todas as mulheres na sala. Não só ele era uma potência, mas ele tinha traços incrivelmente bonitos. Aquelos olhos azuis eram difíceis de não olhar.

Foi uma pena que ele escolheu esta vida. Tanto potencial fracassado.

— O que você está pensando? — Ele largou o copo e sua mão continuou a descansar na mesa de madeira. Seus antebraços eram cinzelados como o resto do corpo, as seções do músculo identificadas por sulcos. Suas veias se espalharam salientes em comparação.

— O que você está pensando? — Eu rebati.

— Você realmente quer saber o que se passa nessa porra de mente doentia? — O canto de sua boca se ergueu em um sorriso, divertido como sempre.

— Eu já experimentei o pior de tudo.

Ele tomou outro gole. — Ou o melhor.

Recusei-me a reagir, mantendo as mesmas características estoicas.

Ele limpou a boca com as costas do antebraço. — Eu estava pensando em como você fica linda assim... Com aquele cabelo preto azeviche e pele morena. Você não tem uma gota de maquiagem, mas seus traços ainda são fenomenais. Você está deslumbrante. Tão

fodidamente impressionante que não tenho certeza se posso esperar até depois do jantar para foder você. — Ele terminou o uísque em seu copo e o pousou com um baque surdo. — O que você estava pensando, baby?

— Pare de me chamar assim.

— Eu posso chamá-la do que eu quiser. Agora responda a pergunta.

Sua resposta não foi tão doentia quanto ele previu, e eu estava chateada comigo mesma por realmente apreciar sua resposta. — Eu estava pensando que é uma pena que você decidiu viver sua vida dessa maneira.

— De que maneira? — Ele rebateu. — Eu moro em uma mansão e eu possuo vários outros deles. Eu tenho um mordomo. Eu sou rico. Eu tenho...

— A riqueza não é tudo. Isso nunca vai te comprar felicidade. — Eu vivia uma vida de luxo, mas quando refletia sobre os momentos mais felizes da minha vida, eles não tinham nada a ver com dinheiro. Eram tempos em que eu estava cercado de amigos e familiares, curtindo o sol toscano com uma garrafa de vinho e um bom queijo.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente, seus olhos se estreitando. — Não me interrompa de novo.

Eu queria atirar de volta com algo rude, mas meu instinto me disse para ouvi-lo.

— Não tenho vergonha do que faço para viver. Eu não tive os recursos que você teve. Não frequentei escola particular nem tive pai para pagar a universidade. Minha mãe era uma prostituta para garantir que eu tivesse comida todas às noites. Também é uma pena que ela viveu sua vida dessa maneira?

— Eu nunca disse isso.

— E agora estou perguntando. — Sem levantar a voz, ele aumentou a tensão na sala. Ele se tornou hostil sem um único movimento, tornando-se silenciosamente mortal. — Porque eu não tenho vergonha dela. Eu não tenho vergonha do que ela fez para fornecer para mim. Como qualquer outra mãe, ela fez o que foi necessário para garantir que eu tivesse roupas, sapatos e suprimentos para que as outras crianças não zombassem de mim. Ele se inclinou sobre a mesa, os cotovelos apoiados na madeira. Você pensa menos dela?

Não importava o quanto ele me ameaçasse. Eu não cederia. Então respondi honestamente. — Nunca.

Seu olhar intenso permaneceu, seus olhos azuis queimando nos meus.

— Nunca subestime o que uma mãe fará por seu filho...

Minha própria mãe nunca me contou a horrível verdade de seu passado. Ela fez isso para me proteger, para se certificar de que eu não teria que carregar a dor que agora estava na boca do meu estômago. — Mas eu o julgo por matar pessoas em becos e capturar uma jovem por vingança. Eu te julgo por exigir sexo em troca da minha liberdade.

— Como se você não me quisesse foder.

Meus olhos se estreitaram. — Não, eu...

— Eu fiz você gozar em menos de dois minutos. Você aproveitou cada fodido segundo disso. Não vamos reescrever a história e pintá-lo sob uma luz ficcional. Eu beijei você contra a minha van e você me beijou de volta. Beije você no chão segundos depois de colocar uma faca em sua garganta. Eu comi você na minha cama e ouvi você gemer por mim, senti suas unhas cortando minha pele. Escutei seus gritos quando meu pau acertou você no lugar certo. Posso não ser um bom homem, mas você sempre terá minha honestidade. Eu mereço o mesmo de você.

Foi a primeira vez que um homem me calou. Ele não me disse para ficar quieta, mas seu argumento me deixou sem palavras. Não havia como contradizer qualquer uma dessas coisas, não quando nós “as testemunhamos”. — Quer eu quisesse transar com você ou não, eu quero minha liberdade.

— A liberdade é um privilégio, não um direito.

— Não de acordo com a lei.

— No submundo não existe lei. Existe apenas regras, minhas regras.

Eu cruzei meus braços sobre o peito, meu apetite suprimido agora que esta conversa tomou um rumo mortal. Recusei-me a ceder ao medo, mas não podia negar o quão letal esse cara era. Ele não me matou, mas era definitivamente temperamental. — Quando você vai me deixar ir?

Ele pegou a garrafa e tornou a encher o copo. — Vou deixar você sair de casa em alguns dias. — Ele formulou da mesma forma da última vez e isso foi perturbador.

— Minha mãe vai ligar em breve.

— Ela ainda não fez isso.

— Você está de olho no meu telefone?

— Sim.

— Posso pegar de volta?

Ele riu em seu copo antes de tomar um gole.

Richard entrou na sala de jantar com os pratos. Dois bifês com batatas assadas e aspargos. Ele colocou a louça na nossa frente, completou minha taça com vinho e, em seguida, colocou uma cesta de pão na mesa antes de sair.

Assim que a comida suculenta foi colocada na minha frente, meu apetite voltou. Peguei meu garfo faca e cavei.

Bones me observou por alguns segundos antes de começar a comer.

— O que devo fazer nos próximos dias?

— Não seja estúpida. — Ele cortou o bife e colocou um grande pedaço de carne na boca. — Eu prefiro quando você é inteligente, mesmo quando você não cala a boca. Você sabe que seu único trabalho é se deitar em qualquer posição que eu peço, enquanto a preencho com minhas cargas intermináveis. — Ele cortou o bife novamente e deu outra mordida, como se esta fosse uma conversa apropriada para ter durante o jantar.

Um pequeno calafrio percorreu minha espinha, e isso me fez desprezar. Fiquei com a impressão de que era apenas uma coisa de uma noite.

— Foi você quem me disse que eu não iria querer você apenas uma vez, mas eu não pararia de querer você. Parece que você cumpriu sua palavra. — Ele colocou outro pedaço de bife na boca e mastigou sua mandíbula dura trabalhando enquanto seus olhos focavam no meu rosto.

— E você acha que isso vai mudar em alguns dias?

Ele continuou mastigando, a tensão aumentando entre nós. — Há uma boa chance de que não.

— Mas você prometeu que me deixaria ir.

— Eu prometi que iria deixar você sair de casa.

— Não é a mesma coisa?

Ele não respondeu. — Eu disse que nunca iria deixá-la ir, estando você em meu cativeiro ou não.

— No segundo que eu sair daqui, você não terá mais poder sobre mim.

— Isto é o que você pensa. Mas você nunca esteve na presença de um poder real. — Ele falou com tanta confiança que não quis desafiá-lo.

Eu era filha de um homem muito poderoso. Meu tio teve a mesma influência, e eu sabia que minha mãe não aceitava merda de ninguém. Mas minha família saiu de uma vida de crime e perigo. Seu poder era imposto pelo respeito, não pelo medo. Bones era diferente, um tipo de inimigo que eu não sabia como combater.

— Coma o seu jantar. Eu não quero que você fique com fome mais tarde. — Ele baixou o olhar pela primeira vez, olhando para a comida. Seus músculos mudaram e trabalharam juntos para acomodar seus movimentos. Mesmo a menor manobra forçava seus músculos a se projetarem visivelmente. Ele não era apenas um homem grande, mas seus músculos estavam tensos e rígidos. Eles foram puxados para perto de sua estrutura atlética, tornando-o uma massa extremamente pesada. Eu saberia... já que estive embaixo dele.

Peguei meu garfo e continuei comendo, sabendo o que viria a seguir assim que o jantar acabasse. Se ele fosse qualquer outro homem, a situação me deixaria mal do estômago. Mas não importa o quanto eu o odiasse, a verdade não podia ser negada.

Eu estava atraída por ele.

Quando eu passei em seu quarto, vi o tapete vermelho debaixo de sua cama. Sua fogueira de pedra era maior do que o normal, atingindo alto o chão para que pudesse iluminar todo o seu quarto. Com móveis de madeira escura e pinturas da paisagem ao redor do Lago de Garda,

eu me senti como se estivesse escondida em um chalé na Suíça, em vez de algumas horas fora de Milão.

Meus olhos se moveram para a cama, e foi quando vi a lingerie preto rendada.

Isso foi definitivamente para mim.

Havia uma nota, rabiscada em sua caligrafia masculina. *Coloque isso, baby.*

Meus olhos se estreitaram com a palavra *baby*, amassei o bilhete na mão e o joguei no chão. Peguei a lingerie preto rendada com o sutiã push-up e segurei contra o meu corpo. Houve uma tanga preta com ela, uma corda que mal cobria nada.

Ele tinha gostos específicos.

Eu nunca coloquei lingerie para um homem. Eu nunca estive em um relacionamento sério que gerasse a ocasião. Minha vida foi paqueras, homens que eu esperava que se tornassem algo mais até que meu interesse se dissipasse.

Eu o puxei e arrumei meu cabelo. Eu não estava usando maquiagem porque não tinha nenhuma aqui. Não foi como se eu tivesse feito uma mala e partido para o fim de semana. Eu me examinei em sua penteadeira, arrumando meu cabelo preto até emoldurar meu rosto. Sem delineador e rímel, meus olhos não saltaram como de costume. Quando eu usava batom vermelho, ele destacava a curva do meu lábio superior, e agora eu gostaria que estivesse destacado.

Bones gostava de mim desse jeito, mas eu queria estar melhor.

Não que eu devesse me preocupar em parecer melhor para ele.

Ele saiu do banheiro, os ombros ainda ligeiramente molhados do banho que acabara de tomar. Ele não saiu com a toalha como da última vez. Ele veio pronto para a ocasião.

Ele parou e olhou para mim, seus olhos percorrendo a lingerie que ele deixou para mim. Ele começou no meu pescoço, em seguida, lentamente arrastou seus olhos pelo meu corpo. Ele se concentrou em meus seios antes de admirar as curvas da minha cintura. Ele foi mais longe, descendo pelas minhas pernas antes de erguer o olhar de volta para o meu rosto.

Como um tubarão circulando sua presa, ele começou a se mover.

Ele caminhou ao meu redor, se aproximando e lançando uma sombra pela sala. Ele era uma cabeça mais alto do que eu, então ele me dominou com seu tamanho, mesmo sem ficar em pé perfeitamente reto. Ele parou quando estava bem na minha frente, seu rosto inclinado para baixo para que ele pudesse olhar para mim.

Meu coração estava batendo tão rápido.

Já estive com ele duas vezes, mas estava ainda mais nervosa do que antes. Minha atração não mudaria o fato de que este homem era assustador. Ele me assustava às vezes, quando me olhava com aqueles olhos predadores. Eu me senti como uma presa, como se não houvesse nada que pudesse fazer para escapar desse homem brutal. Eu era dele - e não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Ele começou na minha barriga. Ele agarrou minha cintura, suas mãos grandes o suficiente para alcançar completamente minha barriga, do polegar ao dedo indicador. Seus polegares pressionaram meu umbigo e ele me apertou suavemente, mostrando que tinha minha vida em suas mãos. Ele olhou para mim, seus olhos azuis concentrados em minhas curvas.

Minhas mãos foram para seus antebraços porque eu queria sentir os músculos esculpidos de seus braços. Eu queria sentir suas veias tensas e a quantidade de cabelo escuro. Meus dedos podiam envolver sua cintura do jeito que ele envolvia suas mãos em volta da minha cintura.

Ele moveu sua testa para a minha, seus dedos gentilmente me

puxando para mais perto dele. Eu me sentia uma escrava, obediente e quieta. Eu era dele para desfrutar e tive que esperar até que ele encontrasse algo que quisesse levar.

Ele moveu suas mãos para o meu peito, as palmas logo acima dos meus seios. Meu coração estava batendo tão rápido e agora ele podia sentir. Agora ele sabia o quão nervosa eu estava, o quanto sua proximidade me afetava. Eu poderia fazer uma cara de corajosa e fingir que não tinha medo do mundo inteiro, mas quando se tratava do meu coração, não mentia.

Sua mão direita se moveu mais para cima até chegar ao meu pescoço. Ele envolveu seus dedos completamente, me colocando em um aperto perfeito se ele quisesse me estrangular. Seus dedos pressionaram em mim ameaçadoramente.

Prendi minha respiração. Concentrei meu olhar em seu peito, vendo a tinta preta que estava por todo o corpo. Algumas das imagens eram de crânios ou lâminas. Alguns eram pequenas árvores e outro era um soldado europeu da segunda guerra mundial. Seu corpo era uma tela, e me perguntei o que a obra de arte significava.

Sua mão afrouxou em direção ao meu queixo e ele passou o polegar pelo meu lábio inferior.

Eu fechei meus olhos. Sentir que ele me deseja e tomar seu tempo tornou tudo mais intenso do que antes. Da última vez, ele mal podia esperar para entrar em mim. Ele estava desesperado para enfiar seu pau na minha boca e na minha boceta. Mas agora, ele teve o controle para diminuir ainda mais.

Ele puxou a cabeça para trás e encontrou meu olhar direto. — Sou o primeiro homem com quem você já esteve.

Meus olhos olharam em seus lindos olhos azuis, vendo uma alma má por trás dessa bela expressão. Ele era bonito demais para ser tão cruel, mas seu coração estava pintado de preto. Foi mutilado por seu sofrimento e ele nunca se recuperaria. — Não... — Eu estive com vários

caras desde que me tornei adulta. Esperar até o casamento nunca foi certo para mim. Eu queria ter certeza de que meu marido e eu teríamos um bom sexo pelo resto de nossas vidas, por isso, pensei em fazer um test-drive antes de comprá-lo. Meu irmão e meus primos estiveram com mais mulheres do que eu poderia contar, então não havia razão para eu não explorar minha sexualidade também. Como resultado, eu sabia exatamente do que gostava e o que queria. Definitivamente, eu não era inexperiente. Bones tinha um pau excepcionalmente grande, então pegá-lo era como perder minha virgindade de novo.

Sua mão deslizou para a queda do meu cabelo e ele me agarrou com força, ajustando meu rosto para olhá-lo de frente. — Eles eram meninos. Eu sou um homem. — Seus olhos se voltaram para meus lábios. — Você é toda mulher, da cabeça aos pés. Nunca vi uma mulher mais bonita, tão sexy e forte. Vou fazer você esquecer que qualquer outro homem já esteve entre suas pernas. Vou apagar a memória deles e fazer você pensar em mim quando se tocar.

— Você é muito convencido...

Ele puxou meu cabelo com um pouco mais de força. — Porque eu mereci. — Sua mão soltou meu cabelo e deslizou para o meu ombro. Seu dedo enganchou na alça e ele a puxou do meu ombro, revelando minha pele nua.

Ele esticou o pescoço e o beijou, chupando minha pele de forma agressiva e até mesmo dando uma mordida suave.

Fechei os olhos e suprimi o gemido que queria sair da minha garganta. Minhas mãos imediatamente se estenderam e agarraram seu torso, sentindo meus polegares escorregarem em seu abdômen porque eles eram tão lisos.

Ele beijou meu pescoço até que seus lábios pairassem sobre minha orelha. Ele respirou com dificuldade, sua excitação audível no som simples. Sua mão puxou minha outra alça até que meu outro ombro fosse revelado. — Diga-me como você quer que eu te foda, baby.

Minhas mãos agarraram seus quadris, ainda usando-o para se equilibrar. Minha respiração combinava com a dele, sentindo a mesma excitação em minhas veias que ele sentia em seus pulmões. Meus polegares pressionaram os dele e eu mantive meus olhos fechados, oprimida por seu controle sobre mim.

— Me diga, baby.

Quando estava com um homem, gostava de estar por cima. Eu gostava de ir no ritmo que queria, esfregar meu clitóris contra seu osso pélvico enquanto me movia. Observar seu rosto escurecer de excitação enquanto ele me observava me excitou mais. — Eu quero te foder...

A próxima respiração que ele soltou foi mais alta do que todas as outras, mostrando sua surpresa e aprovação. Suas mãos se moveram para meus quadris e ele brincou com a renda da minha calcinha antes de se afastar. Os músculos de suas costas se contraíram e se mexeram enquanto ele se afastava seus ombros poderosos e sensuais à luz das chamas. Ele se moveu na cama e sentou-se contra a cabeceira da cama, seu grande pau deitado contra seu estômago. Ele colocou a mão em torno de seu eixo e lentamente se sacudiu. Ele descansou sua massa contra a cabeceira de madeira, seu peito subindo e descendo com sua respiração profunda. Ele estava duro como uma rocha e vazando da ponta.

Puxei o corpete pela cabeça, levando um pouco do meu cabelo. Fiquei apenas de calcinha e me aproximei da cama, meus dedos enganchando nas alças em meus quadris.

Seus olhos seguiram minhas mãos, olhando para a maneira como eu brincava comigo mesma.

Eu lentamente puxei minha calcinha para baixo, demorando antes de finalmente revelar a protuberância entre as minhas pernas. Quando eu estava de pé novamente, ele olhou direto para o meu lugar mais íntimo, apertando seu pau um pouco mais forte. Quando ele fez um gesto para que eu me sentasse em seu colo, tudo o que ele deu foi

um leve aceno de cabeça, sua mandíbula dura pela forma como seus dentes estavam cerrados.

Mudei-me para o seu colo, minhas coxas separadas sobre seus quadris. Ele era um homem grande, então me senti leve colocando todo o meu corpo sobre ele. Minha boceta se sentou bem contra seu pau duro, e no instante em que senti o quão grosso ele era, uma onda de eletricidade percorreu meu estômago.

Ele sentou-se ereto contra a cabeceira da cama, suas longas pernas esticadas sobre a cama. Ele tinha coxas musculosas e panturrilhas tonificadas, cada parte de seu corpo esculpida com perfeição. Eu nunca tinha visto um homem mais poderoso ficar nu. Os homens com quem saí geralmente eram adequados, mas não tão intensamente quanto este homem.

Senti seu pau estremecer embaixo de mim.

Porque ele era tão grande.

Grande o suficiente para mover uma montanha com aquele tronco.

Suas mãos deslizaram pelas minhas coxas até chegar à minha bunda. Ele agarrou minhas bochechas e me puxou um pouco mais perto, trazendo meu peito ao lado dele. Meus mamilos endureceram quando senti sua pele nua, a dureza de seus músculos elegantes.

Minhas mãos subiram de seu peitoral até os ombros, sentindo a parte de seu corpo que eu mais gostava - além da parte em que estava sentada. Meus dedos sentiram os sulcos individuais dos músculos e admirei sua largura. Adorei o tamanho dele esticou uma camiseta, sua dureza muito grande para ser contida no algodão.

Ele moveu sua testa para a minha e respirou comigo, seu olhar intenso na minha boca. Ele não tinha me beijado nenhuma vez desde que entrei em seu domínio, mas de alguma forma ele me excitou de outras maneiras íntimas. Apenas seus olhos me tocaram em todos os

lugares, me fizeram sentir coisas apenas com seu olhar penetrante. — Eu amo isso... — Sua mão serpenteou sobre minha bunda e para a curva nas minhas costas. Seus dedos tocaram o topo da minha bunda até o meio da minha espinha.

Meus dedos cravaram em seus ombros. — Eu amo isto. — Como eu poderia dizer algo assim para um homem como ele? Como eu poderia sentir essa química ardente entre nós? Eu não deveria desejá-lo. Eu não deveria me sentir molhada quando sentei em seu pau. Eu deveria estar exigindo ser libertada.

Ele pressionou sua boca na minha e me beijou lentamente, suas grandes mãos explorando meu corpo com suas bordas calejadas. Seu beijo foi gentil, mas segurava o desejo contido que ele sempre demonstrou. Ele respirou comigo, chupando meu lábio inferior e depois me dando sua língua. A barba por fazer em seu queixo já estava começando a voltar depois de alguns dias sem se barbear, então roçou minha bochecha macia enquanto nossas bocas se moviam juntas

Seus braços musculosos envolveram minha cintura e me puxaram para mais perto dele, agindo como jaulas de aço que me mantinham no lugar. Quente e duro era como ter um cobertor enrolado em volta de mim.

O som de nossas bocas em movimento encheu a sala, junto com o crepitar da fogueira. Eu podia ouvir nossa respiração ficar mais profunda e alta, níveis de calor começaram a subir. Senti suas mãos me agarrarem com mais força, senti seu pau pulsar embaixo de mim.

Uma de suas mãos circulou sobre minha bunda até que seus dedos encontraram meu clitóris. Ele continuou me beijando enquanto seus dedos massageavam minha protuberância, me fazendo respirar mais forte e meus quadris balançarem ligeiramente. Percebi que estava começando a esfregar seus dedos, adorando a maneira como eles me tocavam.

Do jeito que eu gostava de me tocar.

Ele chupou meu lábio inferior e me esfregou com mais força, fazendo-me agarrar seus bíceps apenas para permanecer firme. Ele terminou nosso beijo e observou minha expressão, seus olhos cheios da mesma excitação que os meus. Seus dedos deslizaram de volta para a minha entrada, e ele sentiu a poça de umidade que imediatamente os uniu. Um gemido masculino saiu de sua garganta no segundo em que sentiu minha excitação em sua mão.

Eu estava excitada demais para ter vergonha. Eu tive aquele pau grande duas vezes, e agora estava ansiosa por isso. Eu ansiava pelo alongamento que ele me deu, a plenitude intensa que nenhum outro homem poderia fornecer. Ele era grosso, mas sempre gostei de desafios.

Ele me ergueu em seu corpo, em seguida, apontou a cabeça de seu pênis na minha entrada antes de me empurrar lentamente para baixo. Ele levou um segundo para colocar sua grossa coroa dentro de mim, para empurrar minha fenda apertada e começar a jornada em minha boceta molhada e apertada. Ele gemeu quando estava na metade do caminho para dentro, seus olhos fechando por um breve momento enquanto ele apertava sua mandíbula.

Ele parecia tão quente quando fazia isso.

Eu me movi mais para baixo, conseguindo colocar todo o seu comprimento dentro de mim, mesmo que doesse um pouco. Eu abri minhas pernas mais afastadas e enganchei meus tornozelos sobre suas coxas. Suas bolas estavam na minha bunda e seu corpo quente de repente corou com o calor. Era inconfundível o quão molhada eu estava... Porque era mais fácil entrar naquela hora.

Ele pressionou seu rosto perto do meu, em seguida, enfiou a mão no meu cabelo. Ele não me beijou, mas examinou meu rosto com uma intensidade abrasadora que me fez tremer. Seu pau estava dentro de mim e agora ele me possuía de uma forma que nunca tinha antes. Ele me reivindicou mais profundamente e mais forte. Ele estava me fazendo pagar por minha liberdade, me fazendo pagar por ter

permissão para viver. — Essa boceta... Jesus. — Ele esmagou sua boca sobre a minha e me deu um beijo forte, um tipo abrasador que fez meus dedos incendiarem. Ele terminou com a mesma rapidez e, em seguida, guiou meus quadris para cima. — Foda-me, baby.

Pressionei minhas mãos contra seu peito como uma âncora e me movi para cima e para baixo, montando seu grande pau da ponta à base. Tive que trabalhar minhas pernas e bunda mais porque ele era maior do que a média, mas não me importava com o esforço. Eu amei a maneira como me senti dentro de mim, sentir tanto sangue esticado dentro da minha boceta.

Ele descansou contra a cabeceira da cama e me observou, usando aquela expressão concentrada que o fazia parecer naturalmente sexy. Havia uma sombra sob sua mandíbula e seu peito subia e descia com suas respirações profundas.

Ele prometeu que me faria esquecer todos os meninos com quem estive, e eu queria fazê-lo esquecer todas as mulheres com quem se deitou antes de mim, não porque eu fosse possessiva ou ciumenta, mas porque queria ter meu próprio poder.

Então, passei os dedos pelo cabelo enquanto o montava, brinquei com meus seios e me toquei de maneira que excitariam qualquer homem. Eu olhei nos olhos dele e fiz os ruídos baixos que os homens gostavam de ouvir.

Sua mandíbula apertou cada vez mais forte, sua resistência diminuindo. Seu pau engrossou um pouco mais em mim. — Droga.

Eu coloquei um dedo em minha boca e o chupei.

Suas mãos se moveram para meus seios enquanto ele me observava, espalmando-os com suas mãos enormes. Meus seios de tamanho médio pareciam pequenos em comparação.

Eu nunca tinha feito isso antes, mas queria impressioná-lo. Eu queria que ele estivesse sob meu controle, para saber que eu era uma

mulher muito maior do que ele pensava. Eu trouxe meu dedo molhado para as minhas costas e coloquei dentro, gemendo quando senti a intrusão.

Seu corpo parou de se esfregar contra mim e ele respirou fundo. Seus olhos se intensificaram, chocados com o que eu acabara de fazer. Desta vez, quando ele gemeu, ele parecia mais um urso do que um homem. — Você está fodendo comigo.

— Está funcionando? — Continuei montando em seu pau, empurrando essa espessura dentro de mim e espalhando minha excitação por todo ele. Eu segurei seu ombro para me equilibrar, meu rosto a apenas alguns centímetros do dele. Eu podia sentir sua respiração caindo sobre mim.

Ele apenas gemeu em resposta.

Continuei montando em seu pau com meu dedo na minha bunda, sentindo sua respiração sair mais trêmula. Ele mal estava se segurando, querendo gozar muito antes do que esperava.

Eu queria ir também, mas também queria provar um ponto. Ele era tão arrogante, e eu adoraria colocá-lo em seu lugar apenas uma vez.

Mas ele resistiu e continuou balançando em mim por baixo. Ele agarrou meus quadris e começou a me guiar de forma diferente, forçando-me a esfregar meu clitóris contra seu osso pélvico. A estimulação testou minha resistência.

Eu não queria vir, mas também queria vir.

E já que eu nunca gozei tão forte quanto quando seu pau estava dentro de mim, eu deixei acontecer.

E foi tão bom pra caralho.

Como o quatro de julho entre minhas pernas. Eu gritei em seu rosto, perdi o controle de minhas estocadas e cravei minhas unhas tão profundamente em sua pele que deixei marcas para trás. Minha boceta

quase quebrou seu pau com a constrição, e eu me contorci incontrolavelmente como se tivesse perdido todo o controle sobre meu corpo.

Foi ainda melhor do que da última vez.

Quando abri meus olhos para olhar para ele novamente, ele não estava se regozijando. Essa expressão intensa havia se aprofundado e suas mãos me agarraram com mais intensidade. Seu corpo queria escapar e se juntar a mim no auge da paixão, mas ele pendurou em frente, querendo continuar porque ele era um homem teimoso que não deixava de provar um ponto.

— Baby. — Sempre que ele dizia meu apelido, ele dizia com uma possessividade masculina. Eu nunca deixei qualquer outro homem me chamar assim, e Bones foi o primeiro que se recusou a ouvir. — Você é uma mulher e tanto.

— Você não viu nada ainda. — Virei meu corpo, mantendo seu pau dentro de mim enquanto olhava para o outro lado. Minha bunda estava voltada para ele, e eu continuei me esfregando contra seu pau enquanto me enfiava fundo e mais forte, certificando-me de manter minhas costas arqueadas e minha postura correta.

Ele respirou fundo em frustração. — Foda. Me.

Segurei sua coxa musculosa enquanto movia seu pau para dentro e para fora de mim. Eu me movi mais forte, pegando o ritmo e suando muito. Seu pau era tão longo que eu tive que trabalhar minhas coxas para me levantar e embainhá-lo repetidamente. Pressionei meu dedo profundamente dentro de mim, sabendo que ele estava olhando para cada pequena coisa que eu fazia.

Quando senti seu pau engrossar dentro de mim um pouco mais, soube que venci.

Ele agarrou meus quadris e me puxou para baixo até que eu estava sentada nele. Então ele gozou alto, seu pau pulsando dentro de

mim enquanto ele liberava toda a sua semente.

Meu rosto estava voltado para o lado, então não tive que esconder minha expressão de vergonha. Eu não tive que fingir que não gostava da sensação de tudo que ele gozava em mim até que eu fosse completamente esticado. Fechei meus olhos e aproveitei nossa mistura de gozo.

Ele descansou sua testa na minha nuca, suas mãos ainda segurando meus quadris. Ele respirou fundo, trabalhando com a emoção intensa que apenas o balançava da cabeça aos pés. Ele deu um beijo na minha nuca enquanto seu pau lentamente amolecia dentro de mim. Seus dedos cravaram um pouco mais fundo antes de ele finalmente me soltar. — Você precisa trabalhar para estica-lo. Meu pau será o próximo.

Capítulo 6

Bones

Vanessa fez bem em sua palavra.

Ela realmente era viciante.

Eu não tinha desfrutado tanto de uma mulher antes. O sexo foi bom, mas depois que eu terminei o desejo geralmente acabava. Eu era um homem com necessidades, então muito sexo fazia parte da minha vida. Mas nunca foi com a mesma pessoa.

Até agora.

Eu a fodi uma vez, mas imediatamente depois, eu a queria novamente.

Disse a mim mesmo que minha obsessão vinha do contexto da situação. Ela era filha do meu inimigo mortal e enchê-la de gozo entre suas pernas parecia proibido. Parecia uma forma de vingança, uma maneira de escapar sem realmente matá-la. Se Crow Barsetti soubesse o que eu estava fazendo, isso o deixaria em um ataque terrível.

Especialmente porque sua filha gostou.

Eu tinha que soltá-la de volta na selva logo, mas não tinha intenção de deixá-la ir. Ela ainda seria minha prisioneira porque eu tinha o tipo de poder para controlar alguém sem estar na mesma sala ou na mesma cidade. Eu só tinha mais alguns dias antes que um de seus pais ligasse para ver como ela estava.

Eu tinha que ter certeza de que tudo estava pronto até então.

Richard bateu antes de entrar no meu escritório. — Senhor, eu só queria que você soubesse que Vanessa está lá fora.

Eu imediatamente me virei na cadeira e olhei pela janela grande.
— O que ela esta fazendo?

— Parece que ela está brincando na neve. Só queria que você estivesse ciente. — Ele saiu novamente.

A tempestade havia passado e era um dia ensolarado. A neve havia baixado e a luz do sol tornava o local dez graus mais quente do que o normal. Não fui estúpido o suficiente para subestimar minha oponente. Não importa o quanto ela gostasse de me foder, eu sabia que ela me trairia no segundo que surgisse a oportunidade.

Eu faria o mesmo com ela.

Calcei minhas botas e jaqueta antes de sair. Ela estava nos fundos, vestida com roupas de neve que deve ter encontrado no armário. Com uma jaqueta grossa, resistente à água, calças e luvas, ela estava construindo um boneco de neve. Ela fez a bola de neve de baixo e trabalhou para construir a próxima peça que ia para cima. No chão ao lado dela estavam cenouras, azeitonas e um pedaço de madeira que ela usaria para fazer o rosto.

Eu a encarei por um segundo, incapaz de acreditar no que estava olhando. Esta mulher foi sequestrada e quase assassinada, mas ela estava lá fora em um bom dia fazendo um boneco de neve. Ela me lembrou de uma criança visitando seus avós no Natal.

Aproximei-me dela, minhas botas esmagando a neve.

Ela ergueu os olhos quando me notou. — Parece que estou correndo?

— Você me diria se estivesse?

Ela encolheu os ombros. — Bom ponto. — Ela terminou a segunda bola e a colocou em cima da de baixo.

Coloquei minhas mãos nos bolsos e a observei.

— Você não precisa cuidar de mim, Bones. Se eu fosse correr, já teria feito minha jogada.

— A menos que você tenha percebido que a garagem está trancada com um código e o caminho até a estrada está completamente coberto de neve.

Ela sorriu enquanto esfregava as mãos e limpava a neve das luvas. — Tudo bem, você me pegou.

Sua honestidade aumentou minha atração por ela.

— Então, realmente não há razão para você estar aqui.

— Eu posso pensar em um. — Coloquei meu corpo entre ela e o boneco de neve, e encarei seus lábios como se pudesse reivindicá-los apenas com meu olhar.

Ela inclinou a cabeça ligeiramente, segurando meu olhar com sua expressão de fogo. — Você quer construir um boneco de neve comigo?

— Eu quero um beijo primeiro.

Ela apertou os lábios com força, em seguida, revirou os olhos. — Eu não estou te dando nada. Eu vou te beijar quando eu te foder

Minha mão cavou em seu cabelo e eu apertei minha boca na dela, beijando-a na neve. Eu assumi o controle do beijo, forçando seus lábios a se moverem com os meus. Nossa respiração escapou como vapor para o ar seco. A nuca dela estava quente porque seu cabelo protegia sua pele, e meus dedos se agarraram a ele enquanto eu aprofundava o beijo.

Ela era uma grande espertinha, mas no segundo que minha boca

estava na dela, ela foi completamente cooperativa.

Eu me afastei, mas mantive meu rosto perto do dela. — Você vai me beijar quando eu disser. — Eu me virei e me ajoelhei na neve. Com minhas próprias mãos, construí uma pequena bola de neve. Eu o levantei e coloquei em cima do boneco de neve.

Vanessa jogou uma bola de neve no lado do meu rosto, o gelo frio me acertando bem na bochecha.

Eu me virei para ela, meus olhos se estreitaram. — Você não quer jogar esse jogo comigo.

— Vamos lá, eu sou uma boa atiradora. — Ela tinha um sorriso brincalhão no rosto, a luz do sol destacando a bela cor de sua pele. Seus olhos estavam cheios de vida, apesar das circunstâncias atuais. Nada poderia deter essa mulher por muito tempo.

— Se você fosse uma boa atiradora, eu estaria morto agora.

Ela revirou os olhos. — As armas são diferentes. Eu não os uso com frequência. Eu só atirei em alguém uma vez antes e não errei.

O clima lúdico evaporou imediatamente quando ouvi o que ela disse. — Você atirou e matou alguém?

— Sim. — Ela puxou a cenoura e a enfiou no centro do rosto do boneco de neve. Ela escovou? A conversa era casual, como se as circunstâncias atuais em que estávamos fossem completamente normais.

Minha atenção estava apenas nela, não no boneco de neve que ela estava fazendo. — Quem e por quê?

— Minha futura cunhada tinha um idiota obcecado por ela. Então ele me sequestrou e disse que só me libertaria se meu irmão libertasse sua namorada. Ele queria fazer uma troca. Mas em vez disso corri, peguei uma arma e atirei no crânio de um de seus capangas. Não tive tempo de verificar, mas tenho quase certeza de que ele morreu.

O orgulho passou por mim, satisfeito por Vanessa ser inteligente e astuta o suficiente para escapar de seus captores. Ela não pensou duas vezes antes de reivindicar a vida de um homem. A vida não era tão simples como as pessoas pensavam, e aqueles que preferiam morrer a tirar uma vida mereciam morrer de qualquer maneira. Vanessa agiu rapidamente e saiu de uma situação ruim. Ela tentou fazer o mesmo comigo, mas eu era um oponente muito mais difícil. — Você matou o cara que te levou?

— Não. Minha mãe fez. Ela tinha uma arma, mas o estrangulou com uma corda. Eu nunca vi minha mãe assim... Parecia tão assustadora.

Ela tinha sido tão cruel com meu pai?

Vanessa deve ter percebido meu humor porque seu olhar mudou para meu rosto, cheio de preocupação. — O que?

Eu encarei seu lindo rosto e fiz o meu melhor para combater a raiva queimando em meu sangue. Eu era órfão por causa da família de Vanessa. Eu tive tudo arrancado de mim. Fui punido por um crime que ocorreu quando eu nem estava vivo. Não importava o quão atraído eu estava por esta mulher. As linhas entre nós não podiam ser borradas. Ela era minha inimiga. Ela sempre seria minha inimiga. — Nada.

Jantamos juntos.

Vanessa devia saber que eu estava de mau humor porque ela não puxou conversa. Ela bebeu seu vinho e cortou seu frango, ficando tão quieta que parecia que ela nem estava lá.

Eu a encarei duramente do outro lado da mesa, minha mandíbula tensa durante toda a refeição. Esta mulher era tão bonita,

mas tão mortal para mim. Ela teve a vida que eu deveria ter tido amada por seus pais com uma vida de luxo. Enquanto ela estava indo para recitais e escola particular, eu estava em um orfanato ou morava na rua. Ela teve uma vida fácil. Eu estive em uma muito difícil.

— Você precisa deixar para lá.

Parei de mastigar por um segundo, surpreso com o que ela disse. Terminei minha comida antes de engolir. — Significado?

— Você está putto desde que mencionei minha mãe antes. É a única explicação para a sua mudança de humor.

— Não é uma mudança de humor. Estou sempre chateado.

— Bem, você está mais nervoso do que o normal.

— Eu odeio sua mãe. Você acha que isso vai mudar? — Segurei meu garfo com tanta força que machucou as pontas dos dedos. — Foda-me tão bem quanto você quiser, mas meu ódio nunca vai se acalmar. Sua família arruinou minha vida. Eles vão pagar pelo que fizeram.

Ela se acalmou com minhas palavras, sua própria raiva preenchendo lentamente a sala. — Tenha cuidado com o que você diz, Bones. Você sabe que vou defender a honra deles até o fim, até mesmo transformar este delicioso jantar em uma luta de facas.

— Você estaria morta antes mesmo de pegar sua arma. — Peguei meu scotch e tomei um longo gole.

— Não me subestime.

— Eu não. — Ela pode vir em um pacote pequeno, mas ela é embalada com inteligência e força. Ela me provou que era uma oponente formidável. Eu soube no momento em que a eletrocutei no pescoço e ela não parou de correr.

Fodona.

Ela baixou o olhar para a comida. — Depois de deixar sua raiva ir, você finalmente será feliz.

— Eu nunca vou ser feliz. Eu nunca fui feliz. Eu nem sei o que essa palavra significa.

— Porque você nunca se deu a oportunidade.

Mesmo se eu fizesse, eu já passei por muito. Eu sofri mais do que ela podia entender. Viver nas ruas me deixou implorando por comida. As pessoas se aproveitaram da minha posição e me espancaram pra valer só para tirar os poucos euros que ganhei de estranhos. Eu me enrijei aos doze anos, aprendendo a sobreviver sem nada. Antes de completar dezoito anos, eu era uma força a ser reconhecida. — Você teve uma vida boa. Uma boa família. Você nunca vai entender o que eu passei. Você nem consegue conceber isso.

— Então me mostre.

Finalmente soltei minha mão no garfo e voltei a comer. — Você não dá a mínima para mim e você não deveria. Se tivesse a chance, eu mataria seus pais bem na sua frente. Portanto, não perca tempo tendo pena de mim ou fingindo ter pena de mim. Te odeio. Você me odeia. Vamos deixar isso assim.

Eu a fodi por trás, segurando os ombros dela, enquanto eu batia meu pau dentro dela. Apesar das conversas tensas que tivemos naquele dia, ela estava encharcada e meu pau estava duro como pedra.

Nós nos odiávamos, mas isso não nos impedia de querer foder os miolos um do outro.

A química era natural. Eu a desejava e ela me desejava. Ela era a

mulher mais sexy do planeta, e eu sabia que ela olhava para mim como se eu fosse o tipo de cara que ela sempre quis. Se nos tivéssemos conhecido em circunstâncias diferentes, em um bar ou restaurante, teríamos nos encontrado.

E fodido dessa mesma forma.

Ela deu a volta no meu pau duas vezes, exatamente como eu pretendia. Eu queria que ela odiasse tudo em mim, exceto meu pau. Eu queria que meu pau tivesse um poder inquestionável sobre ela, para colocá-la de joelhos todas as vezes.

Eu bombeeí meu gozo dentro dela quando terminei, meu esperma escorrendo dela porque havia muito para caber dentro. Eu agarrei sua bunda quando terminei, meu pau se contorcendo no final. Eu deixei meu comprimento amolecer um pouco antes de puxar para fora dela e deitar na minha cama. Fiquei olhando para o teto, ouvindo a lareira morrer enquanto meu batimento cardíaco lentamente voltava ao normal.

Ela se deitou ao meu lado, mantendo-se vários centímetros entre nós para que não nos tocássemos.

Eu não a beijei naquela noite.

Foi pura foda, tudo carnal e paixão.

Ela quebrou o silêncio quando nossa respiração voltou ao normal. — Quando você vai me deixar ir?

Eu mantive meus olhos no teto, minha mão enfiada sob a minha cabeça. — Quando eu quiser...

— Minha mãe vai ligar qualquer dia...

— Não dou a mínima. — Agora eu queria que eles viessem atrás dela. Uma vez que eles estivessem nos degraus da frente, eu cortaria sua garganta. Matá-la seria a vingança perfeita, e agora parecia atraente mais uma vez.

Mas eu sabia que nunca poderia fazer isso.

Havia algo em Vanessa que suavizou minha decisão. Eu a respeitei muito para matá-la. Precisávamos de mais mulheres como ela no mundo, mulheres que conseguissem resistir a um homem com o dobro do seu tamanho. Se ao menos minha mãe fosse mais parecida com ela, ela ainda poderia estar viva. Talvez tenha sido por isso que fiquei tão apaixonado por ela. Ela me disse que já havia sido sequestrada antes e fugiu.

Por que minha mãe não podia ter fugido?

Se ela estivesse viva agora, eu estaria cuidando dela. Ela teria uma bela casa e tudo de que precisava.

Mas algum idiota a matou e a deixou em uma lixeira.

Vanessa se virou de lado e se apoiou no cotovelo, olhando para mim enquanto seu cabelo caía sobre os lençóis. — Qual é o seu nome verdadeiro?

Virei minha cabeça ligeiramente em direção a ela, meus olhos olhando para a bela mulher olhando para mim. — Você sabe meu nome.

— Eu sei que não é o verdadeiro, no entanto.

— É o único que você precisa saber.

Ela se aproximou de mim até que sua perna ficou entre as minhas e sua mão estava no meu peito.

Eu apenas enchi a boceta dela com tanto gozo, mas quando ela me tocou assim, enviou outra onda de prazer através de mim. Sua pele estava tão quente e as pontas dos dedos eram tão macias contra meu peito duro. Seu cabelo caiu em direção ao meu rosto, então meus dedos deslizaram pelas mechas e os mantiveram presos para trás. Eu poderia olhar para essa mulher para sempre. Às vezes, quando olhava nos olhos dela, esquecia suas raízes. Fingia que ela não era ninguém,

apenas uma mulher com quem tropecei durante uma de minhas aventuras.

Meus olhos se moveram para o ombro dela, para a cicatriz que ainda estava um pouco recente. Era obviamente um buraco de bala. Percebi isso na primeira vez em que a vi nua no plástico azul. Naquele momento, eu pretendia matá-la, então nunca perguntei sobre isso. — De onde é isso? — Minha mão roçou o ferimento, sentindo as pequenas saliências.

— Quando eu fugi daquele cara, ele atirou em mim. — Ela falou sobre seu passado com simplicidade, como se não tivesse mais controle sobre ela. Ela não estava em sofrimento emocional ou sofrendo de estresse pós-traumático. Ela estava aceitando seu passado, até mesmo a cicatriz feia que destruía a suavidade de sua pele.

Eu levantei minha cabeça e beijei a pele, beijei o tecido da cicatriz como se fosse seus lábios. — Eu sinto muito. — Voltei minha cabeça para a cama, meus dedos ainda deslizando sobre a área.

— Você não deve se desculpar.

— Mas eu vou.

Sua mão se moveu para o meu braço, para a área onde ela atirou em mim com sua bala. — Eu quero me desculpar por atirar em você, mas eu não posso... — Ela passou os dedos sobre ele, onde a tinta tinha sido destruída porque a bala perfurou a pele.

— Eu não espero que você faça. Você fez a coisa certa. — Minha mão deslizou pela curva íngreme em suas costas para sua bunda. Minhas mãos estavam obcecadas com seu corpo, obcecadas em tocá-la. Eu agarrei sua bunda, em seguida, deslizei por sua longa perna. — Mas você deveria ter mirado melhor e me matado.

Ela sorriu ligeiramente. — Não sei se concordo com isso. Afinal, você não me matou...

— Não significa que não vou.

Ela sustentou meu olhar, sua confiança brilhando como um farol.
— Eu não acho que você vai.

Eu queria dizer a ela que ela estava errada. Eu queria forçá-la a ficar de joelhos no chão e executá-la ali mesmo. Eu poderia enfiar a mão dela na lareira e vê-la queimar viva. Não seria a minha primeira vez. Mas mantive minha boca fechada e não disse nada, sabendo que pareceria uma idiota porque não iria seguir em frente. — Você é uma mulher inteligente, baby. É uma das coisas que gosto em você. Portanto, não baixe a guarda perto de mim. Não presumo que você está segura comigo. Porque se chegar à hora de eu precisar acabar com você, quero que lute a cada passo do caminho.

Seus olhos endureceram enquanto ela olhava para mim. — Eu nunca disse que me sentia segura perto de você. Eu nunca baixei minha guarda. E se chegar um momento em que eu possa ser livre ou trair você, eu o farei. Mas isso não muda o que eu disse. Eu não acho que você vai me matar. Em seu coração, você sabe que não sou culpada do crime, sua família se influenciou na minha. Eu nem estava viva na época, e nem você. Eu sou uma mulher inocente que estava no lugar errado na hora errada... Como sua mãe. Acho difícil acreditar que você faria algo assim.

Quando você possuía tanto ódio quanto eu, nada mais era lógico. Tudo era sobre derramamento de sangue e vingança. Pessoas inocentes morriam todos os dias no fogo cruzado. Vanessa não era diferente. — Tudo é justo no amor e na guerra.

Quando acordo todas as manhãs, meu pau esta ali contra meu estômago duro. Acontece todos os dias desde que cheguei à puberdade.

E agora, quando acordei, Vanessa estava aninhada bem ao meu lado. Quando ela adormece, ela fica sempre na outra extremidade da cama. Mas ela sempre ficava com frio no meio da noite e migrava em minha direção sem nem perceber.

Eu dei uma olhada para ela, seu rosto bem descansado depois de uma longa noite de sono, e a rolei de costas. No segundo em que vi essa linda mulher ao meu lado, quis ficar enterrado dentro dela. Era assim que eu queria começar minha manhã todos os dias, dando meu gozo a Vanessa Barsetti.

Ela se mexeu quando a movi, mas não acordou totalmente. Ela estava acostumada a fazer isso todas as manhãs, então agora suas pernas se abriram automaticamente, e ela enganchou os braços sobre meus ombros e segurou.

Afundi meu pau dentro dela, movendo-me lentamente até que estava enterrado até minhas bolas. Meu rosto se moveu em seu pescoço e comecei a empurrar, empurrando meu pau dentro dela repetidamente. Ela estava molhada de manhã, provavelmente porque seu corpo estava se acostumando a tomar meu pau na mesma hora todos os dias.

Ela gemeu comigo, sua garganta ainda seca de dormir.

Eu amei transar com ela assim, meio adormecida. Meu pau estava mais sensível pela manhã, então ela se sentiu ainda melhor do que o normal. Eu grunhi com meus movimentos, sentindo o cheiro de seu cabelo. Meu corpo esfregou bem contra seu clitóris porque meu corpo descansou no dela, então eu geralmente a fazia gozar em tempo recorde.

Ela amava sexo matinal tanto quanto eu.

Ela agarrou minhas costas e gemeu diretamente no meu ouvido, mais silencioso do que o normal, mas ainda atingindo o clímax com força. Seus dentes afundaram em meu ombro e sua boceta apertou em torno de mim, implorando ao meu pau para dar a ela a semente que ela

tanto amava.

Eu vim logo depois, nós dois terminando em menos de dois minutos. Eu joguei todo o meu gozo dentro dela antes de rolar de costas novamente. Meus olhos se fecharam e preendi a respiração, ainda recuperando do orgasmo que acabei de ter.

Porra, eu poderia fazer isso todos os dias.

Vanessa se virou de lado e se aconchegou em mim, sua boceta cheia de gozadas novas e gozadas da noite passada.

Droga, ela estava sempre cheia de mim.

Seu braço envolveu minha cintura e ela descansou a cabeça no meu ombro.

Meus dedos arrastaram lentamente para baixo, sentindo sua pele lisa. Meus dedos estavam calejados, mas eu ainda podia sentir seus detalhes íntimos.

Ela suspirou contra mim, satisfeita e relaxada. — Bom dia...

— Bom dia.

Ela se aproximou de mim, seu corpo todo sobre o meu.

Eu gostava - muito. Minha mão se moveu para sua coxa enquanto ela se esticava pelo meu corpo. — Você está estudando arte? — Eu sabia um pouco sobre ela pela minha pesquisa. Ela estava indo para a escola em Milão tendo a arte como disciplina. Ela não exibiu nenhum traço específico que a identificasse como artista, mas eu não ficaria surpreso se ela tivesse o talento para pintar uma obra-prima. Ela nunca deixou de me surpreender.

— Sim. — Sua pequena mão descansou bem no meu esterno. — Eu quero ser uma pintora.

— O que você pinta?

— Tudo.

— Seja mais específica.

Ela inclinou a cabeça para que seus olhos pudessem encontrar os meus. — Bem, a minha última peça foi uma imagem dos meus pais, trabalhando juntos nas vinhas. Marido e mulher cultivando o solo. É suposto representar a cultura italiana, da fundação e lealdade da família.

Sempre que sua família era mencionada, eu ficava com raiva. Mas desta vez, eu controlei minha raiva. Era muito cedo pela manhã, e eu acabei de ter um orgasmo incrível com meu pau enterrado dentro desta mulher. — Então você quer pintar profissionalmente?

— Eu acho. Não existe realmente tal coisa. Só quero ser boa o suficiente para que as pessoas comprem meu trabalho. Talvez eu possa abrir uma galeria ou algo assim. Mas fazer arte é conectar-se com as pessoas. Tenho que criar algo que mova as pessoas. Se eu não fizer isso, ninguém vai se interessar pelas minhas peças. Não pode apenas parecer bom. Tem que ser algo que alguém queira por muitos anos.

— Alguém já comprou uma de suas pinturas?

— Apenas meus pais — ela respondeu. — E eles comprariam qualquer coisa que eu fizesse, então eles realmente não contam.

Ela claramente teve uma infância perfeita, a julgar pela maneira como falava tão bem de seus pais. Eles tiveram uma vida agradável e tranquila na Toscana, trabalhando em sua vinícola de sucesso. Eu nunca comecei um negócio honesto, escolhendo permanecer no escuro e ganhar meu dinheiro de maneiras horríveis.

— Você tem muitas obras de arte em sua casa.

— Richard escolheu.

— Eles são legais — disse ela. — Já olhei para eles muitas vezes. Percebi que você não tem uma foto sua ou da sua mãe em lugar

nenhum.

Virei meu rosto para o teto e não comentei.

Depois de um tenso momento de silêncio, ela se sentou e puxou o cabelo do rosto. — Eu deveria me levantar e tomar um banho. Estou com muita fome e mal posso esperar pelo café da manhã. — A mulher, ela tinha um grande apetite. Ela sempre comia de tudo em nossas refeições e elogiava Richard pelos pratos que ele preparava.

— Certifique-se de obter o suficiente para comer. Estamos partindo hoje.

Ela voltou seu olhar para mim, a esperança óbvia.

Eu não gostei daquele olhar. Eu queria que ela ficasse na minha casa comigo para sempre. Eu queria mantê-la como minha prisioneira para sempre. Se ela não tivesse uma família tão poderosa, provavelmente eu teria. Mas, dadas as circunstâncias, eu estava arriscando muito. Se eu a matasse, seria uma coisa. Mas a família dela me mataria, e se eu nunca terminasse o que comecei, não teria realizado nada. — Não fique muito animada.

Uma vez que a neve foi removida com uma pá, entramos no meu caminhão e saímos da propriedade.

Entreguei seu telefone de volta para ela. Eu o tinha em meu escritório, carregando constantemente para que não morresse. Eu olhei suas mensagens de texto, vendo alguns de seus amigos checando com ela. Alguns caras mandaram mensagens para ela também.

Eu não me importei com isso.

Ela pegou o telefone com as mãos trêmulas, esfregando os

polegares na tela como se não pudesse acreditar que estava realmente em sua posse novamente.

Algumas coisas eram boas demais para ser verdade, incluindo isso.

Peguei a estrada gelada e comecei a viagem de volta a Milão. Ela estava com as roupas com que chegou, mas agora estavam limpas. O aquecedor estava ligado para que ela não congelasse, mas mantive o rádio desligado.

Eu preferia o silêncio.

Ela finalmente fez a pergunta em sua mente. — Você está me pegando de volta e me deu meu telefone... Como você sabe que não irei simplesmente reunir minha família para matar você? Eu sei onde você mora.

— Você conhece *um* lugar onde eu moro. — Eu dirigia com uma das mãos no volante e a outra apoiada no parapeito da janela. Meus olhos estavam na estrada, mas eu podia vê-la em minha visão periférica. — Eu tenho muitos lugares.

— Você tem uma casa em Milão?

Eu sorri. — Por que você quer saber?

— Só curiosidade.

— Sim. Eu tenho um lugar lá.

— Bem... Você não respondeu à minha pergunta.

Eu estava apostando aqui, mas a recompensa superou o risco. — Você não vai dizer nada a eles.

— Por que eu não iria? — Ela perguntou. — Você não me matou, mas deixou bem claro que minha família é sua inimiga de sangue. Embora eu esteja grata por ainda estar viva agora, farei qualquer coisa

que puder para proteger minha família. Isso é uma coisa estúpida para dizer, mas no segundo que eu falo com eles, estou contando tudo.

Isso não me surpreendeu. Eu a julgaria se ela fizesse menos. — Você está perdendo um pedaço da história.

— Que pedaço? — Ela perguntou.

Segui as curvas da estrada e desci a montanha. O lago de Garda estava lindo agora, calmo e plano, enquanto os picos das montanhas atrás dele estavam cobertos por tampas brancos. Eu prosperava no inverno e desprezava o calor úmido do verão junto com os turistas. — Guarde isso para você, e eu prometo que não tocarei em nenhum membro de sua família isso inclui Sapphire, que ainda não é da família.

— Como você sabia o nome dela?

Eu ri. — Baby, eu sei tudo sobre meus inimigos. — Além disso, ela estava na TV em todos os lugares. A mídia achava que ela era a mulher mais deslumbrante do mundo, mas eu tinha visto uma mulher diferente em lingerie e ela era muito melhor.

— E é isso? — Ela perguntou incrédula. — Você vai simplesmente abandonar a sua vingança assim?

— Não exatamente. Estou tendo minha vingança, apenas de uma maneira diferente.

— Como?

— Porque você é minha, — Senti sua cabeça virar imediatamente na minha direção assim que ela ouviu as palavras.

— O quê? — Ela perguntou baixinho. — O que isso significa?

— Isso significa que você é minha. Você tem sua própria vida e eu tenho a minha. Tenho muita merda para fazer e não posso ficar com você o tempo todo. Eu viajo muito a trabalho. Às vezes, fico fora por semanas a fio. Mas estou livre para ir e vir quando quiser, para foder

— Você antes que você acorde de manhã e para foder você antes que você vá dormir à noite. Você é uma prisioneira, mas está livre ao mesmo tempo.

— Só pode estar a brincar comigo.

Eu sorri quando ouvi o terror em sua voz. — Não.

— Isso é ridículo. Eu terei um namorado eventualmente.

— Você pode ter um namorado.

— Eu não sou uma vadia, — ela retrucou.

— Então não tenha namorado.

— Vou me apaixonar por alguém e me casar.

— E quando esse dia chegar, a guerra de sangue estará de volta. Você pode quebrar nosso acordo a qualquer hora que quiser, mas assim que o fizer, irei atrás de sua família.

Ela olhou pela janela e suspirou baixinho, lívida.

Eu estava curtindo cada segundo disso.

— Você não pode fazer isso, — ela sussurrou.

— Você prefere que eu te mate? — Eu questionei. — Esta é a única outra opção. Eu tenho você como minha prisioneira, e estou punindo seus pais, mesmo sem eles saberem sobre isso. Sei que você obedecerá porque é a melhor maneira de manter todos seguros. E não é como se você não soubesse de outras coisas...

— Foda-se, — ela retrucou.

— Baby, você não vai querer outro homem depois de me ter. O sexo não será tão bom, e ele não será tão grande. Você está acostumada com o melhor agora, com um homem que sabe como agradar uma mulher. E uma vez que você tenha experimentado isso... Você nunca

mais vai voltar a querer outros.

— Sua arrogância é nojenta.

— Mas isso faz você me querer mais de qualquer maneira.

Ela suspirou novamente e olhou pela janela. Ela ficou quieta, os braços cruzados sobre o peito. Suas pernas estavam cruzadas e seu telefone estava em seu colo. Ela não disse mais nada no caminho. Ela sabia que a única maneira de sair dessa situação era me matar ela mesma.

E eu sabia que ela tentaria.

Eu estava ansioso por isso.

Fomos até o apartamento dela, e desliguei o motor.

Ela não perguntou como eu sabia onde ela morava, mas eu sabia que ela estava se perguntando.

Caminhamos até a porta da frente e ela destrancou a porta antes de entrarmos. O apartamento dela era pequeno, perfeito para uma única pessoa. Ela tinha uma pequena sala de estar com dois sofás e uma TV. No final do corredor ficava seu quarto e seu banheiro.

Olhei em volta, vendo os móveis de cores vivas e o vaso de flores que morreu enquanto ela estava fora nos últimos dias.

Ela colocou a bolsa e o telefone na mesa da entrada, em seguida, cruzou os braços sobre o peito. Seus lábios estavam pressionados com força, e sua atitude ardente preenchia o espaço entre nós.

Dei uma olhada ao redor, movendo-me pelo espaço limitado. Ela

tinha fotos de sua família em uma das prateleiras, imagens dela e de Conway junto com seus pais. Meus olhos não demoraram muito antes de eu me virar.

— Eu tenho uma pergunta.

Eu me virei e a encarei, vendo a raiva em seus olhos. Eu a tinha visto furiosa antes, mas esse olhar era diferente. Eu sabia que ela se sentia impotente, frustrada. Ela sempre conseguiu levar vantagem nas piores situações, mas desta vez, não havia solução. A primeira pessoa a quem ela recorreria para obter ajuda era o pai - mas agora ele estava fora dos limites. — Sim, baby?

Seus olhos brilharam um pouco quando ouviu o apelido. — Eu tenho que saber... Aquela noite no beco... Foi uma coincidência? Ou você planejou que tudo isso acontecesse?

Foi pura coincidência. Eu fui um filho da puta sortudo que estava no lugar certo na hora certa. Ela foi uma azarada e eu queria manter essa informação dela, para fazê-la se sentir insegura. Mas também jurei ser honesto com ela e, como ela era uma mulher tão respeitável, não queria voltar atrás na minha palavra. Portanto, optei por não dar a ela a resposta. — Não importa. É onde estamos e qualquer especulação sobre o passado não mudará isso.

— Por que você simplesmente não me conta?

— Porque não saber torna tudo mais interessante.

— Não. É apenas outra maneira de você ter poder sobre mim.

Ela estava absolutamente certa. — E eu amo ter poder sobre você. — Não havia sentimento maior do que fazer uma mulher poderosa como Vanessa se submeter tão obedientemente. Só um homem muito poderoso poderia fazer uma mulher como ela ouvir.

E esse homem era eu.

— Isso não pode durar para sempre, — disse ela. — Não serei sua

escrava para sempre.

— Você está certa. Eventualmente, vou me cansar de você. — Eu a achei fascinante agora, com aqueles lábios carnudos e olhos lindos. Achei que ela era a mulher mais linda com quem já estive. Eu nem tinha começado a fazer as coisas sombrias que queria. Mas, como qualquer outra mulher, ela perderia seu encanto e outra pessoa tomaria seu lugar. Só não sei quando será.

— E depois? — Ela exigiu. — Você vai matar minha família então.

Eu não pararia até que seus pais estivessem mortos e enterrados no solo toscano que eles tanto amavam. — Sim. Então, se eu fosse você, teria certeza de não me cansar de você.

Capítulo 7

Vanessa

A vida já não era a mesma.

Eu estava de volta ao meu apartamento, mas as quatro paredes que me cercavam não me faziam mais sentir segura. Knuckles arrombou e me bateu, e agora um homem pior me transformou em uma prisioneira em minha própria casa.

O que diabos eu vou fazer?

Eu testemunhei os modos selvagens desse homem e sabia que ele não queria nada mais do que torturar meus pais e matá-los. A única coisa que o impedia era sua obsessão com minha boceta. Eu queria proteger minha família mantendo minha boca fechada, mas se eles soubessem que minha liberdade tinha sido destruída assim, eles ficariam arrasados.

Eu só tinha uma escolha.

Teria que matar Bones eu mesma.

Eu poderia conseguir uma arma do meu pai. Tudo que eu precisava fazer era dizer que queria isso para proteção. Ele sempre me encorajou a ter um por segurança, mas eu sempre insisti que não precisava de uma.

Parece que eu estava errada sobre isso.

Eu tinha facas, mas esfaquear Bones não seria tão fácil. Ele era

um homem enorme. Seria fácil errar, especialmente quando eu estava tão perto dele.

Minha única opção era uma arma.

Depois que ele me soltou, ele saiu. Ele disse que tinha trabalho a fazer e que ficaria fora por alguns dias. Mas antes de sair, ele inseriu um rastreador no meu tornozelo. Dessa forma, ele poderia ver onde eu estava o tempo todo.

Lutei muito com ele quando ele enfiou a agulha na minha pele, mas não adiantou. Ele era muito forte.

Ele era o homem mais forte que eu já encontrei.

Definitivamente mais forte do que meu pai e meu tio. Ainda mais forte do que Conway e Carter.

Porra, como eu entrei nisso?

Eu tentei manter a calma, lembrando que Bones não me matou. Eu poderia estar morta e aquele vídeo enviado aos meus pais. Eu escapei daquela ameaça, então eu tinha algo pelo que ser grata. Nem toda esperança foi perdida.

Eu encontraria uma saída para isso.

Porque eu era um Barsetti e Barsettis não desistem.

Eu quase perdi uma semana inteira de escola porque Bones me tinha escondido, e o dia em que finalmente fui para a aula foi o último antes do fim das aulas para as férias de inverno. O Natal estava chegando, e eu nem havia pensado em fazer compras.

Eu estava quebrada de qualquer maneira.

Normalmente faço coisas para minha família e, com sorte, tenho tempo suficiente para fazer algo juntos. O quadro em que eu estava trabalhando para a aula nunca foi terminado, então eu o embrulhei e carreguei para casa através da neve.

Voltei para o calor do meu apartamento e coloquei-o no cavalete. Comprei alguns outros suprimentos, para poder fazer algumas artes durante o meu intervalo. Pensei em fazer um quadro para toda a minha família, uma imagem de nós reunidos para as férias. Mas se eu fosse terminar, teria que começar agora.

Coloquei minhas coisas no chão e ouvi meu telefone tocar.

Era minha mãe.

Eu não tinha falado com ela desde que Bones me capturou. Ela não tinha ideia do que tinha passado. Eu tive que esconder isso dela, mas ela geralmente sabia quando estava tentando esconder algo. E agora que sabia o que tinha acontecido com ela, eu teria que manter isso reprimido também.

Cada vez que pensava no que aconteceu com ela, tinha vontade de chorar.

Minha mamãe.

Limpei a garganta e atendi ao telefone. — Ei, mamãe.

— Ei, Vanessa. Como estão as coisas? Lamento não ter ligado antes. Acabamos de estar ocupados com a casa.

— Nada demais. Eu sei que vocês estão ocupados. Se preparando para o Natal?

— Sim. Seu pai desligou as luzes e tudo está bonito. Lars não consegue se locomover tão facilmente quanto antes, então estamos trabalhando juntos para colocar a casa em forma. Os pais da tia

Adelina também vão, por isso queremos que se sintam bem-vindos.

— Oh ótimo. Adoro vê-los. — Sentei no sofá, pensando sobre o pequeno rastreador plantado dentro do meu tornozelo.

— Então, quando você vai voltar para casa?

— Provavelmente em alguns dias. Eu preciso terminar algumas coisas por aqui.

— Como foi o final do seu semestre?

— Ótimo. — Perdi os últimos dias e tirei meus estudos finais sem estudar... Então esperava passar. Realmente não importava se eu não fizesse. — Estou feliz que acabou.

— Seu pai e eu achamos que você estava ocupada. Lembro-me de como costumava ser.

— Sim, um milhão de anos atrás, — eu provoquei.

— Oh, cale a boca— ela disse com uma risada. — Eu não sou tão velha.

— Você certamente não parece.

— Isso é muito melhor. Bem, eu vou deixar você ir. Amo você, querida.

Me matou não poder contar a ela o que realmente estava acontecendo na minha vida, que eu estava presa com o maior inimigo de nossa família. Mas se eu dissesse alguma coisa e ele descobrisse, ele os golpearia primeiro, antes que tivessem a chance de fazer qualquer coisa em retaliação. E eu queria dizer a ela que eu sabia o que aconteceu com ela ... E que eu estaria lá se ela quisesse falar sobre isso. Mas eu mantive minha boca fechada. — Também te amo, mamãe.

Eu pintei o dia todo à luz da janela, e quando ficou escuro, saí com alguns amigos para os bares. Eu vi um monte de caras bonitos, e alguns até se atiraram em mim, mas saber que eu estava em uma situação complicada me fez recusá-los.

Eles não deveriam se envolver comigo.

Fui para casa antes da meia-noite, escorreguei meus saltos perto da porta, e então fui para o meu quarto com meu vestido de coquetel. Bones tinha sumido há três dias. Não ouvi nada dele e não tinha certeza de quando ele iria passar por aqui.

Não queria ver seu rosto, nunca mais, mas percebi as mudanças no meu corpo.

As mudanças em meus hormônios.

Eu estava molhada todas as noites e todas as manhãs, e minha mente voltou às memórias que eu tinha dele. Eu poderia desprezá-lo pelo monstro que ele era, mas não havia como negar que meu corpo ansiava pelo dele.

Eu sentia falta daquele bom sexo todas as manhãs e todas as noites.

Eu nunca estive em um relacionamento de longo prazo antes, então fazer sexo com a mesma pessoa em intervalos regulares era novo para mim. Eu ficava com meus outros namorados sempre que chegava a hora, mas não ficávamos juntos por dias a fio.

A vergonha me matou.

Como eu poderia querer um homem que segurou uma faca na minha garganta? Quem me sequestrou por dias? Quem queria matar minha família?

Eu sabia que era apenas físico, e se eu pudesse matá-lo, eu o

faria, mas isso não me fez sentir melhor sobre isso.

Só pior.

Eu estava prestes a despir meu vestido e preparar-me para dormir quando ouvi a porta da frente. Ela abriu e fechou casualmente, como se alguém tivesse todo o direito de entrar no meu apartamento como se fosse o dono.

Eu sabia que era ele.

A porta estava trancada, mas ele obviamente tinha uma chave. Uma chave que nunca dei a ele.

Fiquei imóvel no meu quarto, prendendo a respiração enquanto ouvia seus passos no chão de madeira. Os passos se tornaram mais alto enquanto ele migrava para o quarto. O som indicava seu corpo pesado, sua presença espessa enquanto enchia o apartamento.

Não me virei para encarar a porta, sabendo que ele estava parado ali me encarando. Eu podia sentir seus olhos azuis cristalinos perfurando meu corpo. Ele estava olhando para mim de cima a baixo, olhando para o meu corpo no vestido preto justo. Minha respiração parou porque eu podia senti-lo, e com antecipação, eu o senti se aproximar de mim.

Seus passos eram leves, mas ele estava tão perto que eu podia ouvir tudo.

Então eu senti o cheiro de neve, pinho e colônia misturados.

Eu senti seu calor depois, seu desejo. Ele não precisava me tocar para expressar suas intenções. Eu podia sentir sua excitação como se eu estivesse perto de um incêndio violento.

Ele finalmente fechou o espaço entre nós, pressionando seu peito contra minhas costas. Seus lábios se moveram para o meu ouvido e suas mãos deslizaram pelo meu corpo, começando na minha cintura e deslizando pelas minhas coxas. Ele alcançou o final do vestido, em

seguida, enrolou-o na ponta dos dedos, juntando-o até que ele lentamente puxou sobre a minha bunda, revelando minhas bochechas na minha calcinha. Ele deixou o vestido na minha cintura e soprou diretamente no meu ouvido. — Porra, eu senti sua falta.

Fechei os olhos e preendi a respiração, sentindo meu corpo me trair imediatamente no segundo em que suas mãos estavam em mim. Meus mamilos endureceram no vestido, e imaginei o monstro parado atrás de mim, imaginando a maneira como ele parecia enquanto me segurava em seus braços.

Sua mão serpenteou em volta da minha cintura e desceu pela minha barriga. Ele mirou na linha da minha calcinha, e uma vez que ele deslizou para dentro do tecido, ele continuou até alcançar meu clitóris. Ele esfregou do jeito que fez antes, fazendo melhor do que eu quando estava sozinha. Ele usou dois dedos para me esfregar bem, forçando-me a respirar profundamente enquanto apreciava o prazer. Seus dedos pegaram a excitação escorrendo da minha boceta, a umidade que já estava lá antes que ele entrasse pela porta.

Mas ele sabia que era para ele. — Você também sentiu minha falta...

A vergonha ainda estava em meu sangue, mas a excitação era muito mais forte. Agora tudo que eu conseguia pensar era naquele grande pau bem dentro de mim. Fui aos bares na esperança de encontrar um cara legal para me divertir à noite, mas no fundo da minha mente, eu sabia que queria sexo assim.

Sexo com esse monstro.

Ele agarrou a parte de trás da minha calcinha e puxou para baixo na minha bunda enquanto seus dedos continuavam a me esfregar. Ele continuou até que ficou de joelhos e os puxou pelo resto do caminho. Seus lábios roçaram minhas pernas no caminho para baixo.

Abri meus olhos e agarrei seu ombro para me equilibrar enquanto ele me ajudava a tirar minha calcinha.

Quando ele se levantou, ele me levou com ele. Como se eu fosse mais leve que o ar, ele me carregou para a cama. Me colocou no chão, deixando meu vestido e enrolado em volta da minha cintura. Ele ficou ao pé da minha cama e puxou sua camiseta pela cabeça, revelando seu físico cinzelado junto com toda sua tinta. — Abra suas pernas.

Meus joelhos estavam pressionados um contra o outro, não por rejeição, mas porque foi a posição automática que assumi quando estava na cama. Eu mantive minhas coxas pressionadas firmemente juntas enquanto olhava para ele, observando-o se mover para seu jeans em seguida. Eu estava tão molhada para ele que podia sentir a umidade manchando o interior das minhas coxas. Simplesmente fiz isso por desafio, desejando não me sentir assim por um homem tão mau.

— Não me faça mandar de novo. — Ele desabotoou a calça jeans e a empurrou para baixo com sua boxer, revelando seu pau. Ele já estava escorrendo da coroa, do jeito que eu estava escorrendo por ele por toda a minha cama.

Minhas pernas finalmente se soltaram, abrindo.

— Mais.

Eu separei meus tornozelos mais largos e puxei meus joelhos para trás, deixando meu corpo completamente aberto para ele. Ele podia ver todos os detalhes da minha boceta, ver a maneira como minha excitação brilhava à luz da lâmpada. Eu me apoiei nos cotovelos, sem graça com a minha posição, mas também excitada pela maneira como ele me encarou.

Como se ele nunca tivesse visto nada mais sexy em sua vida.

Ele agarrou seu eixo e acariciou-se com os dedos, bombeando-se quando um joelho atingiu a cama. Todo o colchão se mexeu sob seu peso. Suas coxas musculosas incharam com seus movimentos, e o resto de seus músculos apertou quando ele se aproximou de mim na cama, seu pau duro e pronto para ir.

Em vez de empurrar seu pau dentro de mim e me foder imediatamente, ele se segurou nos meus joelhos, seu rosto acima da minha boceta. — Como você quer que eu te foda, baby?

Eu não deva a mínima agora. Tudo que eu sabia era que o queria dentro de mim o mais rápido possível. Eu não tinha um clímax há três dias e estava acostumada a ter dois todos os dias. Independentemente da posição em que ele me aceitasse, ele me faria gozar. Eu tinha fé total que esse homem entregaria cada vez que ele estivesse dentro de mim.

Ele estava certo. Ele elevou meus padrões para todos os homens. Eu poderia ter encontrado outra pessoa esta noite, mas não queria apostar na possibilidade de transar com alguém sem me aliviar. Mas com Bones, eu sabia que ele sempre me faria gozar com tanta força.

Minhas mãos agarraram seus ombros. — Eu não me importo.

— Sim, você se importa. — Ele moveu seu rosto para mais perto do meu, chegando perto o suficiente para que ele pudesse me beijar se quisesse. — Conte-me. Diga-me como você queria que eu te fodesse nos últimos três dias. Diga-me como posso satisfazer essa boceta molhada. Diga-me o que posso fazer para ser digno de foder uma mulher como você.

Minhas coxas automaticamente quiseram apertar juntas em resposta porque suas palavras me excitaram ainda mais. Ele não estava apenas ansioso para me foder, mas ansioso para me fazer sentir bem também. Ele queria que minha boceta apertasse em torno de seu pau. Ele queria o poder e o orgulho. Ele queria manter a reputação que ganhou de ser um homem e não um menino.

— Baby me diga.

Eu nem me importava que ele me chamasse de baby agora. — Com seus braços travados atrás dos meus joelhos... E seu pau o mais profundo possível... Com seus lábios nos meus.

— Lento ou forte?

— Tão fodidamente forte.

Ele gemeu então fez o inesperado. Ele relaxou seu corpo no colchão e então pressionou seu rosto entre minhas pernas. Sua boca imediatamente começou a me devorar, beijando-me do jeito que apenas alguns homens fizeram antes.

Minha cabeça rolou para trás e minhas coxas automaticamente se juntaram, mas suas mãos me prenderam no lugar. Ele chupou meu clitóris com força, em seguida, circulou-o com sua grande língua. Ele beijou minha boceta do jeito que beijou meus lábios, com total posse e obsessão.

Eu estava me contorcendo e doendo, já tão perto do clímax. — Sim... — Eu senti a queimadura no fundo do meu estômago enquanto avançava em direção ao ápice das minhas coxas. Eu ia gozar, ia explodir.

Ele se afastou abruptamente e rastejou em cima de mim.

— Ugh...

— Não se preocupe, baby. Eu nunca te decepcionei certo?

— Não...

Ele trancou os braços atrás dos meus joelhos assim que eu falei e se inclinou sobre mim, seu pau latejante pronto para bater dentro de mim. Mas ele fez uma pausa, como se estivesse esperando por algo.

Eu agarrei seus antebraços. — O quê?

— Diga-me para te foder.

Se eu não estivesse nessa névoa louca por sexo, eu teria dito a ele para se foder. Mas minha mente estava completamente perdida na excitação. Eu queria seu pau dentro de mim. Eu queria seu beijo em meus lábios. Meu corpo disse a ele exatamente o que eu queria, mas o fato de que ele estava me fazendo dizer isso tornava tudo mais real. Eu

agarrei seus quadris e o puxei para mim.

Ele resistiu a mim. — Diga baby.

Eu ainda estava prestes a gozar. Eu podia sentir a explosão borbulhando entre minhas pernas. Fiquei frustrada esperando. — Cale a boca e me foda.

— Por favor.

Eu perdi minha paciência e dei um tapa na cara dele. — Não, idiota. Eu não vou dizer por favor. Agora me foda e aprecie o fato de que você ainda pode me foder.

Seu rosto mudou com o golpe, então ele lentamente virou o rosto de volta para mim. Sua bochecha estava vermelha porque eu bati nele com muita força, mas o sorriso malicioso mostrou o oposto de raiva. Pareceu excitá-lo mais, até mesmo diverti-lo. — Essa é a minha baby... — Ele finalmente enfiou seu pau em mim e deslizou todo o caminho para dentro em um movimento rápido.

— Sim... — Minhas unhas cravaram em suas costas e eu gemi quando senti aquele pau enorme me separar. Minha cabeça voltou para o travesseiro, e puxei seu rosto para baixo para que eu pudesse finalmente beijá-lo.

Ele me beijou com força, seus lábios com gosto de minha excitação.

Minhas unhas arrastaram por suas costas até sua bunda, e eu o puxei mais fundo dentro de mim, gemendo ao mesmo tempo.

Ele me deu sua língua, sua paixão e tudo mais. Ele empurrou forte com seus quadris, me levando mais agressivamente do que o normal. Eu estava tão encharcada que o pau dele se encaixou ainda melhor do que antes. — Porra... Sim.

Eu já alcancei meu limite. Eu queria gozar antes mesmo que ele estivesse dentro de mim, e agora o fiz com uma pulsação explosiva.

Como uma estrela quebrada, eu me desfiz em um milhão de pedaços. Foi tão bom que pensei que poderia desmaiar no meio disso. Eu fiquei apertada em torno de seu pau e minhas unhas deixaram rastros em toda parte em sua pele. Eu o inundei com mais excitação e gritei diretamente em sua boca, me afogando no prazer que ele me deu.

Ele continuou trabalhando duro mesmo quando eu terminei. — Vê a diferença? — ele disse através de sua respiração pesada. — Isto é como foder um homem, baby. E agora você nunca mais vai querer foder outro garoto.

Eu já gozei, mas sabia que o faria novamente. Eu já podia sentir a excitação crescendo entre minhas pernas. Foi uma sensação nova, algo que nunca senti antes. Eu ouvi sobre orgasmos múltiplos, mas nunca tive um na realidade. — Sim... Foda-me.

Ele pressionou sua testa na minha e me atingiu mais profundamente. — Eu sou o único homem que é homem o suficiente para foder uma mulher como você.

Eu acordei na manhã seguinte exatamente com o que eu estava vestindo a noite anterior. Meu vestido ainda estava puxado até a cintura e minha calcinha estava do outro lado do quarto. Eu não dormi debaixo das cobertas porque Bones estava quente o suficiente para me manter confortável durante a noite.

Quando meus olhos se abriram, a noite anterior voltou para mim.

Nós fodemos com tanta força.

Deus foi tão bom.

Mas muito ruim.

Ele estava nu ao meu lado, um gigante mais do que um homem. Seu peito subia e descia em um ritmo constante, sua tinta preta ligeiramente bagunçada nos vários lugares em que havia sido baleado ou esfaqueado. Eu os examinei com mais detalhes enquanto ele dormia nunca os percebi antes porque nunca tive a chance.

Ele geralmente estava acordado antes de mim.

Contei três facadas e quatro buracos de bala.

Jesus.

Ele acordou logo depois, seu pau já duro contra seu estômago. Ele tinha um caso sério de ereção matinal e ele tinha todos os dias. Ele abriu os olhos lentamente e olhou para o teto. Pareceu levar um segundo para ele se lembrar de onde estava.

Para lembrar a noite passada.

Ele se virou lentamente para mim, um leve sorriso no rosto.

Ele estava definitivamente pensando na noite passada.

Recusei-me a corar. Recusei-me a mostrar fraqueza. Mesmo que isso geralmente o faça me querer mais.

— Sua cama é confortável.

— Obrigada, é uma *Queen*.

— Quando você dorme em mim assim, não faz diferença. — Ele rolou para cima de mim e, como todas as manhãs quando fiquei com ele, ele apontou seu pau na minha entrada e deslizou dentro de mim.

Eu sentia falta do sexo matinal. Eu não percebi o quanto eu sentia falta até que comecei a acordar com tesão todas as manhãs.

Como todas as outras vezes, foi lento porque estávamos ambos acordando ainda. Ainda ligeiramente adormecido, nossas sensações aumentaram. Tudo parecia muito melhor, mais intenso. Sua mão

deslizou em meu cabelo e ele me manteve no lugar enquanto seus quadris empurravam em mim.

Eu gozei logo depois, gozando em seu pau enquanto sua semente ainda estava dentro de mim da noite anterior.

Ele veio imediatamente depois, como se estivesse apenas esperando que eu terminasse para que ele pudesse se libertar. Ele ficou dentro de mim até que seu pau começou a amolecer. Então ele saiu da cama. — Estou entrando no chuveiro. Quero o café da manhã quando terminar.

E assim, o momento confortável que acabamos de ter foi quebrado. — Com licença?

Ele ficou ao lado da cama, mais de um metro e oitenta de todos os músculos. — Você me ouviu.

— Não estou cozinhando para você.

Seus olhos se estreitaram. — Eu cozinhava para você todos os dias quando você ficava comigo.

— Uh, não, você não fez.

— Fui eu quem paguei para que fosse preparado.

— Idiota, eu não cozinho. Eu mal consigo fazer ovos. A única coisa que posso fazer é fazer café - porque tenho uma máquina de café.

— Então o que você come todas as manhãs?

— Café.

— E? — Ele pressionou.

— E café, — eu repeti.

— Quando você come comida de verdade?

— Hora do almoço.

— E o que você tem então?

— Eu pego algo. O mesmo com o jantar.

Ele agarrou sua camiseta do chão e a puxou pela cabeça. — Então vamos sair para o café da manhã.

Eu ri porque era ridículo. — Sim, tudo bem...

Ele me encarou, seus lindos olhos não eram mais tão bonitos. — Estou falando sério.

— Você quer sair em público? — Eu perguntei incrédula. — Juntos?

— Sim. Agora, coloque algo. Mas eu não me importo se você quiser sair assim. — Ele acenou com a cabeça para o meu vestido. — Deixe o mundo inteiro saber que eu fodi você ontem à noite. Funciona para mim. — Ele entrou no meu banheiro e abriu a torneira.

Eu não podia acreditar que estava indo para o mundo real com esse cara.

Com esse monstro.

Nós fomos para um café na rua da minha casa. A neve tinha derretido com o sol, mas ainda havia manchas dele em todos os lugares. Sentamos lá dentro, perto das janelas, que estavam congeladas nos cantos porque estava muito frio lá fora.

Uma xícara fumegante de café estava na frente dele. Ele bebia preto, seus braços musculosos descansando sobre a mesa.

Eu mal toquei no meu, ainda em choque, isso estava realmente acontecendo.

A garçonete trouxe nossa comida um segundo depois. Bones tomou um enorme café da manhã só para ele, com muito bacon e carboidratos.

Comi alguns ovos e uma torrada.

Ele começou a comer, devorando tudo.

Olhei ao redor do restaurante, me perguntando se havia alguém que me reconheceu. Felizmente, não havia.

— Envergonhada de mim? — Ele perguntou, percebendo meus movimentos.

— Não. — Peguei meu garfo. — Só vergonha de ser vista *com* você.

Ele sorriu antes de dar outra mordida. — Eu usei sua escova de dentes esta manhã.

— Você o quê? — Eu soltei.

— Sim. — Ele bebeu seu café e o pousou.

— Bruto.

— Eu como sua boceta, em seguida, beijo você e você está bem com isso, mas compartilhar uma escova de dentes está definindo o limite? — Ele falou em seu nível de voz normal, para que todos pudessem ouvir se estivessem prestando atenção.

— Cale-se.

Ele sorriu mais largo. — Se isso te incomoda tanto, pegue uma escova de dentes para mim.

— Eu não estou te dando boas-vindas em minha casa.

— Apenas sua cama?

Meus olhos se estreitaram.

Ele deu outra mordida, ainda com aquele sorriso arrogante. — Vamos parar de fingir que isso não é consensual. Você saiu ontem à noite, bateu em alguns bares e foi para casa sozinha. Uma mulher como você não vai para casa sozinha, a menos que queira ficar sozinha.

— Você está tirando conclusões estúpidas.

— Ou estou sendo completamente lógico. Você poderia ter levado para casa qualquer cara que quisesse, mas não o fez. Você foi para casa e sentiu minha falta.

— O que te faz pensar que eu não levei ninguém para casa? — Eu rebati. — Talvez ele já tenha ido embora.

Bones riu. — Se o cara já foi embora, isso explicaria por que você estava tão feliz em me ver...

Eu quase atirei meu garfo em sua cabeça. — Foda-se você. Você não é o rei do mundo.

— Apenas o rei de seu...

— Pare com isso.

Ele atendeu ao meu aviso, ainda sorrindo, e então voltou a comer. — Tudo certo, baby. Você fica tão sexy quando está com raiva, é difícil para mim jogar bem.

Mordi minha torrada, embora tivesse perdido o apetite. — Meu irmão fica de olho em mim. É melhor você torcer para que ele não nos veja.

— Não me importaria se ele fizesse. Na verdade, isso seria maravilhoso. — Ele bebeu seu café novamente antes de voltar a comer. — E agora que ele tem um filho a caminho, tenho certeza de que tem

coisas mais importantes com que se preocupar do que a irmã.

Ele realmente sabia de tudo. — Não importa quantos filhos ele tenha. Ele morreria por mim. E eu morreria por ele.

— Fofo, — ele disse sarcasticamente. — E eu posso acabar matando vocês dois.

— Podemos não falar sobre essas coisas assim agora? — Eu perguntei, baixando meu olhar para a minha comida. Faltavam poucos dias para o Natal e eu o passaria com minha família, tentando fingir que tudo estava perfeitamente normal.

Bones não disse mais nada enquanto comia em silêncio.

O silêncio era tão bom. Eu o preferia quando estávamos transando. O sexo era bom e ele não falava. Se ele falava, dizia coisas que eu gostava de ouvir. Mas quando os hormônios acabassem, ele me lembrava de como ele era vil.

E o fato de que eu tinha que matá-lo.

— Onde você estava? — Eu perguntei em uma tentativa de puxar conversa.

— Por quê? Senti minha falta?

— Se eu apenas disser sim, você responderá à pergunta? — Eu perguntei sarcasticamente.

— Não. Você já provou o quanto senti minha falta na noite passada. — Ele limpou o prato, seus ovos, bacon e panquecas haviam sumido. — Tive um acerto na Suíça. Já cuidei disso.

— Um acerto? — Perguntei.

— É isso que eu faço para viver, matar pessoas.

— Você é um assassino? — Eu perguntei friamente.

— Eu não me chamaria assim. — Ele manteve uma mão na caneca, confortável para falar sobre esse tipo de coisa em um restaurante lotado. — Um *hitman* é uma descrição melhor. As pessoas me contratam para fazer o trabalho sujo.

— E você acabou de matar pessoas? — Eu disse asperamente. Sem um único pensamento sobre quem eles são.

— Você realmente não deveria me julgar, baby.

— Tarde demais, — eu rebati. — Isso é nojento e errado.

— Então você deve pensar que seu tio é nojento e errado.

Perdi minha confiança, abalada com o que ele disse.

Ele sabia que havia plantado algumas dúvidas com sucesso. — É assim que eu sobrevivo, e não tenho vergonha disso.

— Você deveria estar. E meu tio nunca faria isso.

— Talvez não agora, mas ele fez quando tinha sua idade. Ele trabalhou para os Skull King. Ele era um Skull King. E ele assassinou todos os tipos de pessoas.

Tio Cane era um bom homem que foi outro pai para mim. Ele era afetuoso, gentil e nunca mostrou um sinal de violência. — Não, ele não fez.

— Não acredita em mim? — Ele perguntou. — Pergunte a ele.

— Eu não preciso.

Ele sorriu. — Porque você sabe que estou certo.

— Não é por isso.

— Sim, baby. Isto é.

Eu encarei minha caneca, sentindo meu coração bater tão rápido.

Eu sabia que meus pais tinham laços criminosos, mas eles não matariam pessoas por dinheiro.

— E seu irmão e seu primo não são tão honrados quanto você pensa que são. Eles vão para o *Underground*, onde as mulheres estão à venda e...

— Não faça isso. Falar... Sobre... Minha família. — Peguei a faca de manteiga, embora houvesse muito pouco que pudesse fazer com ela. — Tenho todo o direito de odiar seu pai, mas nunca disse uma coisa ruim sobre ele. Você me contou sobre sua mãe, mas não tenho nada além de respeitoso com sua memória. Minha família é tudo para mim, e eu não dou a mínima para quem você é e não fale deles assim. Vou apunhalar esta faca no seu pescoço agora mesmo, se isso fizer você calar a boca.

Ele cruzou os braços sobre o peito, os olhos cheios de intensidade. Ele não sorriu como normalmente fazia quando eu o enfrentava. Minhas palavras pareciam realmente significar algo para ele neste momento. — Eu não estava falando mal deles. Acredite ou não, estou realmente contando os fatos para você.

Eu bati a faca no centro de seu antebraço.

Como ele havia previsto, ele saiu do caminho bem a tempo.

A faca ficou presa na madeira porque a perfurou muito fundo.

As pessoas nos olhavam de suas mesas, ouvindo o som alto. Após alguns segundos de silêncio, eles desviaram o olhar.

Bones puxou a faca da mesa e a colocou de lado. — Eu vou deixar passar desta vez. Mas puxe algo assim novamente, e eu farei exatamente a mesma coisa de volta para você. Então, se você fizer um movimento, é melhor me matar.

Eu o encarei com a mesma expressão fria que ele me deu. — Oh eu vou.

Voltamos para o apartamento, mas eu só queria que ele, saísse.

— Vá, — Coloquei minha jaqueta na porta. Eu arranquei minhas luvas em seguida e entrei na minha sala de estar. — Tenho certeza de que você tem mais alguém para matar.

Ele pendurou sua jaqueta na porta ao lado da minha, como se não planejasse sair tão cedo. — Sempre há alguém para matar, mas eu já trabalho demais. — Ele caminhou até meu cavalete perto da janela e admirou a pintura em que eu estava trabalhando. Eu estava recriando uma foto que minha família tirou no ano passado no Natal. Estávamos reunidos em torno da grande mesa de jantar, um grande peru assado no meio junto com o resto do banquete. Velas vermelhas estavam ao redor, e todos que eu conhecia e amava estavam reunidos. Era difícil pintar porque havia muitos detalhes na peça. Nossa conversa no café da manhã foi horrível e eu não tinha interesse em continuá-la. Se ele dissesse alguma coisa, eu pegaria aquela faca de cozinha da minha geladeira e tentaria.

Ele olhou para a pintura não terminada e a fotografia real no canto. Ele ficou de costas para mim por um longo tempo, admirando-o em silêncio.

Esperei que ele soltasse um insulto, que intimidasse minha família ou minhas habilidades artísticas.

Mas um insulto nunca veio. — Você fez isso?

Eu olhei para cima do meu lugar no sofá, meus braços cruzados sobre o peito. — Sim. Estou pintando para minha família no Natal. Já que estou quebrada, tento fazer coisas para eles. Talvez quando eu começar a ganhar dinheiro em alguns anos, eu realmente comece a comprar coisas legais para eles.

— Por que eles querem que você compre algo para eles se isso não tem preço?

Ele parecia sério, mas eu não tinha certeza se ele estava sendo sincero. Sempre que o assunto da minha família surgia, ele era duro e rude. Ver minha família feliz reunida para o feriado só iria enfurecê-lo mais. — Não sei se você está brincando...

Ele se virou, mostrando-me sua expressão mortalmente séria.

Ok, talvez ele estivesse falando sério.

— É incrível, Vanessa. — Ele quase nunca dizia meu primeiro nome. Geralmente era um *baby*. Eu estava tão acostumada com o apelido que meu nome verdadeiro parecia estranho vindo de seus lábios. Ele pegou a pintura do cavalete e carregou-a para o sofá. Ele se sentou ao meu lado enquanto o examinava. A luz da janela inundou a sala, iluminando a peça. — Tantos detalhes. E seus rostos ... Parecem tão realistas. Está apenas na metade do caminho e já parece uma obra-prima.

Bones sempre dizia coisas que eu não queria ouvir, então não era típico dele me elogiar sem motivo. Ele poderia não ter dito nada sobre a pintura e apenas se sentasse. Mas ele parecia genuinamente envolvido no que estava olhando.

Eu não deveria me preocupar com a opinião dele, mas isso significava muito para mim. — Obrigada...

— Você não precisa ir para a escola. Você já é uma pintora.

— Eu não sei sobre isso...

— Eu sei. — Ele olhou para ela por mais tempo, então olhou para a foto no canto. — É igualzinho à fotografia. Isso foi no ano passado?

— Sim.

— Seus pais não compraram suas outras pinturas por pena. Eles

fizeram isso porque você é talentosa.

Baixei meu olhar, incapaz de encontrar seu olhar pela primeira vez.

— Baby estou sendo honesto. — Ele carregou a pintura de volta para o cavalete. Ele a olhou por outro momento antes de se virar para mim. — Você tem outros?

— Tenho um que terminei no semestre. É o que eu falei para você.

— Posso ver?

Ele apenas me disse que gostou da minha pintura, mas eu ainda estava nervosa para mostrar a ele a próxima. Eu não era uma mulher tímida que deixava a opinião das pessoas afetarem minha vida. Eu não me importava com o que as pessoas pensavam de mim, apenas o que eu pensava de mim mesma. — Claro... — Peguei no armário e entreguei.

Ele o examinou com o mesmo interesse do anterior. Ele o colocou de joelhos e agarrou-o com as mãos, olhando para meus pais parados nos vinhedos com a Villa de três andares ao fundo. Era uma foto deslumbrante da Toscana, o lugar maravilhoso onde passei minha infância. Eu pretendia vender esta peça, mas gostei tanto que poderia ficar com ela. Meus pais foram modelos para mim, fizeram muito por mim. Um dia, eles iriam embora, mas eu teria essa memória deles para sempre.

— Eu também gosto deste.

Sentei-me ao lado dele no sofá, olhando para seus antebraços cinzelados enquanto ele segurava a tela. Deve irritá-lo olhar para a imagem de meus pais, as pessoas que sobreviveram à guerra de sangue e viveram felizes para sempre. Mas ele não demonstrou desta vez. — Obrigada...

— O que mais você pinta? — Ele o colocou sobre a mesa e o encostou na mesa.

— Geralmente são pessoas em paisagens. Apenas a Itália, já que nunca estive em nenhum outro lugar. Mas o povo deste país ama e aprecia sua terra. Talvez eu viaje pelo país e pinte lugares diferentes a cada verão, como o Lago Siena e outros lugares que as pessoas adoram. E então posso colocá-los na minha galeria e esperar que alguém os compre.

— Alguém vai comprá-los, — disse ele. — E eu acho que é uma ótima ideia. Por que você não abre esta galeria agora?

— Eu não tenho dinheiro, para começar. E dois, não tenho pinturas para vender.

— Você tem este. — Ele acenou com a cabeça para as pinturas no chão. — Essa pintura pode render vinte mil euros.

Eu ri muito porque a soma era ridícula.

Ele manteve o rosto sério, me olhando friamente. — Estou falando sério. As pessoas pagam um bom dinheiro por arte como essa. Talvez você consiga ainda mais por isso.

— Eu aprecio você ser legal comigo para uma mudança, mas eu sou uma amadora. Eu não estou nesse nível.

Seus olhos se estreitaram agressivamente. — Uma das coisas que respeito em você é a sua autoestima. Você nunca se subestima e me avisou para não fazer isso também. Você é inteligente, engenhosa e corajosa. Você é confiante, mas nunca arrogante. Você permanece nessa linha fina e mantém o equilíbrio. É difícil para mim ouvir você falar sobre você desse jeito porque não é seu personagem. E, francamente, isso me faz respeitar menos você.

Agora meus olhos se estreitaram em hostilidade. — Agradeço que você pense que minhas pinturas são boas, mas você não é um

especialista. Você é um amador maior do que eu. Arte é muito mais complicada do que as pessoas pensam.

— Sou um cliente e estou lhe dizendo que pagaria muito dinheiro por algo assim.

— Se você não estivesse dormindo comigo, não pensaria duas vezes sobre minhas pinturas, — rebati. — Você está cego.

— Talvez, — ele disse. — Mas se você estivesse naquela galeria, linda e feroz, as pessoas começariam a entrar homens e mulheres. É irritante ouvir você inventar desculpa após desculpa, em vez de apenas ir em frente.

— Irritante? — Eu agarrei. — Desculpas? Preciso de mais treinamento antes de seguir por mim mesma. Só pessoas estúpidas e arrogantes pensam que sabem tudo- pessoas como você. E essa é a queda deles.

— Você está desperdiçando seu dinheiro. Não há nada que eles estejam ensinando que você ainda não saiba.

— Você não saberia.

— Sim. — Ele acenou com a cabeça para a pintura. — É muito claro. Saia e economize seu dinheiro. Use esse dinheiro para abrir uma galeria.

Fiquei com vergonha de dizer a próxima parte, mas não podia mentir sobre a verdade. — Meu pai paga minha educação... Ele pagou por este apartamento e toda a minha comida. Eu dependia dele e não gostava disso.

— Então economize dinheiro indo embora. Comece a pintar em tempo integral. E comece a vender. Venda na rua, se for preciso.

— Porque isso é elegante...

— Sua família não tem uma vinícola? — Ele perguntou. — Por

que você não exhibe sua obra de arte lá?

Não foi uma má ideia, principalmente nos fins de semana de verão, quando os turistas afluíam para as degustações de vinho. Mas ouvi-lo me pressionar nessas coisas me fez pensar em outra coisa. — Esse plano não funciona se você me matar e minha família. Você torna todos os seus prisioneiros ambiciosos? Isso faz parte da sua tortura?

Ele olhou para frente e olhou para a pintura no chão, os músculos perto de sua mandíbula ligeiramente mudando sob a pele enquanto ele erguia a boca. Seus ombros largos se moveram para frente enquanto ele apoiava os cotovelos nos joelhos. Seu tamanho destruiu a almofada em que ele estava sentado, fazendo-a afundar exatamente como ele fez com o meu colchão. — Ainda há a possibilidade de você me matar primeiro. Eu conheço minha baby, e sei que você não vai desistir até que eu esteja morto e não espero nada menos.

Foi estranho, Bones estava deitado no sofá, seu corpo inteiro alcançando de cima a baixo. Seus pés até pendiam um pouco além da borda. Apenas em sua boxer, ele estava quase nu.

Eu deitei em cima dele porque não havia outro lugar para ficar. Eu estava de calcinha porque era a única coisa que ele me permitiu colocar depois que me fodeu na cama. Um cobertor foi puxado sobre meu corpo para me manter aquecida, mas Bones não precisava do calor porque ele era sua própria fornalha.

A TV estava ligada e assistimos juntos.

Como um casal.

Uma mão estava apoiada sob sua cabeça, enquanto a outra

descansava na parte inferior das minhas costas.

Eu não sabia quando ele iria embora, mas não parecia que fosse tão cedo.

Eu tinha que partir para a Toscana amanhã. Assim, estaria lá na véspera de Natal. Eu deveria ter saído antes, mas sua visita inesperada me pegou desprevenida. Achei que ele teria que voltar para casa ou trabalhar, mas ele continuou se demorando.

Eu me apoiei em seu peito, meus antebraços descansando contra seu abdômen duro, e olhei para ele. — Estou saindo amanhã de manhã.

Ele desviou o olhar da TV e olhou para mim. — Onde você vai?

Não gostei de ser questionada, como se estivesse me reportando a ele. — Casa, para o Natal.

— O Natal não é por alguns dias.

— Bem, eu quero estar lá na véspera de Natal.

— Você pode sair de manhã na véspera de Natal. — Ele se voltou para a TV como se a conversa tivesse acabado.

— O que aconteceu aqui?

Ele se virou para mim, seus olhos brilhantes eram bonitos em comparação com seu rosto cruel.

— Você não me diz o que fazer. Você não me dá permissão. Não é assim que funciona.

— Você é minha prisioneira, e eu a possuo, — ele disse simplesmente. — Sim, é assim que funciona.

— Vou embora amanhã de manhã e esse é o fim da história.

Ele sorriu, embora nada sobre isso fosse engraçado. — Eu gosto de te deixar louca. É divertido.

Eu bati no peito dele, sentindo seu corpo rígido nem mesmo pestanejar. — Foda-se.

Ele riu, embora eu o acertei com muita força. — Tudo bem, vou deixar você ir.

— Deixar? — Eu assobieei.

— É tão fácil...

Eu bati nele novamente.

— Quando você estará de volta?

— Eu não sei. Alguns dias depois do Natal. Você tem planos para o feriado? — Não parecia que ele interagira com ninguém diariamente. Eu não o vi receber ligações ou mensagens de texto. Richard parecia ser a única pessoa que ele tinha.

— Minha equipe e eu vamos sair para beber, nossa tradição.

— Quem é essa equipe?

— Alguns dos meus amigos. Fazemos negócios juntos.

Matando pessoas. — Entendo... — Uma parte de mim tinha pena dele por não ter uma família para passar o feriado. Sair e ficar bêbado parecia terrivelmente deprimente. Ia a uma casa grande cheia de gente, bebíamos vinho o dia inteiro e abríamos presentes. Até Lars compartilhou o feriado conosco, ganhando mais presentes do que qualquer um. Ele era um avô para mim.

— Não se sinta mal por mim. — Ele se voltou para a TV. — Eu odeio essa merda.

Ele estava certo. Eu não deveria me sentir mal por ele. Ele não estaria sozinho se valorizasse relacionamentos reais e não andasse com assassinos. Com essa aparência, ele poderia ter encontrado uma garota legal há muito tempo, ter alguns filhos e começar sua própria família.

— Eu não.

— Bom.

Eu podia sentir seu pau duro embaixo de mim. Saiu do nada e parecia que seu pau estava duro o tempo todo. Não importava se estávamos brigando ou se apenas tivemos relações sexuais há quinze minutos. Ele sempre parecia pronto para a próxima rodada. — Como o seu pau fica duro assim o tempo todo?

Ele sorriu como se eu tivesse acabado de lhe fazer um elogio. — Se incomoda você, faça com que vá embora.

Eu revirei meus olhos.

— Meu pau realmente gosta de você, baby. Você é a favorita dele.

— Estou tão lisonjeada...

Ele riu. — Você deveria estar. Ele é muito mais exigente do que você imagina.

— Quando você está com outras mulheres, você usa camisinha, certo? — Porque se ele ficasse sem camisinha com todo mundo, eu teria alguns problemas sérios.

— Essa é uma questão pessoal...

— E eu tenho todo o direito de perguntar. Você não gostaria que eu usasse camisinha?

— Você não vai dormir com mais ninguém.

— Uh o quê? — Perguntei. — Você disse que eu poderia ver outros homens.

— Sim, você pode, — disse ele. — Mas você não vai. Nenhum outro cara vai viver contigo, então você vai ficar desapontada. E se você fizer isso, você só vai pensar em mim o tempo todo. Confie em mim.

— Eu já tive um bom sexo antes.

Ele balançou sua cabeça. — Não é como você faz comigo.

Eu bati em seu peito. — Você já se cansou de ser tão presunçoso?

— Não.

Eu bati nele novamente.

— Eu gosto quando você me bate, então continue.

Eu sabia que ele estava falando sério porque seu pau ficou um pouco mais duro, então parei. — Eu realmente te odeio.

— Você me odeia porque estou certo.

Ele estava certo. Eu nunca estive com um homem que me fez desmoronar assim. Nunca estive com um homem que me aceitasse com tanta confiança. Seu pau era enorme e, embora doesse às vezes, era tão bom. Ele sabia como beijar uma mulher, como lidar com uma mulher. Ele me fez sentir tão bem que a ideia de estar com outra pessoa realmente parecia sem sentido. Eu gostava de homens bonitos e confiantes, mas mesmo meu melhor parceiro não se compararia ao Bones. Ele me deu o melhor sexo da minha vida. — Você nunca respondeu minha pergunta.

— Baby, eu sempre uso camisinha. Nunca comi uma mulher pele a pele antes. Só você.

— O quê? — Eu perguntei surpresa. — Mesmo?

— Sim. Nunca estive com a mesma mulher tempo suficiente para justificar isso. Mas com você, é uma história diferente.

Isso fez-me sentir melhor. Era improvável que eu pegasse alguma coisa então. — Mas você não sabe se estou limpa.

Ele riu. — Mulheres como você são limpas.

— E como você sabe?

— Porque você é inteligente.

— Estou te fodendo, não estou? — Eu rebati.

— E essa é a decisão mais inteligente que você fará.

— Nunca foi uma *decisão*. Foi um sequestro, puro e simples.

— Você está mentindo para mim agora, não é? Meu pau está duro, mas você gosta de senti-lo contra seu clitóris. Sim, é uma decisão. E você sempre faz sua escolha.

— Você já...

— Estou farto de toda essa conversa. — Ele me agarrou e me virou, forçando minhas costas contra o sofá e minha cabeça no braço. Ele me moveu duramente, tratando-me mais como uma boneca do que como uma pessoa. Ele puxou a frente de sua boxer para baixo para que seu pau pudesse sair. Em vez de tirar minha calcinha, ele a rasgou ao meio como um homem das cavernas. Ele dobrou uma perna contra o meu corpo, prendendo-a no encosto do sofá, e então ele se moveu em cima de mim, seu grande corpo me pressionando contra as almofadas. Ele empurrou seu pau dentro de mim com força, deslizando pela minha umidade. — Sempre tão molhada... — Ele pressionou sua testa na minha, a parte de trás da minha perna contra seu ombro. Ele inseriu o braço atrás do meu joelho, mantendo-me bem afastada para que ele pudesse encaixar seu pau dentro.

Meu corpo estava sempre molhado quando ele estava por perto, pronto para tomá-lo a qualquer momento. Estávamos transando sem parar, como noivos em lua de mel. Minha boceta precisava estar preparada para tomar aquele pau grande a qualquer momento. Parei de me sentir envergonhada porque a verdade era cristalina.

Ele sabia disso.

Eu sabia.

Um braço envolveu seu pescoço enquanto minha outra mão agarrou suas costas.

Ele empurrou em mim com força, me dominando no sofá e me fodendo como se não me tivesse nas últimas semanas. Ele ofegou e grunhiu, trabalhando seu corpo duro para me dar todo o seu pênis, da coroa até a parte inferior de seu eixo.

Mordi meu lábio inferior e encarei seu rosto, observando a expressão concentrada enquanto ele examinava minhas reações. — Você ama meu pau. Diz. — Ele me empurrou com mais força no sofá, mantendo meu corpo imóvel para que pudesse me bater com mais força.

Ele já ia me fazer gozar. Eu podia sentir na minha barriga. Eu nunca fui fodida por esse homem sem me sentir completamente satisfeita quando terminamos. Eu nunca tive que me tocar depois que ele saiu para chegar ao meu clímax. Ele sempre fez o trabalho e bem. Eu não precisava da minha mão para nada. Eu só precisava dele.

Quando eu não cooperei, ele apertou os quadris com mais força, batendo no meu clitóris com pressão perfeita.

Merda, minhas pernas estavam começando a tremer.

— Diga baby.

Meus dedos subiram por sua nuca e em seu cabelo curto. Minhas unhas arranharam sua pele, escorregando em seu suor. — Eu amo seu pau.

Ele não sorriu com arrogância, mas seus olhos se intensificaram de excitação. — Eu amo essa boceta. A melhor boceta que eu já tive.

Puxei sua cabeça em direção à minha para que pudesse beijá-lo. — Você é o melhor que eu já tive...

Ele gemeu contra minha boca, seu beijo vacilando por um instante. Então ele me beijou novamente, desta vez com mais força.

Com seus dedos enrolados em volta do meu pescoço e ele deu-me bem, levando-me a um orgasmo poderoso. — Diga isso de novo.

Eu o agarrei mais forte enquanto ele me varria no melhor clímax que já tive. — Você é o melhor que eu já tive.

Eu empacotei minhas malas e embrulhei a pintura que eu iria dar de presente para minha família no Natal. Deixei tudo na soleira da porta.

Bones estava parado na porta, as mãos nos bolsos e os ombros largos em sua camiseta. — Você sabe dirigir na neve?

— Vou primeiro à casa de Conway. Ele vai dirigir.

— Você quer que eu te leve lá?

Eu ri porque pensei que era uma piada.

— Estou falando sério.

— Se você acha que estou deixando você em algum lugar perto da minha família, você realmente está louco.

Ele cruzou os braços sobre o peito. — Já ouvi isso antes.

— Vou ficar bem... Não que você se importe. — Peguei minhas malas e as levei para o carro. As alças estavam sobre meus ombros e tive que usar as duas mãos para carregar a pintura. Faria sentido para mim fazer duas viagens, mas prefiro fazer em uma viagem.

Bones arrancou a pintura da minha mão e pegou uma das minhas malas. — Deixa comigo.

— A última coisa que preciso é que você carregue minhas coisas.

— Discordo. — Ele agarrou a outra bolsa e subiu as escadas em direção ao estacionamento. — Seria uma pena se você largasse esta pintura antes de ter a chance de dá-la para sua família...

Eu tranquei a porta do meu apartamento, embora isso parecesse inútil agora, porque dois dos meus inimigos entraram sem luta. Eu me juntei ao Bones no carro no estacionamento, e ele já tinha minhas coisas no porta-malas e a pintura no banco de trás. Ele encostou-se com o tronco, os braços cruzados sobre o peito. Ele usava um moletom preto sobre a calça jeans escura. As cores contrastavam com a suavidade azul de seus olhos. Parte da tinta de suas tatuagens ultrapassava as mangas de seu suéter. Alguns outros alcançaram acima do decote.

Eu o encarei por um segundo, em guerra comigo mesma. Uma parte de mim sentiria falta dele, sentiria falta desse psicopata por razões que não pude explicar. Ele era um paradoxo, ameaçando matar a mim e minha família e depois carregar minhas coisas para o carro como um bom namorado.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente, examinando-me com a mesma intensidade com que eu o examinava. — Você acha que pode ficar perto deles sem dizer a eles o que está acontecendo?

— Eu não sei.

Ele não vacilou com a minha resposta honesta.

— Sou próxima da minha família. É difícil mentir. Eu nunca minto.

— Só não esqueça que suas vidas estão em jogo. Seu silêncio mantém essa guerra sangrenta sob controle. Seria uma forma terrível de estragar o Natal deles, especialmente quando eu sei exatamente onde cada Barsetti estará... — A ameaça era inconfundível, em suas palavras e em seu olhar. — Tudo o que tenho que fazer é equipar a propriedade com explosivos e vê-lo cair no chão enquanto todos dormem.

Agora eu não sentiria falta dele.

— Apenas algo para ter em mente. — Ele se levantou e parou de se encostar no porta-malas do meu carro. Ele caminhou em minha direção, em seguida, esticou o pescoço para baixo para que pudesse me beijar.

Eu não estava beijando-o depois dessa declaração. Eu andei ao redor dele e fui para o banco da frente.

Ele me agarrou pelo cotovelo e me empurrou para a porta do carro. Suas mãos pressionaram contra a janela de cada lado do meu corpo, e ele pressionou seu rosto perto do meu, sua mandíbula dura porque ele estava apertando com força. — Beije-me, baby.

Eu mantive meus braços contra o carro, meus olhos mostrando meu desdém por ele. — Não.

— Então você não vai a lugar nenhum.

— Eu poderia te dar uma joelhada bem no seu lugar feliz.

— Você não ousaria, não quando é o seu lugar feliz também. — Ele agarrou minhas mãos e as prendeu contra o carro, segurando-me no lugar, embora eu não estivesse tentando ir a lugar nenhum. Seus dedos fortes apertaram meus pulsos. — Você vai se atrasar.

— Me deixar ir.

— Não. — Ele pressionou seu rosto mais perto do meu. — Eu quero algo para pensar quando minha mão estiver em volta do meu pau mais tarde. Tenho certeza que você quer algo para pensar quando sua mão estiver entre as pernas esta noite. — Ele era o homem mais arrogante que eu já conheci, mas tudo o que ele disse era verdade.

Eu pensaria nele.

Estiquei meu pescoço para alcançar sua boca e pressionei um beijo suavemente contra seus lábios, sentindo o calor de sua boca no

segundo em que nos tocamos, sua barba crescia ao longo de sua mandíbula porque ele não se barbeava desde que veio ao meu apartamento. Ele não me beijou de volta imediatamente, deixando-me beijá-lo por um momento.

Então sua boca se moveu contra a minha, mantendo o beijo lento e sedutor. Ele agarrou minhas mãos com um aperto forte antes de mover as mãos para meus quadris. Ele me pressionou com mais força no carro, suas mãos tremendo de paixão. Suas mãos mostraram sua agressividade, mas seu beijo permaneceu intencionalmente lento.

Meus braços envolveram seu pescoço e eu o beijei contra o meu carro, nossas bocas se movendo juntas com força e se partindo. Seu grande corpo me manteve quente, seu pau endurecendo em sua calça jeans enquanto ele me beijava em despedida. Ele pressionou com mais força em mim, querendo que eu soubesse como o fazia se sentir.

Sua mão segurou minha bochecha e seu polegar deslizou suavemente pela minha pele. Ele me beijou com uma gentileza que não combinava com sua aparência em tudo. Ele podia me surpreender às vezes e mostrar um lado dele que eu achava que não existia.

Ele chupou meu lábio inferior mais uma vez antes de se afastar, mantendo sua boca a alguns centímetros da minha. Ele olhou para minha boca, como se estivesse pensando em me beijar mais uma vez. Mas ele manteve distância.

Eu me senti como uma presa enquanto estava na frente dele, suas mãos em mim e seus olhos observando cada respiração que eu tomava.

— Estarei esperando por você quando você voltar. — Ele beijou o canto da minha boca antes de se virar. Ele saiu andando sem olhar para trás, atravessando o estacionamento e indo para a rua. Mesmo com um suéter, os músculos de seu torso eram óbvios. Ele era largo como as asas de um avião e construído como uma casa de tijolos.

Eu o observei até que ele dobrou a esquina.

Então, finalmente entrei no carro e fui embora.

Capítulo 8

Vanessa

Conway dirigiu o SUV com Carter no banco do passageiro.

Sapphire e eu nos sentamos atrás para que pudéssemos conversar. Eu não tinha falado muito com ela nas últimas duas semanas porque estava ocupada.

Ocupada com Bones.

— Como está o bebê? — Perguntei. — Eu sei que você está apenas com seis semanas, mas você se sente diferente?

Sapphire estava em um vestido de malha de mangas compridas com um lenço azul escuro. Seu anel de diamante brilhava sempre que ela movia a mão. Ela não estava radiante apenas com a gravidez, mas também com a felicidade. — Fomos ao médico outro dia e está tudo bem. Estou tomando vitaminas agora.

— Isso é ótimo.

— Conway e eu estamos trabalhando no berçário.

— E quanto ao casamento?

— Bem, eu quero me casar o mais rápido possível porque não quero ficar enorme no meu vestido de noiva, mas está muito frio neste inverno. Quando a primavera chegar, faremos algo pequeno. Só vou demorar alguns meses até lá.

Conway olhou para ela pelo espelho retrovisor. — Uma pequena

barriga vai fazer você parecer mais sexy, se você me perguntar.

Sapphire sorriu uma leve tonalidade manchando suas bochechas.

Ver meu irmão agir de forma afetuosa com alguém foi nojento, mas fechei minha boca e deixei passar. Quando trouxesse meu marido algum dia, gostaria que ele fosse tão afetuoso comigo.

Do jeito que Bones era.

Porra foi à vigésima vez que pensei nele desde que fui embora.

Seu gozo estava dentro de mim naquele exato momento.

— O que há de novo com você? — Sapphire perguntou, mudando de assunto antes que Conway pudesse dizer algo mais inapropriado.

— Nada, — eu disse rapidamente.

— Nada? — Ela perguntou com uma risada. — Você está sempre tão ocupada o tempo todo. Acho isso difícil de acreditar.

Eu testemunhei Bones matar um homem em um beco, e ele segurou uma faca na minha garganta e quase me matou em sua casa. Agora eu estava transando com ele o tempo todo. Minha vida não era a mesma e era puro caos. Não, eu não estava fazendo nada. — Tenho pintado muito. A escola estava agitada no final do semestre.

— Estou feliz que finalmente acabou. Fui a bares com alguns amigos assim que as finais acabaram, mas nada de interessante aconteceu.

— Você está vendo alguém?

Bones surgiu em minha mente, totalmente nu. Seu pacote estava contra seu estômago enquanto esperava que eu chegasse em cima dele e o montasse com força. Meu pescoço estava quente, e eu esperava que a excitação não estivesse estampada em meu rosto. — Não. Tenho estado muito ocupada e não conheci ninguém que valesse a pena.

— Você sempre pode ser uma pintora em um convento, — disse Conway. — Eles estão sempre procurando por novos seguidores.

Eu definitivamente não me encaixaria em um convento. Bones e eu estávamos fodendo mais agressivamente do que animais. Tínhamos o tipo de paixão e ferocidade que eu só tinha ouvido falar em histórias. Nunca tive um relacionamento tão intenso e volátil. Ele poderia ameaçar minha família em um momento e me foder com tanta força no próximo. — Eu vou passar...

Eles não me aceitariam de qualquer maneira.

Na Véspera de Natal, comemos chocolate quente ao redor do fogo e falamos sobre as coisas maravilhosas que aconteceram no ano anterior. Sempre acontecia depois de um banquete, e nos sentávamos perto da árvore e admirávamos todos os enfeites que colecionamos juntos ao longo dos anos.

Minha mãe sempre foi excepcionalmente feliz na época do Natal. Quando estávamos todos juntos, rindo em frente ao fogo, ela se iluminava mais forte do que a árvore. Sempre peguei meu pai olhando para ela, uma expressão afetada em seus olhos.

Conway tinha Sapphire sentada em seu colo, sua mão movendo-se para seu estômago de vez em quando, embora ela não parecesse grávida. Carter sentou-se com sua mãe e conversou com ela sobre seu negócio de carros. Tio Cane bebia mais vinho do que qualquer outra pessoa e geralmente ficava especialmente barulhento no final da noite.

Eu pensei sobre o que Bones tinha dito.

Que meu tio foi um Skull King, um assassino.

Eu afastei o pensamento.

Não participei da conversa tanto quanto normalmente porque meus pensamentos estavam nublados pelos acontecimentos recentes de minha vida. Quando vi minha família inteira reunida para curtir as férias, percebi que nunca poderia contar a eles o que realmente estava acontecendo com Bones. Eu não podia arriscar a segurança deles, não quando minha família já havia passado por tanta coisa.

Eu tinha que matar Bones. Essa era a única maneira de sair disso.

Ele sabia que isso aconteceria, sabia que eu faria meu movimento eventualmente.

Isso significava que eu tinha que ser inteligente. Eu só teria uma chance para tirá-lo. O envenenamento parecia à melhor opção, mas parecia óbvio demais. Eu poderia atirar nele novamente, mas desta vez, tenho que atirar no crânio ou no coração. Se eu o acertasse em qualquer outro lugar, isso não o deteria.

Meu pai saiu de seu lugar no outro sofá e sentou-se ao meu lado. Ele segurou uma taça de vinho tinto, optando por bebê-lo em eventos familiares, em vez do uísque de sua preferência. Eu sabia que ele bebia quando estava sozinho em seu escritório porque eu o peguei algumas vezes. — *Tesoro*¹, como você está? — Meu pai me criou como um filho, me incentivou a ser forte, inteligente e independente. Isso me incomodava quando eu era jovem, mas agora eu estava grata por ele me empurrar com tanta força quanto ele. Eu acreditava que era muito mais difícil ser mulher em um mundo dominado pelos homens do que as pessoas imaginavam. Meu pai me preparou para isso. Se não fosse por ele, eu nunca teria escapado de Knuckles. E se não fosse por ele, eu estaria em pânico agora.

— Bem. Como está a vinícola?

Ele não me respondeu seus olhos castanhos me observando com inteligência silenciosa. — Você parece distraída.

Desejei que meu pai não pudesse me ler tão bem. — Foi apenas um longo semestre, e estive pensando no meu futuro como artista...

— Fale comigo, *tesoro*. Você sabe que pode me dizer qualquer coisa.

Nada. Isso não. — Eu gostava de ir à escola, mas estou pensando em abandonar...

Em vez de ficar com raiva ou gritar em desaprovação, ele apenas olhou para mim. — Você sabe que a vinícola é sua se decidir que quer aceitá-la. Mas você é muito talentosa, Vanessa. Não acho que você deva desistir ainda.

Não foi isso que eu quis dizer, mas apreciei suas palavras de qualquer maneira. — Isso não foi o que eu quis dizer. Eu estava pensando em abandonar a escola para poder focar meu tempo pintando. Quero começar minha própria galeria, mas como as aulas ocupam muito do meu tempo, pensei que seria mais eficaz para mim gastar tempo criando algo... Mas então isso significaria dois anos de educação pelo ralo.

Seria fácil para meu pai ficar chateado porque foi ele quem pagou todo o dinheiro da minha educação. Mesmo sendo extremamente rico, essa ainda era sua economia. — Se você está pedindo minha aprovação, você não precisa dela. Siga seu destino. Ninguém conhece o caminho melhor do que você.

— Bem... Você acha que é uma boa ideia?

Ele fez uma longa pausa antes de responder. — Não tenho dúvidas de que você tem o talento. Estudar pode ajudá-la de algumas maneiras, mas você já tem a fundação de um artista e isso é algo que não pode ser ensinado. É algo com que você nasce. Mas não posso lhe dizer para se retirar da universidade ou ficar. Essa tem que ser sua decisão, e não vou influenciá-la de qualquer maneira.

Meu pai tinha sido duro com Conway e comigo quando éramos

mais jovens, incentivando-nos a sermos talentosos e inteligentes. Mas ele foi incrivelmente atencioso e compreensivo. Ele nos guiou onde precisávamos ir, sem nos direcionar. Agora que éramos adultos, ele ainda estava envolvido em nossas vidas, mas de uma forma muito mais distante. Ele tinha fé em nós dois para nos tornarmos às pessoas que deveríamos ser.

Tive muita sorte.

— Então, o que você quer fazer, *tesoro*?

— Bem... Eu gostaria de me concentrar na minha pintura. — Eu não podia acreditar que estava realmente ouvindo o que Bones disse, mas suas palavras estavam enraizadas em mim. Ele não diria que acredita no meu trabalho, a menos que fosse sincero. Ele foi honesto, mesmo quando eu não queria ouvi-lo falar a verdade. — Eu só tenho que abrir uma galeria de alguma forma. Milão pode ser um bom lugar para isso.

— Eu posso te ajudar a fazer isso.

Eu sabia que meu pai me compraria tudo o que eu quisesse, não porque eu fosse mimada, mas porque era importante para meus pais que seus filhos tivessem o que precisavam para ter sucesso. Mas eu não queria seu dinheiro. Eu tinha 21 anos e não deveria mais usar o dinheiro dele. — Não, vou descobrir.

Ele manteve seu olhar severo, sua autoridade silenciosa. Ele fez a mesma coisa que Bones fez, tornando os momentos tensos apenas com seu silêncio. Era uma característica possuída por homens poderosos. — Você tem um plano para fazer isso?

— Vendendo algumas pinturas e economizando algum dinheiro.

— Onde você vai vendê-los se não tiver uma galeria?

— Bem, eu estava pensando que poderia exibi-los na vinícola. Quando as pessoas vêm para as degustações, podemos chamá-las.

Talvez as pessoas os compreem... Talvez sim ou talvez não.

Foi a primeira vez que meu pai sorriu. — Essa é uma ótima ideia.

— Sim? — Perguntei. — Eu não quero fazer algo que você...

— Sua mãe vai adorar a ideia também. É perfeito.

— Obrigada...

Ele moveu a mão para o centro das minhas costas e me deu um tapinha gentil. — Estou orgulhoso de você, *tesoro*. Você está seguindo seu próprio caminho na vida. Na minha experiência, pessoas de sucesso fazem isso. Eles não seguem o rebanho. Eles se tornam um líder.

Segurei meu copo e dei um leve aceno de cabeça. — Eu sei de onde tirei isso.

— Você é uma Barsetti— disse ele. — E Barsettis são poderosos.

— Eu sei. E quero que saiba que vou retribuir a minha educação... Eventualmente.

— *Tesoro*, não quero o seu dinheiro.

— Eu sei, mas quero dar a você.

— Você não me deve nada. O que eu quero mais do que tudo é morrer sabendo que você está sendo cuidada. Que quando meu espírito deixar esta terra, minha filha terá tudo de que precisa. Dinheiro não significa nada para mim. Você significa tudo.

— Papai... — Eu nunca poderia colocar este homem em perigo, não quando toda a sua vida foi direcionada para cuidar de Conway e eu. Ele era o homem mais abnegado que já conheci. Ele faria qualquer coisa por mim e eu faria qualquer coisa por ele. — Eu te amo.

Ele passou o braço em volta do meu ombro e beijou minha testa.
— Eu também te amo, *tesoro*. — Ele se afastou e baixou a mão. Ele

tomou um gole de seu vinho tremendo de afeição porque ele não era um homem emocional. Ele só parecia ser assim com meu irmão e eu, junto com nossa mãe. — Então... Você está saindo com alguém? — Ele fez a pergunta com pavor, como se realmente não quisesse a resposta. Ele nunca perguntou sobre minha vida pessoal antes. Mas eu tinha quase vinte e dois anos e ele provavelmente estava se perguntando se eu estava perto de encontrar um marido. Eu nunca tive um namorado antes, pelo menos um que ele conheceu. Enquanto crescia, eu não tinha muitas interações com meninos porque meu pai, irmão e primo assustavam todos eles. Mas quando eu fiquei adulta, meu pai recuou e parou de me proteger o tempo todo.

Bones surgiu em minha mente, não porque eu estava namorando ele, mas porque ele era o homem na minha cama. Ele também estava em meus pensamentos, constantemente. Ele assumiu o controle da minha vida, se tornando a pessoa com quem eu passava a maior parte do tempo. Ele não era meu namorado, simplesmente meu carcereiro. Eu era uma prisioneira, mas a única razão pela qual era suportável era porque o sexo era inacreditável. — Não. Não agora.

Meu pai bebeu seu vinho novamente, sua camiseta preta de mangas compridas segurando seus músculos. Todos os outros na sala estavam conversando e gargalhadas de vez em quando. — Se você conhecer um homem de quem realmente goste, adoraria conhecê-lo.

Eu não tinha certeza de porquê meu pai estava mencionando isso agora. Era como se ele soubesse de algo, mas não me contasse diretamente.

— Eu sei que nunca fui muito tolerante com os homens em sua vida. Eu era muito protetor. Mas você é uma mulher adulta agora, e eu não quero que você tenha medo de trazer um homem para a casa... Se você ama ele. — Ele não fez contato visual como fazia antes, obviamente desconfortável com o assunto. E ele deixou claro que não queria conhecer ninguém, a menos que um dia pudesse ser meu marido.

— Eu nunca estive apaixonada, — eu disse honestamente.

— Você vai... Eventualmente. Eu não me apaixonei até conhecer sua mãe, e eu tinha quase trinta anos na época.

— Mas mamãe era muito mais jovem certo?

— Sim, — ele respondeu. — Ela é quatro anos mais nova do que eu.

— Bem, se algum dia eu encontrar o cara certo, vou trazê-lo.

Ele bebeu o vinho novamente, esvaziando completamente o copo.
— Eu quero que você esteja com um homem forte, Vanessa. Ele não precisa ser rico, mas precisa ser poderoso. Ele precisa protegê-la com sua vida e amá-la ainda mais do que eu. Se ele fizer essas coisas... Ele é bem-vindo nesta casa. E vou apertar sua mão e alegremente entregá-la quando ele pedir minha permissão para casar com você.

Bones apareceu na minha cabeça novamente. Ele foi à última pessoa que pediria permissão. Ele foi o último homem com quem eu me casaria. Ele não era nada além de um homem que eu não conseguia afastar. Então, por que continuo pensando nele? — Você sempre me ensinou a me proteger.

— E eu mantenho essa lição.

— Bem, eu não preciso de um homem para isso.

Ele olhou para mim com seu olhar autoritário. — Mas eu quero, *tesoro*. Eu preciso disso.

Posso não viver o suficiente para encontrar o homem certo. Agora que Bones lançou uma sombra sobre mim, isso destruiu minha vida amorosa. Isso destruiu minha vida completamente. A única maneira de sair dessa situação era matá-lo. — Na verdade, eu queria perguntar se você poderia me dar uma arma. Depois do que aconteceu com Knuckles...

— Claro. Que tal uma Glock? Eles são pequenos e fáceis de manusear.

— Sim, isso seria bom.

— Eu darei a você antes de você sair. Você precisa que eu repasse com você?

— Não, eu me lembro.

— Tudo bem, — disse ele. — Eu sempre posso mover você para um lugar diferente. Fornecer alguns detalhes de segurança.

— Não, isso não será necessário. — Na verdade, era necessário que isso não acontecesse.

— Aconteceu alguma coisa, *tesoro*? Você está preocupada com algo em particular?

— Não, de jeito nenhum. — Tentei parecer o mais convincente possível. — Eu acabei de perceber que era estúpido não ter uma arma em casa. Achei que não precisava de um quando Knuckles entrou, mas provavelmente poderia tê-lo matado se tivesse apenas uma. Então, é algo que eu deveria ter.

— Concordo.

Eu fui para a cama tarde naquela noite. Continuamos comendo e bebendo, e antes que eu percebesse, eram duas da manhã.

Fui para o quarto de minha infância, onde minha cama queen-size estava esperando por mim. Ele tinha um edredom rosa champanhe com travesseiros fofos e uma cabeceira cinza. Minha mobília também era cinza, as cores sutis contrastando com as janelas de estilo

mediterrâneo.

Conway e Sapphire foram para seu quarto no final do corredor, e o resto da minha família ficou nos quartos de hóspedes ao redor da casa. Se não tivéssemos um prédio de três andares, seria apertado.

Eu tirei a camisa e fiquei com a calcinha e fui para a cama. Meu telefone estava na mesa de cabeceira e eu o agarrei, vendo a chamada de vídeo perdida. Foi um número que não reconheci.

Mas eu tive um palpite sobre de quem era.

Liguei para o número de volta, a tela preta enquanto a ligação era completada.

Bones respondeu sua mandíbula dura ainda severa no escuro. Ele estava na cama em que eu costumava dormir, sem camisa e de lado. Seus ombros largos eram esculpidos e poderosos através da tela, e seus olhos azuis ainda brilhavam mesmo quando quase não havia luz. — Olá baby.

Deitei de lado e apoiei meu telefone em um travesseiro, para que pudesse olhar para a tela sem segurá-la. — Por que você sempre me chama assim?

— Porque você é meu bebê. — Sua voz profunda estava rouca, como se ele estivesse dormindo quando liguei.

— Eu acordei você?

— Sim.

— Eu vou deixar você ir então. Eu só me perguntei de quem era esse número...

— Não se faça de boba. — Ele de repente se tornou hostil, voltando ao seu passo normal. — Você sabia exatamente quem era.

Eu fiz, e não fingi o contrário.

— Aproveitou sua véspera de Natal? — Ele perguntou baixinho.

— Sim eu fiz. — Se ele estava dormindo no Lago Garda, obviamente esperava que eu cumprisse minha parte no acordo. Ele estava a sete horas de distância, então ele não poderia fazer nada com esse tipo de distância. Ele realmente me prendeu sob seu polegar. — O que você fez?

— Fui ao pub com os rapazes.

— Quem são os caras?

— Max, Theron e Shane.

— Eles sabem sobre mim?

— Sim. — Ele olhou para a tela com a mesma intensidade que na vida real. Sua tinta preta não conseguia esconder seu corpo musculoso sob os desenhos. Na verdade, só o intensificou.

— Você não levou uma mulher para casa? — Eu não sabia por que fiz a pergunta quando realmente não me importava. O silêncio parecia vazio, e me senti obrigada a dizer algo.

— Com ciúmes?

— Só curiosidade.

— Não. Mas eu não a traria aqui de qualquer maneira.

— E para onde você a levaria?

— Na parte de trás do meu caminhão. No hotel. Contra a parede de um beco... O banheiro. Em qualquer lugar.

— Isso é romântico...

— Você sabe melhor do que ninguém que não sou um cara romântico.

— E você transou com uma mulher no banheiro esta noite?

Um sorriso lento surgiu em seus lábios. — Você está com ciúmes. Você me odeia, mas me quer só para você. Se isso faz você se sentir melhor, me sinto exatamente da mesma maneira. Fico duro pensando em te matar, mas também quero carregar sua merda para o carro e me certificar de que você atravessa a neve perfeitamente. É estúpido.

— Sim... É estúpido.

Minutos de silêncio se passaram e nós nos encaramos pela tela. Uma mão estava debaixo do meu travesseiro enquanto a outra descansava na minha cintura. Meu corpo estava coberto com a camisa e os lençóis, então ele não podia ver minha pele nua.

Ele quebrou o silêncio com suas palavras roucas. — Tão fodidamente linda.

Eu mantive meu rosto impassível, mas meu peito subiu com a respiração profunda que respirei. Estávamos a centenas de quilômetros de distância, mas eu podia sentir sua presença na sala. Eu podia sentir sua posse através de sua voz, sentir a sinceridade em seu tom masculino. Eu podia sentir seus lábios no meu corpo, embora ele não estivesse realmente lá. Eu podia sentir suas mãos grandes roçando minha pele antes que ele me agarrasse. Ele me reivindicou sem estar na sala, reivindicou-me a centenas de quilômetros de distância. Esse era o tipo de poder que ele tinha. — Qual é o seu nome verdadeiro?

Sua expressão não mudou enquanto ele me olhava. — Bones é meu nome.

— Não, não é.

— É meu nome do meio e é o nome que eu uso.

— Conte-me.

Seus olhos azuis cristalinos não piscaram. — Por quê? Por que isso Importa?

— Porque eu quero saber. Não quero mais chamá-lo por esse nome. Você me chama de baby. Eu quero te chamar de outra coisa.

— Eu não te chamo de baby porque eu não gosto de Vanessa. Você tem um nome bonito.

— Por que você não me conta? — Eu rebati.

Ele não respondeu.

— Por que você não me conta? — Eu repeti.

Ele olhou para mim como se estivesse considerando isso. Então ele pegou o telefone e o segurou perto do rosto. — Boa noite Baby. — Ele apertou o botão e desligou na minha cara.

O Natal foi maravilhoso, como sempre.

Comemos comida excelente, vinho e muitos presentes.

Peguei minha pintura embrulhada e dei para minha mãe. — Isso é para vocês dois.

Ela sorriu para meu pai antes de abri-lo.

Tio Cane e tia Adelina estavam sentados ao lado do fogo, o braço dele em volta dela enquanto os dois seguravam taças de vinho. Sapphire usou o novo colar de diamantes que Conway deu a ela no Natal. Carter estava sentado com seus avós materno e sua irmã, Carmen. Lars estava sentado em sua poltrona favorita perto do fogo, ainda forte apesar da idade e cheio de vida. Todos ficaram quietos enquanto observavam meus pais abri-lo.

Minha mãe roubou o embrulho então olhou para a pintura.

Vários batimentos cardíacos se passaram e tudo que ela fez foi olhar. Meu pai olhou para ele com o mesmo foco, olhando para a foto de grupo que tiramos na mesa de jantar no ano passado. Foi Lars quem tirou a foto, mas eu o pintei de qualquer maneira.

Os olhos da mamãe começaram a lacrimejar. — Querida... É...

— Linda, — concluiu meu pai. — Perfeito.

— Incrível, — acrescentou minha mãe. — Tantos detalhes.

Mamãe olhou para mim em seguida, seus olhos se encheram de uma fina película de umidade. — Minha garotinha... Tão talentosa. — Ela entregou a foto para meu pai, em seguida, estendeu os braços, acenando-me para ela.

Deixei o sofá, em seguida, mudei para seu colo, deixando-a envolver seus braços em volta de mim.

Ela me beijou na testa duas vezes e me apertou. — Muito obrigado, querida.

Meu pai passou os braços em volta de nós duas. — Isso foi muito bom, *Tesoro*.

— De nada, — eu sussurrei cercada pelo amor da minha família.

— Você é tão talentosa, — disse minha mãe. — Estamos ambos muito orgulhosos.

Talvez Bones estivesse certo. Talvez eu realmente tivesse um talento especial. Talvez eu pudesse criar pinturas que fizessem as pessoas sentirem algo. Meus pais ficaram comovidos com aquela pintura, tanto quanto ele.

O silêncio passou por vários minutos antes que minha mãe finalmente me soltasse.

Conway suspirou. — Eu dei a eles um neto, mas Vanessa ainda é

a favorita deles...

— Deixe-a em paz, — disse Sapphire. — Isso foi muito fofo.

— Eu comprei para meu pai aquele belo coldre de arma, — argumentou Conway.

— Bem, o coldre de uma arma não é tão comovente quanto uma pintura, — disse tio Cane. — O presente de Vanessa chuta traseiros.

Tia Adelina deu um tapa no joelho dele. — Não fale assim.

— O que? — Perguntou tio Cane. — Todos aqui são adultos exceto o pequeno dentro de Sapphire.

Minha mãe pegou a pintura e levou-a para a parede. Já havia uma foto lá, algo que estava pendurado lá desde que eu era jovem. Era uma pintura de nenúfares em um lago. Ela o removeu rapidamente porque era do mesmo tamanho e o substituiu pelo meu. — Pronto... Isso é perfeito.

— O que você vai fazer com o antigo? — Carter perguntou.

Mamãe encolheu os ombros. — Jogue fora. É lixo comparado a isso.

— Uh— disse Conway. — Isso é um Monet...

— Tanto faz— disse a mãe. — Não se compara a um Barsetti original.

Capítulo 9

Bones

Eu sentei na minha mesa em frente a lareira crepitante, apreciando uma grande garrafa de uísque enquanto a neve caía lá fora. Era dia de Natal e passei a tarde toda fingindo que era apenas mais um dia.

Mas nenhuma quantidade de fingimento poderia mudar a realidade.

Foi assim que passei todas as minhas férias - sozinho.

Vanessa estava com sua família, bebendo e se divertindo.

Eu poderia estar fazendo a mesma coisa se meus pais estivessem vivos. Se eu tivesse a chance de ter irmãos. A felicidade deles deve ser minha felicidade. Eu não deveria alimentar meu arrependimento com bebida. Às vezes, isso me tornava tão rancoroso que queria ir até lá e matar todos eles.

Incluindo Vanessa.

Mas mantive distância e tentei não pensar na alegria deles.

Vanessa ficava perguntando qual era meu nome verdadeiro, mas eu não via por que isso importava. Eu era Bones, pura e simplesmente. Ninguém me chamou por outro nome. Meus passaportes nem tinham meu nome verdadeiro porque viajei com nomes diferentes. Era fácil permanecer acima da lei quando você não era realmente uma pessoa.

O sol se pôs e a noite se aprofundou, mas eu fiquei no meu escritório.

Pensando em meu último Natal com minha mãe.

Ela foi trabalhar na véspera de Natal, pegando um cliente na rua. O dinheiro estava apertado naquele mês e estávamos sendo despejados. Ela precisava encontrar o dinheiro em algum lugar e queria me comprar um brinquedo de Natal.

Então ela conheceu um cliente que acabou matando-a e deixando-a em uma lixeira.

Minha mãe nunca voltou para casa.

Só três dias depois o senhorio veio buscar o dinheiro. Ele me descobriu, chamou a polícia, e foi então que encontraram o corpo dela na lixeira. Fui enviado para o orfanato.

Ninguém poderia me julgar por odiar este feriado estúpido.

Ninguém poderia me julgar por odiar Vanessa.

Eu deveria simplesmente matá-la.

Cortar sua garganta e acabar com isso. Eu deveria colocar o corpo dela em uma lixeira do jeito que minha mãe foi jogada de lado.

Mas eu sabia que nunca faria isso, não importa o quão bravo eu estivesse. Eu estava muito obcecado por ela, muito apaixonado por ela. Quando ela não estava comigo, pensava nela. Agora contei os dias até ela voltar. Quando eu a teria, não pensei sobre a merda horrível da minha vida.

Eu apenas me senti bem.

Ela era como drogas e bebida- mas com uma sensação melhor.

Meu telefone tocou e imediatamente olhei para ele na esperança de que fosse ela. Mas era Max. — Sim?

— Peguei você em um momento ruim?

— É Natal -então sim.

Seu passado era tão sombrio quanto o meu, então ele não questionou. — Eu acho que posso ter uma pista sobre o cara que matou sua mãe.

Sentei-me para frente, meus cotovelos movendo-se para a mesa.
— Sim?

— Acho que pode ter sido Joe Pedretti. Minhas fontes dizem que ele tem uma queda por prostitutas e ele mata muitas delas. Ele estava na área na noite em que sua mãe morreu. Não posso confirmar com total certeza, mas há uma boa chance de ter sido ele. Vou investigar mais.

— Esse nome parece familiar.

— Sim... Porque ele é o líder dos Tyrants. Eles fazem negócios com os russos, transferindo armas e drogas para a Europa. Eu odeio dizer isso, Bones, mas ele é bastante intocável.

— Ninguém é intocável - não para mim.

— Ele tem pelo menos cem homens trabalhando para ele todos fortemente treinados. Ele tem muito dinheiro. Ele tem um relacionamento com a polícia assim como você. Ele não é tão grande quanto a máfia italiana ou os Skull Kings, mas ele não é um cara que você deveria irritar

— Eu não dou à mínima. Se ele a matou, ele vai pagar por isso.

— Deixe-me confirmar antes de fazer qualquer coisa estúpida, certo? E mesmo que ele tenha feito isso, você ainda não deve fazer nada estúpido. Você está apenas se colocando em risco e os outros caras na linha. Sua mãe está morta, pura e simplesmente. Ela não vai voltar os policiais não se importam e não há nada que você possa fazer a respeito. Sua mãe não gostaria que você morresse por ela quando ela

já está morta.

Tudo o que ele disse fazia sentido, mas não mudou minha mente.
— Ela é família, Max. Eu não me importo se ela era apenas uma prostituta. Ela era minha mãe e fez o melhor que pôde para cuidar de mim. Agora vou cuidar dela.

Ele suspirou ao telefone. — Bones, talvez eu não devesse ter te contado.

— Não. Eu precisava saber. Você não precisa se envolver.

— Eu já estou envolvido. Eu cuido das suas costas e você das minhas.

Porque éramos irmãos de sangue.

— Basta pensar um pouco sobre isso. Você vai perceber que é inútil. — Ele desligou.

Larguei o telefone e fechei as mãos em punhos. A raiva bateu em minha têmpora e em meu coração. O homem que ficou com minha mãe e depois cortou a garganta estava andando livre. Tinha que despejar o corpo dele em uma lixeira do jeito que ele fez com ela. Mal sabia ele, ele escolheu a mulher errada para foder. Mal sabia ele, seu filho iria crescer para ser o monstro mais asqueroso do mundo.

Mal sabia ele, eu era muito pior do que meu pai jamais foi.

E ele pagaria pelo que fez.

Peguei a garrafa de uísque e joguei contra a parede, ouvindo-a se estilhaçar em mil pequenos cacos. Richard não veio correndo porque estava acostumado a essas explosões de raiva.

Peguei meu telefone e liguei para Vanessa.

Era meia-noite, então ela poderia estar na cama agora.

Ela respondeu. — Olá?

Eu não disse nada, mantendo meu silêncio na linha.

Ela sabia que eu ainda estava lá. — Algo errado?

Muitas coisas estavam erradas, mas eu não acho que poderia dizer a ela. — Quando você estará em casa? — Eu precisava esconder minha raiva, e a melhor maneira de fazer isso era estar enterrada entre suas pernas.

— Amanhã à noite.

Eu poderia aguentar mais um dia. — Eu estarei esperando por você.

Agora ela ficou quieta.

Não perguntei como foi o Natal dela porque não me importei. Não perguntei nada a ela porque não queria falar. Eu só queria sentar na linha com ela, ouvi-la respirar enquanto ela estava deitada na bela mansão que seu pai comprou para sua família.

— Eu dei a pintura para meus pais... Minha mãe chorou.

Lembrei-me da pintura como se ainda estivesse olhando para ela. Lembrei-me dos detalhes, da alegria. O sentimento de família era avassalador, o sentimento de amizade e lealdade. Ela expressou tanto naquela foto, tanto que eu nunca tive.

— Meu pai também gostou muito. Eles penduraram na parede ali mesmo.

Eu queria dizer algo bom, mas não consegui fazê-lo. Ela tinha a vida que eu queria, e eu era o único sentado sozinho em meu escritório, pensando no homem que eu queria matar, pensando no cadáver de minha mãe comido por baratas no lixo.

A vida não era justa e nunca me acostumei.

Ela tinha tudo.

Eu perdi tudo.

Eu a odiei.

Mas engoli minha raiva tanto quanto pude e mantive minha fúria engarrafada por dentro. Afinal, fui eu quem ligou para ela. — Isso é bom. — Foi o melhor que pude fazer, então desliguei e desliguei. meu telefone para que ela não pudesse me ligar de volta. Eu tinha um suprimento infinito de uísque, então abri outra garrafa e servi um copo.

E eu bebi até desmaiar.

Eu sento no sofá na escuridão de seu apartamento e espero pelo som de sua abordagem. Ela disse que voltaria esta noite, e fiz a viagem de duas horas para que pudesse estar lá quando ela entrasse pela porta. Sua felicidade me enfureceu, e a única maneira de anestesiá-la era me enterrando entre suas pernas.

Foi à única forma de vingança que eu poderia ter.

A única coisa que poderia me impedir de ter esses pensamentos ruins.

As vozes aumentaram conforme as pessoas se aproximavam.

— Você não precisa carregar minhas coisas Con. — A linda voz de Vanessa entrou pela porta.

— Eu sei que ajo como se te odiasse, mas eu não odeio. Deixe-me carregar sua merda. — A voz profunda de Conway veio a seguir. Sua aparência veio à minha mente. Lembrei-me de como ele olhou para o *Underground*, em seu melhor terno. Eu me perguntei se ele sabia quem eu era -como eu sabia quem ele era.

As chaves entraram na porta.

Fiquei tentado a ficar parado, a deixá-lo olhar para mim quando entrasse. Ele não estaria armado, e sua noiva grávida estaria no carro lá embaixo. Eu poderia matá-lo e depois ir atrás dela. Carter provavelmente estaria lá, mas eu poderia lidar com ele se fosse um-a-um. Vanessa viria atrás de mim com tudo o que tinha.

Eu teria que matá-la também.

Mas eu não quebraria minha palavra para Vanessa. Ela cumpriu a parte do acordo e não contou à família o que estava acontecendo. Então entrei em seu quarto e me escondi.

Eles entraram segundos depois.

Conway estava com uma jaqueta preta e jeans, parecendo tanto com o pai que parecia que Crow Barsetti estava em casa. — Você quer que eu coloque isso no seu quarto? — Ele tinha suas duas sacolas em cada mão.

— Não. — A resposta dela saiu rápida, uma reação instintiva. Ela sabia que eu estava no quarto, mesmo que ela não pudesse me ver. Ela provavelmente sentiu minha presença, sentiu minha possessividade mesmo em uma sala diferente. — Deixa comigo. Você deve ir. Tem sido um longo dia.

— Tão teimosa. — Ele largou as malas no chão. — Você pensaria que eu iria me acostumar com isso, mas nunca me acostumo.

— Você é mais teimoso do que eu.

— Mas muito mais bonito.

Eu escutei suas brigas de irmãos com aborrecimento. Eu não tinha irmão ou irmã. Nenhum dos meus pais viveu o suficiente para o luxo.

— Obrigada por me dar uma carona para casa, — disse Vanessa.

— O Natal foi bom.

— Foi, — disse ele em concordância. — Mamãe e papai realmente gostaram daquela pintura.

— Sim... — Sua voz suavizou. — Parece que sim.

Virei à esquina e os observei na porta da frente.

Conway passou os braços em volta dos ombros dela e a abraçou.
— Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa. Estou bem no meio do caminho.

— Eu sei. — Ela o abraçou de volta.

— Feliz Natal, mana. — Ele beijou sua testa e saiu.

Ela o observou sair antes de fechar a porta atrás dele. Ela girou a fechadura e manteve sua posição na entrada, as costas subindo e descendo com força. Ela sabia que eu estava no fim do corredor, e tirar seu irmão de lá o mais rápido possível era seu objetivo. Ela não queria que respirássemos o mesmo ar. Sua testa descansou contra a porta por alguns segundos antes de ela recuar.

Saí do quarto dela e fiz meu caminho pelo corredor até a sala de estar. Ela não se virou para mim, já sabendo que eu estava lá antes de ouvir meus passos. Como se ela estivesse usando seu corpo como um escudo entre mim e a saída, ela não se moveu. Ela estava assustada. Eu podia ver na maneira como ela se comportava.

Foi a primeira vez que a vi assim.

Parei atrás dela, meu peito pressionando suas costas. Meus braços envolveram sua pequena cintura, sentindo a jaqueta grossa que cobria seu corpo. Minha cabeça se inclinou para baixo, e eu a beijei no pescoço, sentindo sua pulsação frenética contra meus lábios. Seu coração batia tão rápido, o terror a rasgava em ondas.

Ela manteve o corpo em frente à porta o maior tempo possível,

como se estivesse dando à família tempo suficiente para chegar ao carro e partir. Tudo que eu tive que fazer era pegá-la e movê-la, mas ela provavelmente lutaria até a morte.

Mas eu não estava interessado neles apenas nela. — Você manteve sua parte no acordo. Vou manter o meu.

A respiração deixou seus pulmões lentamente, seu alívio a lavando visivelmente.

Quase fiquei comovido com o gesto, comovido com o quanto ela se importava com sua família. Ela agiu como um escudo humano para me manter longe deles, e a única vez que ela mostrou medo foi quando ela estava com medo de outra pessoa.

Tirei a jaqueta do seu corpo e pendurei na porta. Ela estava com uma camiseta preta de mangas comprida, que abraçava seu corpo de todas as maneiras certas. Mostrava a curva profunda de sua cintura e o vigor de seus seios. Seu jeans apertado fazia sua bunda parecer um coração. Pressionei meu corpo contra o dela, querendo que ela sentisse o quão duro eu era por ela.

Eu me diverti com o medo dela.

Eu sabia que eu era o homem que mais a assustava. Eu tinha o poder de tirar toda a sua família e mantê-la presa debaixo do meu polegar. O poder era o tipo de bebida da qual eu não me cansava.

Junto com Vanessa Barsetti.

Eu agarrei seus quadris e lentamente a virei, forçando-a a me encarar. Agora que eu podia ver sua expressão, eu podia ver o medo em seus olhos. Vulnerável, com medo e protetora, tudo ao mesmo tempo, ela estava em modo de sobrevivência. Ela queria que seu irmão saísse de lá o mais rápido possível, para mantê-lo longe do monstro escondido em seu armário. Minha mão segurou sua bochecha e eu segurei seu olhar por minutos, vendo a teia de emoções profundas em seus olhos. Era impossível para ela ser forte e atrevida para mim

quando ela não se importava com sua própria vida. Ela colocaria a sua em um instante para proteger seu irmão. Ela era leal, desprezava totalmente sua própria vida.

Eu respeitei isso.

Eu faria o mesmo por qualquer um dos caras da minha equipe, a coisa mais próxima que eu tinha de uma família.

Eu lentamente a empurrei para a porta e movi minhas mãos para seus quadris. Eu a pressionei na madeira, meu corpo ao redor dela e a mantendo presa para que ela não tivesse para onde ir. Sua família se foi, e ela era minha presa novamente.

Embora eu tivesse o dobro do seu tamanho, o dobro do seu peso e dez vezes a sua força, ela não parecia ter medo do monstro que eu era - apenas o que eu era capaz de fazer. Meu polegar roçou seu lábio inferior e eu a estudei como se não a tivesse visto em semanas, em vez de três dias. Eu senti a suavidade de sua boca, o volume de seus lábios. Sua maquiagem estava feita, seus olhos escuros e esfumados e seus lábios pintados os tornavam ainda mais atraentes. Ela enrolou o cabelo e o fez muito bem. Quando ela aperfeiçoava sua aparência, ela ficava ainda mais deslumbrante. Ela poderia ser modelo, se quisesse. Ela poderia ser a esposa do homem mais rico do mundo- a última esposa troféu. Ela poderia ser o que quisesse.

Mas ela era minha.

Eu possuía essa mulher da cabeça aos pés. Eu a reivindiquei profunda e apaixonadamente. Nenhum outro homem poderia tê-la porque espalhei minha presença em todos os lugares, de sua casa até sua cama e entre suas pernas. — Senti minha falta?

— Não, — ela sussurrou. — E sim.

Minha mão escovou seu cabelo atrás do ombro, revelando seu pescoço esguio. — Senti sua falta todas as noites e todas as manhãs. — Eu poderia ter saído e buscado outra mulher que estava deprimida

durante a temporada de festas, mas ela teria sido uma decepção. Eu teria imaginado Vanessa embaixo de mim, e teria sido difícil por causa da camisinha enrolada no meu pau. Eu prefiro ter a boceta nua de Vanessa, tão molhada e escorregadia.

Uma leve coloração se moveu em suas bochechas, entendendo exatamente o que isso significava.

— Foi assim que você sentiu minha falta?

Ela sustentou meu olhar, um leve desafio em seus olhos. Ela tentou minimizar sua atração por mim, mas sempre que o fazia, parecia estúpida porque era dolorosamente óbvio que era uma mentira.

Da última vez que transamos, ela admitiu que eu era o melhor que ela já teve. — Você sabe que foi a única maneira que senti sua falta.

Eu a encurralei como um animal e gostei de fazê-la se render indefinidamente. — Eu comprei algo para você no Natal.

Ela manteve a guarda, sabendo que o presente não seria uma joia com um laço vermelho no topo.

— Vá para o quarto e coloque-o. — Minha mão cavou em seu cabelo e eu escovei meus lábios nos dela, brincando com ela.

Seus lábios se separaram automaticamente como eu esperava.

Mas eu não a beijei. Eu apenas a lembrei de quanto poder eu tinha. Eu a soltei e dei um passo para o lado, permitindo que ela passasse.

Ela me lançou um olhar violento antes de ir para o quarto.

Eu a observei ir, então olhei para suas malas no chão. Eu sabia que Vanessa iria tentar me matar eventualmente e passar alguns dias com seus pais deu a ela a oportunidade perfeita. Enquanto ela vestia a lingerie vermelha que comprei para ela, olhei suas bolsas.

Era principalmente roupas, maquiagem e material de cabelo. Mas encontrei um de seus suéteres enrolado e, assim que o endireitei, encontrei a Glock dentro.

Eu não pude deixar de sorrir.

Ela pediu uma arma ao pai ou roubou uma das dele. Foi a oportunidade perfeita para conseguir uma arma, já que eu tinha um rastreador em seu tornozelo. Eu podia ver onde quer que ela fosse então se ela tentasse comprar uma arma, eu saberia sobre isso.

Pena que fui muito inteligente para ela.

Esvaziei o carregador de todas as balas e coloquei de volta quando o encontrei. Não havia munição extra, então ela obviamente a tinha para um uso apenas.

Para me matar.

Eu coloquei as balas no bolso da minha jaqueta perto da porta, em seguida, sentei no sofá, esfregando as palmas das mãos. Vanessa era o tipo de mulher que você nunca deve subestimar. Ela foi ficando mais familiarizada com meu poder com o passar do tempo. Ela só tinha mais motivos para ter medo de mim. Mas isso não a deteve. A única maneira de salvar sua família sem envolvê-los na situação era me matando.

E ela pretendia fazer isso acontecer.

Eu poderia estar com raiva, como qualquer pessoa normal estaria.

Mas eu não era normal.

Eu estava duro pra caralho.

Eu amei sua luta e seu espírito. Se ela estivesse sob tortura, ela aguentaria muito mais tempo do que os homens com o dobro de seu tamanho. Ela tinha uma determinação que não podia ser apagada, nem

mesmo por um homem como eu. Isso me forçou a respeitá-la.

O que foi difícil de fazer.

Para mim, respeito não era dado livremente. Era conquistado.

E ela mereceu.

Ela nunca realmente se submeteu a mim. Ela continuou a batalha, silenciosamente. Ela não iria parar até que ela reclamasse sua liberdade e segurança. Ela gostava de me foder, mas não permitiu que isso atrapalhasse seu julgamento. Ela os manteve separados, me vendo como um homem e um monstro.

Assim que esperei o suficiente, entrei no quarto.

Ela se levantou com a calcinha de renda vermelha e o sutiã push-up combinando. Ela colocou os sapatos vermelhos que eu dei a ela, e eles se encaixaram perfeitamente em seus pezinhos. Sua pele escura parecia ótima contra a cor ousada, a cor que me lembrava sangue. Com a maquiagem feita daquele jeito e os lábios pintados da mesma cor, ela parecia o tipo de mulher que você só vê em uma fantasia.

Meus olhos percorreram seu corpo de cima a baixo, adorando a linda mulher parada diante de mim. Seus mamilos pressionaram em seu sutiã, e ela mudou seu peso porque foi provocada pelo meu olhar. Ela me queria tanto quanto eu a queria, e quando ela sentiu minha expressão intensa, isso a fez se sentir mais desejável.

Exatamente como eu queria que ela se sentisse.

Eu fiquei na frente dela, a apenas alguns centímetros de distância, e respirei em seu rosto. Eu não toquei nela, puxando a antecipação pelo maior tempo possível. Eu propositalmente não a beijei, deixando o melhor para o final. Quando seus lábios estavam nos meus, criávamos uma tempestade de fogo. A química estava mais quente do que uma chama aberta.

Quando meu pau estava dentro dela, era como jogar gasolina por

cima.

E então explodimos.

Meus dedos envolveram seu pescoço, e eu senti sua pulsação contra meus dedos. Era muito mais lento agora que sua família havia partido e estava segura, mas ainda batia forte contra sua pele. Eu podia sentir que reverberava nas pontas dos meus dedos.

Eu escovei meus lábios contra os dela novamente, arrastando-os suavemente em sua carne. Eu não a beijei, mas deixei nossas bocas se tocarem. Deixei o fogo se estender entre nós, ouvi a fogueira da química começar a estalar.

Sua mão foi para o meu antebraço, e ela agarrou enquanto eu segurava seu pescoço. Seus lábios estavam ligeiramente entreabertos e ela respirou em meus lábios, sua excitação contagiante.

Eu estava me torturando e a estava torturando.

Eu queria fazê-la me querer, fazê-la me implorar. Ela estava com medo há apenas um minuto, mas agora seu desejo havia atingido seu nível máximo. Ela se transformou em uma mulher que queria um homem. Nosso relacionamento físico parecia ser diferente do nosso relacionamento sinistro. Enquanto sua família estava longe de mim, ela podia sentir sua boceta doer por meu pau. Ela poderia se permitir ansiar pelo meu beijo.

— Nas suas costas. — Eu soltei seu pescoço, meu pau mexendo no meu jeans porque estava ansioso para sentir aquela maciez. Quanto mais eu a fizesse esperar, mais molhada ela ficaria. Eu nem tinha beijado ela ainda, mas eu sabia que sua boceta estava com umidade. Eu poderia excitar minha mulher sem nem mesmo tocá-la.

Ela seguiu meu comando e foi para a cama. Ela ficou de joelhos primeiro e engatinhou na cama até que sua cabeça estava perto dos travesseiros. Ela se virou e se deitou, os joelhos juntos e as pontas dos calcanhares apontando para o colchão.

Abri sua mesa de cabeceira e tirei os cintos de couro preto que escondi dentro.

Ela imediatamente os olhou, seu rosto ficando cada vez mais desconfiado. — O que você está fazendo com isso?

Meus joelhos afundaram no colchão e eu agarrei suas duas mãos, optando por não responder.

Ela puxou as mãos. — O que você está fazendo? Você não está me amarrando.

— Estou fazendo o que diabos eu quero, baby. — Eu agarrei seus dois pulsos com uma única mão e os preendi sobre sua cabeça. — Porque você é minha. Eu possuo você. Você pode lutar comigo o tempo todo, mas nós dois sabemos como isso vai acabar.

— Eu disse não. — Ela tentou se mover debaixo do meu tamanho, mas eu era pesado demais para ela.

— Você acha que não significa algo para mim? — Eu a encarei com ferocidade antes de pegar os dois cintos e envolvê-los em seus braços como cobras. Eu os cruzei acima de seus pulsos, em seguida, os preendi na cabeceira da cama.

— Pare. — Ela tentou me empurrar com seus quadris. Ela jogou todo o seu peso nisso, fazendo tudo o que podia para me mover.

Eu tranquei os cintos no lugar, então agora não havia nada que ela pudesse fazer mesmo se ela me tirasse dela.

— Bones, eu quero dizer isso. — Ela tentou me comandar com sua expressão, mas não funcionou. Não importava o quão bonita ou o quão brava ela estava. Nada mudaria o que estava para acontecer. — Desamarre-me agora.

Eu segurei meu corpo em cima do dela, meu pau quase quebrando meu zíper porque eu estava tão duro. Ela estava com medo, e ela estava chateada uma combinação perfeita. — Não.

— Sim. — Ela tentou sacudir o corpo mais uma vez, mas isso apenas sacudiu o colchão e não me afetou em nada. — Por que você precisa me amarrar? Eu estou disposta. Estou aqui. Visto a lingerie e vou te foder como sempre faço. Agora tire eles, — Uma fina película de umidade cobriu seus olhos. Não de tristeza, mas de frustração.

— Do que você tem medo, baby?

— Eu simplesmente não gosto disso. Eu não gosto de...

— Sentir-se impotente.

Quando ela ficou quieta, ela confirmou minha suposição.

Pressionei minha testa na dela. — Você sempre será impotente comigo. Então você deve apenas se acostumar com isso.

— Por favor, me deixe ir, — ela sussurrou. — Eu farei o que você quiser...

Eu beijei a concha de sua orelha, em seguida, deixei cair beijos ao longo de seu queixo em direção a sua boca. — Você precisa confiar em mim.

— Eu nunca vou confiar em você, — ela assobiou. — Você é o último homem no mundo em que confio.

Eu agarrei seu pescoço e a forcei a olhar para mim de frente. Então me inclinei e a beijei, finalmente.

Ela resistiu a mim no começo, ainda tentando me desafiar.

Eu a beijei com mais força, puxando-a profundamente em mim com o meu beijo. Chupei seu lábio inferior, em seguida, dei-lhe um pouco da minha língua, deixando-o tocar o dela em uma dança erótica. Nossas bocas se separaram, se juntaram e depois se moveram novamente.

Sua hostilidade começou a ferver, mas não desapareceu

completamente.

Eu a beijei com mais força, trazendo-a para o momento comigo. Eu eliciava seus desejos, a fazia me querer novamente. Engoli seu medo com desejo, fazendo-a se concentrar em sua excitação e na umidade entre suas pernas.

Minhas mãos deslizaram por seu corpo até que encontrei sua calcinha. Eu os puxei para baixo em suas longas pernas enquanto a beijava, sentindo-os deslizarem em direção aos joelhos. Eu quebrei nosso beijo para que eu pudesse movê-los até o fim. Percebi como ela estava perfeitamente mantida lá embaixo, o que obviamente foi feito para mim. Se ela realmente não se importasse, ela não teria se incomodado. Mas ela manteve sua boceta em perfeitas condições para meu pau e minha boca. Tirei a calcinha dela e avistei a poça de umidade que se instalou em sua calcinha.

E ela só os manteve por cinco minutos.

Eu olhei para ela, meu rosto triunfante.

Ela fechou os joelhos porque esse era o único poder que tinha.

Eu coloquei a calcinha de lado, em seguida, tirei a roupa. Puxei minha camisa pela cabeça e deixei cair minha calça jeans. Minha boxer veio por último, revelando meu pau. Peguei sua calcinha e a enrolei em meu comprimento, espalhando o suco de sua boceta em mim.

Eu gemi enquanto me lambuzava, sentindo a maciez e a viscosidade.

Vanessa me observou seus joelhos lentamente desmoronando novamente.

Se ela escorria tanto para dentro da calcinha, então sua fenda devia estar transbordando.

Para mim.

O homem que queria matá-la.

Uma vez que meu pau estava coberto por sua excitação, joguei sua calcinha de lado e me movi em cima dela.

Ela respirou fundo quando sentiu meu peso e puxou os cintos, como se pudesse ter sorte e eles se soltassem. — Por favor, me deixe ir... — Ela nunca implorou antes, nem mesmo por sua vida quando uma faca foi pressionada em sua garganta. Mas ter sua liberdade arrancada a incomodava em um nível muito mais profundo. Ela era muito independente e feroz para ser acorrentada. Ela era uma égua selvagem, um animal que precisava ser livre e sem selar.

Mas tudo mudaria comigo.

Eu prendi meus braços atrás de seus joelhos e a abri, a posição perfeita para sua pequena boceta pegar meu pau grande. Eu amei tomá-la profundamente, colocando todo o meu pau dentro dela, para que ela pudesse tomar cada gota quando eu terminasse.

Pressionei minha coroa em sua entrada, sentindo o aperto em minha circunferência quando deslizei para dentro. Avancei mais, empurrando suavemente mais e mais.

Ela respirou enquanto me sentia como se tivesse esquecido o quão grande eu era nos últimos três dias.

Eu empurrei até que eu estava até as bolas, e me segurei em cima dela, sentindo sua maciez me envolver completamente. Eu prendi suas pernas mais para trás, meu rosto a apenas alguns centímetros do dela. Eu amei o desejo em seus olhos, assim como o medo.

Ela puxou os cintos automaticamente, como se estivesse tentando me tocar em vez de fugir.

Eu gemi na cara dela, me sentindo como um rei que acabou de conquistar uma terra e tomou a rainha. Ela esqueceu o quão grande eu era, e eu esqueci o quão incrível era sua boceta.

Como diabos eu poderia esquecer?

Comecei a empurrar dentro dela, para tomar sua boceta perfeita com meu pau grande. Eu deslizei através de sua maciez repetidamente, todos os músculos do meu corpo contraídos porque cada nervo dentro de mim estava queimando. Cada vez que eu levava Vanessa, eu levava um pouco mais dela. Agora eu estava tendo tudo dela, vendo-a amarrada na cama e mudando para frente e para trás com minhas estocadas. Seus sapatos vermelhos ainda estavam colocados, bem ao lado da minha cabeça.

Tão bom pra caralho.

Ela respirou comigo, seus mamilos duros e subindo em direção ao teto. Ela gostou, mas não do jeito que costumava fazer. Ela normalmente gozava nos primeiros minutos, mas agora parecia que não iria.

Eu sabia que era por causa dos cintos.

Pressionei minha testa na dela e respirei com ela, me divertindo tanto que não me importei com seu desconforto. Esta mulher era minha prisioneira, minha escrava. Eu poderia fazer o que quisesse porque a possuía.

Mas eu queria fazê-la gozar. Eu amei vê-la ceder às suas necessidades carnis, amei vê-la desistir da luta porque meu pau era tão bom. Então eu dei a ela o que ela precisava. Eu a beijei suavemente, meus lábios se movendo com os dela do jeito que ela gostava. Ela gostava dos meus beijos fortes, mas os que ela mais amava eram os suaves, do tipo que eram mais sensuais do que agressivos. Continuei me movendo dentro dela, beijando-a como um homem beijava a mulher que amava.

Porra era tão bom.

Sua boceta estava ainda melhor agora. Quando minha boca estava na dela, eu fiquei um pouco mais rígido. Nossas línguas se

moveram juntas e meu peito apertou em êxtase. Eu respirei em sua boca e ela retribuiu. Ela parou de puxar os cintos e se concentrou em mim. Fazia dias que eu não tinha essa boceta, mas parecia meses. Eu queria gozar, despejar minha semente dentro dela e senti-la derramar na cama. Mas me controlei como todo homem deveria, certificando-me de terminar por último.

Homens de verdade terminaram por último.

Felizmente, seus lábios começaram a tremer, e ela moveu seus quadris comigo, levando meu pau mais rápido porque ela queria ser empurrada para um orgasmo forte. Ela sentiu minha falta quando estávamos separados. Não havia nenhuma dúvida sobre isso. Eu esperava sexo pela manhã e à noite, e seu corpo fazia o mesmo - mesmo que seus pais estivessem na mesma casa.

Ela começou a respirar mais forte, ofegante quando a explosão estourou entre suas pernas. Ela gozou com um gemido, o orgasmo tão bom que parecia que ela estava chorando. Ela estava particularmente apertada em volta do meu pau, inundando-me com suco da sua boceta.

— Porra, baby. — Não pude esperar mais. Eu queria fazê-la gozar novamente antes de liberar, mas quando sua vagina estava tão boa, isso não era possível. Tive o resto da noite para colocar o sexo em dia, então me libertei com um impulso final, enchendo-a com o máximo de gozo possível. Eu a enchi até a borda, gemendo incontrolavelmente quando gozava.

Tão bom.

Ela terminou seu orgasmo quando eu terminei o meu, porque o dela parecia durar muito mais tempo. Sentir meu pau se contorcer antes de soltar deve tê-la incendiado um pouco mais. Ela olhou para cima em meu rosto com uma expressão ruborizada, claramente satisfeita com a forma como eu a fiz sentir.

Eu não puxei meu pau para fora, embora ele começasse a amolecer. Eu o mantive lá, sentindo meu gozo passar enquanto meu

tamanho ficava menor. Fiquei na mesma posição a noite toda, enchendo sua boceta apertada repetidamente.

Assim que formos apanhados, eu a deixei ir.

Eu a beijei novamente, nossas línguas se movendo juntas enquanto nossa respiração enchia a boca uma da outra. Foi o intervalo entre o prazer e o início do próximo orgasmo. Menos de alguns minutos depois, estava duro novamente.

Ela quebrou nosso beijo. — Deixar-me ir...

Achei que finalmente consegui fazê-la esquecer que ainda estava presa. — Você é uma prisioneira. Os prisioneiros usam correntes.

— Um homem poderoso não precisa de correntes, — ela sussurrou. — Sua autoridade é suficiente.

Eu disse algo semelhante a ela quando nos conhecemos. Agora ela estava jogando de volta para mim, tentando me manipular. — Por que você quer que eu deixe você ir? — Eu não a machuquei. Eu apenas a ignorei, a usei.

Ela segurou meu olhar em silêncio, como se ela não quisesse me responder. Ela não queria admitir que odiava não ter controle, embora nós dois já soubéssemos disso. A menos que houvesse algo mais que ela não estava compartilhando comigo.

— Por quê? — Eu repeti.

— Porque ... Eu quero tocar em você. — Ela falou com vergonha estampada em seu rosto, e foi assim que eu soube que era sincero. Ela se odiava por dizer isso em voz alta, mas queria tanto admitir a verdade.

— Onde você quer me tocar?

A decepção encheu seus olhos com a pergunta. — A parte de trás do seu pescoço... Seus ombros... Seu peito.

Meu pau estava em plena atenção, e comecei a empurrar nela novamente. — Eu vou amarrar muito você, baby. Você deve se acostumar com isso.

— Por que me restringir quando quero sentir você? Por que impedir uma mulher de te foder?

Enfiei-me completamente dentro dela e senti meu gemido vibrar em meu pescoço. — Porque sou eu quem faz a merda, baby. — Comecei a empurrar dentro dela, e desta vez, eu a fodi muito mais forte do que da última vez. Eu a afundei no colchão e a fodi a toda velocidade, dando a ela tão profundo e tão forte.

E ela o pegou.

Quando eu a liberei os cintos de seus pulsos, ela imediatamente afastou-se e massageou as partes irritadas de seus braços. Eles estavam irritados em algumas áreas porque ela os usava por algumas horas. Ela deixou cair o sutiã vermelho que estava usando em seguida, pegou uma camiseta de sua gaveta. Ela não se virou para olhar para mim.

Eu sabia que ela estava chateada comigo.

— Você não vai dormir aqui esta noite. — Ela passou os dedos pelos cabelos e olhou para mim. — Eu quero dizer isso, Bones.

Eu deitei contra sua cabeceira, nu e confortável. Era quase meia-noite e eu não tinha intenção de ir a lugar nenhum. Ela não poderia me obrigar, mesmo que tentasse. Se ela fosse para sua arma, ela descobriria que estava vazia.

E então ela estaria na merda.

Eu a encarei em silêncio, dizendo que não iria a lugar nenhum.

— Vá, — ela comandou. — Vista suas roupas e saia.

— Eu não sou surdo, — eu disse calmamente. — Você pode parar de se repetir.

— Então por que você não está se movendo?

— Porque eu não dou a mínima para o que você quer. Vou ficar aqui o tempo que quiser. Deixe isso para trás.

— Deixe isso para trás? — Ela assobiou. Ela colocou as duas mãos nos quadris, sua camiseta cobrindo sua calcinha porque ia até suas coxas. — Não, eu não vou superar isso. Eu aguento muito de você, mas não estou com vontade de aguentar você agora. — Ela saiu furiosa do quarto e fechou a porta atrás dela.

Fiquei imóvel, me perguntando se ela pegaria a arma e voltaria. Mas tudo que ouvi foi o som dela deitando-se no sofá, arrumando-o com um travesseiro e um cobertor para que ela pudesse dormir em outro lugar.

Eu poderia simplesmente ignorar seu protesto e manter a cama inteira para mim.

Mas eu não gostei de seu desafio.

E uma parte de mim realmente se sentiu mal por deixá-la com tanta raiva.

Coloquei minha boxer e entrei na sala de estar. Ela estava deitada no escuro, puxada em uma pequena bola no sofá. Ela tinha dois cobertores para se manter aquecida, mas isso ainda não era nada comparado ao calor do meu corpo.

Ela sabia que eu estava lá, mas manteve os olhos fechados.

Mudei-me para o chão e recostei-me no sofá, meu rosto perto do dela. Eu podia ouvir cada respiração que ela deu. Percebi como sua respiração aumentou obviamente ciente da minha proximidade. —

Você vai congelar aqui.

— Prefiro congelar aqui do que deitar com você.

Fiquei olhando para a janela dela, as cortinas fechadas. Apenas a luz da cozinha iluminava a frente de seu apartamento. — Você gozou, então não entendo por que está tão zangada. Já fiz coisas piores do que amarrar você. Não faz sentido você ficar tão preocupada com isso.

— Você cruzou a linha e sabe disso. Eu disse não.

— Não significa nada para mim. — Sentei-me no chão do apartamento dela, a temperatura fria não me incomodando em nada. Eu prosperava no frio. O verão era a época do ano que eu mais desprezava.

— Isso é uma mentira.

— Você não me conhece muito bem.

— Eu te conheço melhor do que você pensa Bones. Esta situação tem sido difícil para mim e cooperei. Mas não quero ser amarrada de novo. Eu odeio a sensação. Eu odeio ser contida. Isso me faz sentir perdida.

— Então por que você gozou? — Eu rebati.

— Porque você me fez...

Eu cruzei meus braços sobre meu peito.

— Diga-me que você não vai fazer isso de novo.

— Eu não posso.

— Bones, — ela disse vigorosamente. — Eu deixei meus desejos claros, e você vai honrá-los. Vou lutar com você para sempre.

— Já lhe ocorreu que eu gosto quando você luta? — Eu perguntei friamente. — Que eu gosto quando você sofre? Eu quero que você fique

com medo. Isso me deixa duro, baby. Esse é o tipo de cara que eu sou.

— Você é mais do que isso.

Eu fugi porque sua declaração foi estúpida.

— Eu não discordo de sua declaração. Só acho que você tem mais potencial do que isso. Eu não acredito que você seja tão mau quanto diz que é.

Eu balancei minha cabeça. — Então você é mais burra do que eu pensava... O que é uma grande decepção.

— Bones.

Eu não olharia para ela.

— Bones, — ela repetiu, desta vez com mais ênfase.

Suspirei antes de virar minha cabeça para olhar para ela.

Ela se apoiou no cotovelo para que pudéssemos ficar cara a cara. — Eu não gosto disso e não quero que você faça mais isso. Não estou perguntando, estou dizendo. — Ela sustentou meu olhar com autoridade, agarrando-se a qualquer poder que lhe restasse. Ela me encarou sem tremer, fazendo um pedido que não tinha o direito de fazer.

Por que eu iria ouvi-la? Por que saí do quarto e me juntei a ela na sala de estar? Por que minha bunda estava sentada no chão quando ela deveria ser a única aos meus pés? Havia algo sobre essa mulher que me forçou a ter um pouco de humanidade... Algo que eu não pensei que fosse capaz. — Escolha suas batalhas com sabedoria, baby. Você venceu esta luta, mas não vou me acomodar na próxima.

O alívio brilhou em seus olhos e ela soltou a respiração que estava prendendo. — Eu não deveria ter que dizer isso, mas... Obrigada.

Virei minha cabeça para frente novamente. — Por que isso é tão importante para você? O que estou perdendo?

— É apenas... Nada.

Virei meu olhar de volta para ela, segurando a última palavra que ela falou. — Não é nada. Conte-me.

— Se uma mulher está amarrada... Parece estupro. Mas se ela não for... Então é consensual. Eu sinto que não tenho nenhum direito ou qualquer decisão sobre o assunto. Algo está sendo feito para mim. E me faz pensar no que minha mãe deve ter passado... Porque ela nunca teria parado de lutar... — A umidade cobriu seus olhos instantaneamente, as lágrimas aparecendo do nada. — Ela deve ter sido amarrada e... — Ela fechou os olhos, mas as lágrimas escaparam de suas pálpebras e escorreram por seu rosto.

Eu me senti uma merda.

Foi a primeira vez que realmente me senti assim.

Foi a primeira vez que senti que fiz algo errado.

Foi a primeira vez que me importei.

Que eu realmente senti algo próximo à culpa e empatia. Não consegui me desculpar, mas agora queria dar a ela o que ela queria. Eu não queria que ela se sentisse assim, nunca sentisse que eu estava fazendo o que meu pai fez com a mãe dela.

Virei meu corpo no sofá e segurei seu rosto. Meus polegares enxugaram suas lágrimas antes que meus dedos deslizassem em seu cabelo, confortando-a da única maneira que eu sabia. Meu rosto se moveu para o dela e eu limpei a umidade restante com meus lábios. — Baby... — Eu coloquei meus braços debaixo dela e a carreguei para o quarto onde ela pertencia. Seus braços imediatamente envolveram meu pescoço e ela pressionou o rosto em meu ombro.

Eu a coloquei na cama e a coloquei debaixo das cobertas antes de

me deitar ao lado dela. Desta vez, ela não me afastou. Ela se mudou para o meu peito e se aconchegou a mim como fazia todas as noites. Ela me empurrou há poucos minutos, mas agora ela se segurou em mim como se precisasse de mim.

Meus dedos moveram-se por seu cabelo, acariciando-a suavemente.

— Por que você não fez isso? — Ela sussurrou.

Eu sabia o que ela estava perguntando, embora fosse ambíguo. Quando ela se tornou minha prisioneira, ela esperava que eu a estuprasse. Provavelmente teria feito isso se meu pai nunca tivesse feito isso com a mãe dela. Parecia errado para mim, então essa foi uma linha que nunca cruzei. Eu mataria pessoas e as torturaria, mas forçar uma mulher contra sua vontade parecia errado, mesmo que isso me excitasse. Minha mãe era uma prostituta e os homens a usavam como seu corpo. Por que eu iria querer ser outro idiota assim? Eu já era um idiota, mas esse era um nível diferente. — Eu sabia que meu pai fazia isso com sua mãe... Então me pareceu errado fazer isso com você. Não tenho nada por causa do que seus pais fizeram à minha família, mas não vou fingir que as ações de meu pai foram boas. Eu queria compensar o erro dele não fazendo isso com você... Então estamos quites.

Ela prendeu a respiração depois que eu terminei de falar, como se estivesse repetindo minhas palavras em sua mente novamente. As pontas dos dedos dela arrastaram levemente meu peito e estômago, e quando ela respirou novamente, ela parecia ter voltado ao normal. — Obrigada...

— Eu não fiz isso por você. Eu só quero consertar o que está errado... Assim, tenho todo o direito de destruir sua família. — Eu disse as palavras enquanto eu segurei a esta Barsetti em meus braços. Meus dedos acariciaram seus cabelos e eu deitei na cama com ela, nossos corpos nus entrelaçados.

— Então você não vai me amarrar de novo? — Ela não pareceu surpresa que minha vingança ainda estivesse viva como sempre. Mas provavelmente era porque ela pretendia me matar com aquela arma que ela trouxe para casa.

Se ela disparasse aquela arma, eu não tinha certeza do que faria em retaliação. Posso ter que bater nela até deixá-la sem sentido para puni-la. Ou posso ter que matá-la. Precisaria haver algum tipo de punição por sua decisão imprudente.

Eu só não tinha certeza do que era ainda.

— Não.

Ela me agarrou com mais força e se moveu para mais longe no meu peito. Agora ela estava em cima de mim, me tratando como um amante em vez de um mestre. — Promessa?

— Eu disse a você que homens como eu não fazem promessas.

— Mas você me faz promessas...

Levantei seu queixo para olhar para mim e beijei-a suavemente na boca. — Sim eu prometo.

Capítulo 10

Vanessa

Entrou no banheiro e encontrou Bones em pé na pia com uma toalha enrolada na cintura. Ele estava escovando os dentes.

Com minha escova de dente.

— Isso é tão nojento.

Ele continuou escovando os dentes, mas ele tinha uma expressão arrogante em seus olhos. Ele olhou para mim no reflexo, todos os músculos de seu corpo se contraindo e mudando enquanto ele se movia. Os músculos de seus antebraços mudaram como teclas de piano enquanto ele esfregava os dentes. Ele terminou o que estava fazendo e cuspiu na pia. — Eu gosto de nojento.

Dormi como uma pedra ontem à noite. Enquanto eu ficava com meus pais, meu sono estava bem. E não era porque eu ficava acordada tarde da noite com muito vinho na barriga. Eu sabia que era porque me acostumei a dormir em seu peito quente e duro. Eu me senti como um gato que adorava sentir os batimentos cardíacos de seu dono sob suas patas. Eu estava com medo desse homem, mas quando estava com ele, sabia que nada mais poderia acontecer comigo.

Knuckles poderia invadir meu apartamento, mas Bones iria matá-lo instantaneamente. Ele era como um cão de guarda, um protetor feroz. Mas ele também pode se tornar o invasor se a configuração for alterada. Então, eu me senti segura com este homem — mas também com medo.

Ele enxaguou a escova de dente na pia, em seguida, jogou-a no copo. — Quer que eu faça o café da manhã? Ou você quer sair?

Havia tantas coisas erradas com essa frase. — Em primeiro lugar, não há comida nesta casa. E dois você sabe cozinhar?

Ele puxou a toalha da cintura e a colocou no cabide, exibindo-se nu sem qualquer vaidade. — Eu abasteci sua geladeira ontem. E sim, eu sei cozinhar.

Eu não entendi nada disso porque estava olhando para seu pau. Mesmo quando ele era mole, ele era grande. Eu não sabia que eles faziam homens assim até conhecê-lo. Alguns eram melhores e alguns eram piores... Ele definitivamente era o melhor.

Quando finalmente levantei meu olhar para seu rosto, vi seu sorriso arrogante. — O quê?

Ele saiu do banheiro, sua bunda apertada cheia de músculos duros como pedra. — Vou preparar algo.

Eu o observei ir antes de olhar para minha escova de dente no copo. Decidi se deveria aceitar ou não. Era nojento que ele continuasse usando, mas eu precisava escovar os dentes. Caso contrário, isso me deixaria louca o dia todo. O fato de não ser tão nojento para mim era a parte mais perturbadora.

Então eu fiz.

Escovei os dentes, pensando em minha noite com ele. Quando eu pressionei minhas crenças, ele desistiu. Ele tinha a capacidade de ouvir, de ter algum tipo de empatia se fosse apresentado da maneira certa.

Isso o humanizou, o fez menos monstro.

Isso me fez sentir que tinha algum controle de volta, que se eu o empurrasse com força suficiente, ele me daria o que eu queria. Se algo era realmente importante para mim, era importante para ele. O fato de

ele admitir que as ações de seu pai foram erradas me disse que ele não era completamente mau. Ele tinha muita escuridão dentro dele, mas pelo menos havia uma lasca de luz.

Entrei na cozinha e o vi cozinhando ovos e bacon no fogão. — Deixe-me ver se entendi. Você vai ao supermercado e pega tudo isso? Mas não passa pela sua cabeça pegar uma escova de dente? — Juntei-me a ele no balcão, vestido com uma camisa de mangas compridas e jeans.

Ele virou o bacon, vestiu jeans e uma camiseta preta. — Talvez eu goste de compartilhar uma escova de dente com você.

— Mas eu não gosto de compartilhar isso com *você*.

— Se você odeia tanto, por que continua usando? — Ele se virou para mim, arrogância em seus olhos. — Você pode comprar um novo por menos de um euro, mas insiste em usar o meu...

— Espere, não é seu.

— Você está certa— disse ele. — É *nosso*. — Ele desligou o fogão assim que o bacon e os ovos ficaram prontos. Ele pegou os pratos e puxou o pão da torradeira. Eu não tinha mesa de jantar porque o apartamento era muito pequeno, então nos sentamos no chão e comemos na mesa de café.

Parei de discutir com ele porque não era uma boa utilização do meu tempo. Prefiro me concentrar em comer uma das únicas refeições caseiras que tive neste apartamento. Os ovos estavam bem passados e o bacon estava crocante. — Isso é muito bom.

— Muito bom? — Ele desafiou.

— Tudo bem... — Eu dei outra mordida. — É realmente bom.

— Isso é melhor. — O prato dele estava duas vezes mais cheio do que o meu e ele comeu quatro torradas. Eu nunca o vi comer nada menos do que um banquete. Como um grande cavalo que precisa de

cinco mil calorias por dia, ele engole tudo. Ele comia muito, mas não tinha um grama de gordura.

— Quando você faz exercícios? Eu nunca vi você fazer nada.

— Porque eu considero foder um treino. — Ele bebeu seu café, seus olhos azuis em mim.

— E quando eu não estiver por perto?

— Eu tenho uma academia. Eu faço muitos pesos. O que você faz?

Eu ri e dei uma grande mordida no meu bacon. — Você sabe que eu não faço nada.

— Seu corpo diz o contrário.

— Eu ando muito por Milão, então deve ser onde eu queimo as calorias.

— Você ainda tem uma aparência tonificada.

— Eu luto com psicopatas com bastante frequência...

Ele deu um sorriso sinistro antes de colocar outro pedaço na boca. — Você acha que eu sou um psicopata?

— Eu *sei que* você é um psicopata. Você mata pessoas para viver e quer destruir minha família, que são as pessoas mais legais do mundo. Sim, acho que essa é a definição de psicopata.

— Eu conheci muitos psicopatas, — disse ele. — Acredite em mim, eu não sou um deles.

— Bem, estabelecemos ontem à noite que eu não confio em você.

— Mas você presume que honrarei minhas promessas.

Ele me pegou.

— Você confia na minha honestidade, — disse ele. — Então agora quem é o psicopata?

Virei meu olhar para a minha comida e continuei comendo, sentindo a tensão aumentar entre nós. Ele era um animal selvagem que podia ser facilmente provocado, mas nunca aprendi minha lição e parei de provocar seu temperamento. Eu era muito orgulhosa e teimosa para ser a prisioneira silenciosa que mantinha a cabeça baixa até que a oportunidade perfeita se apresentasse. Fui franca e, às vezes, um pouco estúpida. — Eu disse ao meu pai que vou abandonar a universidade.

Foi a primeira vez que Bones parou de comer sua refeição. — E o que ele disse?

— Ele disse que apoiaria qualquer decisão que eu tomasse.

Bones agarrou sua caneca. — Estou feliz que você me ouviu.

— Eu não ouvi você, — argumentei. — Eu acabei de considerar o que você disse.

— Mesma coisa. E acredite ou não, sou um homem muito inteligente.

— Eu acredito nisso. Eu soube no segundo em que nos conhecemos.

— E agora?

— Acho que vou começar a pintar em tempo integral e tentar vender meu trabalho. Meu pai disse que eu poderia colocar minhas obras de arte na vinícola, para que quando os clientes vierem, eles os verão. Talvez até compre.

— Eles definitivamente vão comprá-los. Meu conselho como homem de negócios, comece alto.

— De que maneira?

— Preços. Um preço alto mostra o seu valor. Não comece baixo e depois suba enquanto ganha aclamação da crítica. Mostre às pessoas que você vale o custo. Sou um dos assassinos mais caros do mercado porque sou o melhor.

— E você se orgulha disso? — Eu perguntei friamente. — Eu estava voltando para casa e vi você matar aquele cara. Não é como se você tivesse cuidado ou coberto seus rastros.

— Eu não tenho que cobrir meus rastros. A polícia está morrendo de medo de mim. É isso que meus clientes estão pagando. Quando a polícia investiga a cena do crime ou põe um detetive no assassinato, tudo o que tenho a fazer é dar um telefonema e a investigação é encerrada. — Ele estalou os dedos. — Desse jeito.

Esse tipo de poder só me fez desprezá-lo mais. — Ninguém está acima da lei.

— Então sua família inteira estaria na prisão agora, exceto sua mãe. E seu pai estaria na prisão por manter sua mãe prisioneira por meses...

— Não fale sobre minha família. — Eu não levantei minha voz, mas imitei o mesmo tipo de autoridade que ele mostrou. Eu só tinha um garfo na mão, mas poderia causar algum estrago com ele. Minha arma ainda estava na minha bolsa e eu não tive a oportunidade de colocá-la em uso.

Bones ficou quieto, segurando meu olhar com seu olhar inflexível. — Então eu quero falar sobre minha família. Enquanto você estava bebendo vinho e abrindo presentes perto da árvore, recebi um telefonema.

Eu não sabia para onde isso estava indo, mas segurei cada palavra.

— Um dos meus meninos acha que identificou o homem que matou minha mãe. O cara que a contratou para passar a noite, e

quando ele terminou, ele a matou. Assassinar prostitutas é um fetiche dele. Ele fez isso com outras vinte garotas, e nunca foi pego porque a polícia não dá a mínima para prostitutas mesmo que sejam gente. Você não gosta que eu esteja acima da lei? Qualquer pessoa com dinheiro e um pouco de poder está acima da lei. Quem não se encaixa nessa categoria é insignificante e nem está incluído na lei. É assim que é, baby.

A tristeza afundou em meu estômago quando imaginei como foi aquele telefonema. Eu estava me divertindo muito com minha família, criando memórias e imaginando como seria quando o filho ou a filha de Conway estivessem presentes no nosso próximo Natal. Minha mãe estava brilhando como uma luz brilhante, e minha família inteira estavam feliz por estar viva naquele momento. Mas Bones estava em casa, pensando sobre quem fodeu sua mãe e depois a matou. Uma sensação avassaladora de remorso tomou conta de mim, a dor tão profunda que doía em meus ossos. Lutei para aceitar o que aconteceu com minha mãe quando ela era jovem, mas ela escapou e viveu uma vida feliz. Ela encontrou uma saída. Ela ainda estava viva. Mas Bones perdeu sua mãe... E agora ele estava assombrado pela maneira como ela encontrou seu fim. — Eu sinto muito...

Bones olhou para mim, seus olhos azuis focados com precisão de laser. Ele me olhou como se estivesse me lendo, e suas emoções eram difíceis de decifrar. Ele ainda era como uma estátua, como uma gárgula que assombrava a noite. — Ela foi morta na véspera de Natal. Ela foi buscar um cliente para pagar nosso aluguel e comprar um brinquedo de Natal para mim. Se ela não tivesse feito isso, ela ainda poderia estar viva. Eu gostaria de ter dito a ela que não preciso de um maldito brinquedo para o feriado. Eu gostaria de não ter sido tão jovem. Eu queria ser o homem que sou agora, o homem que pudesse cuidar dela para que ela não tivesse que recorrer aquele estilo de vida perigoso. — Ele não piscou enquanto me encarava, não mostrando a tristeza que eu sentia em meu coração. Tudo o que ele sentia era raiva. — Quando eu confirmar que era realmente ele, vou matá-lo com minhas próprias mãos e deixar seu corpo em uma lixeira.

Eu não tinha dúvidas de que Bones faria o que fosse necessário para vingar sua mãe, e eu não o convenceria a não fazer. Se fosse minha mãe, eu faria exatamente a mesma coisa. Eu não pararia até que aquele homem tivesse exatamente o mesmo destino.

Bones estava me mantendo como sua prisioneira e ameaçando minha família diariamente, mas eu sentia muita empatia por este homem. Tive pena dele, pena que ele passou por tanta dor. Ele nasceu filho de um homem mau que nunca conheceu. Ele não teve as mesmas oportunidades que eu tive. Ele não era amado pelos pais como eu. Ele não tinha família. Ele estava completamente sozinho... Mesmo no Natal.

Ninguém deve ficar sozinho no Natal.

Eu me movi ao redor da mesa de joelhos e me aproximei dele.

Ele me observou seus olhos ainda ferozes e hostis. — Eu não quero sua pena. Eu só quero te dar uma visão da realidade.

Eu montei em seus quadris e me movi em seu colo, meus braços circulando seu pescoço e meu rosto movendo-se para a curva entre seu ombro e pescoço. — Eu não estou dando a você minha pena. Não estou tentando confortar você. Estou tentando me consolar... Porque meu coração dói.

Bones não me abraçou de volta. Ele manteve os braços ao lado do corpo, recusando-se a ser afetuoso, embora suas mãos fossem geralmente comigo o tempo todo. Seu peito subia e descia em um ritmo constante, restringindo sua emoção e mantendo tudo engarrafado por dentro. Ele fingiu que nada disso importava, mas se realmente não importasse, ele não teria mencionado isso em primeiro lugar. — Achei que você me odiasse.

Foi uma das únicas vezes em que me sentei em seu colo e não senti seu pau ficar duro. Sua mente não estava em sexo, o que era raro. Essa conversa obviamente o perturbou, afetou-o emocionalmente. — Eu faço. Mas isso não significa que eu não me importe que eu não

entenda. E isso não significa que não estou arrependida pelo que aconteceu com você.

Após vários batimentos cardíacos, seus braços se moveram em volta da minha cintura e ele me segurou perto dele, seus braços quentes e pesados. Ele virou sua bochecha contra a minha e me segurou assim, sem dizer nada.

— Onde estamos indo?

Bones dirigiu seu caminhão pelas ruas de Milão e parou em um semáforo. — Você vai ver.

— Por que eu preciso fazer uma mala?

Ele manteve os olhos fixos à frente. — Você faz muitas perguntas.

— Você está surpreso?

O sinal mudou e Bones dirigiu mais uma vez. Ele seguiu pelas ruas congestionadas e passou pelas catedrais antigas. Apesar do frio, estava um dia lindo. O sol estava claro e as nuvens tinham sumido. A neve amontoou-se nas sarjetas, transformando-se em lama. — Estou surpreso que você continue fazendo perguntas quando nunca obtém respostas.

— Eu gostaria de saber para onde estou indo e quanto tempo estarei fora.

— Você sempre terá ido— ele rebateu. — Você veio desde o momento em que te levei.

Eu olhei para frente, abandonando meu interrogatório. Minha arma foi deixada no meu apartamento, escondida no meu quarto até

que eu encontrasse o momento certo para usá-la. Não havia nenhuma dúvida em minha mente de que eu poderia puxar o gatilho. Posso ter pena dele, mas isso não mudaria a divisão entre nós.

Éramos inimigos.

Nós dirigimos por quinze minutos antes de Bones parar em um estacionamento vazio na frente de um prédio. A propriedade era protegida por um grosso portão preto que se abria automaticamente quando seu carro chegava perto dele.

Ele parou e desligou o motor.

Que lugar era esse? Ele mudou de ideia sobre me matar? Era aqui que ele iria fazer isso? Se fosse esse o caso, por que ele me pediria para fazer uma mala? — Onde estamos?

Ele pegou minha bolsa do banco de trás e puxou-a por cima do ombro. — Eu disse que tenho uma casa em Milão. É isso.

Eu o segui para o saguão deserto e para o elevador. — Você é o único inquilino?

— Sim.

Conway tinha o mesmo tipo de configuração, mas eu não disse isso em voz alta apenas no caso de Bones não saber disso. Pegamos o elevador até o topo.

— O andar de cima são meus aposentos pessoais. Os outros andares são para meus... Hobbies.

Não perguntei quais eram esses hobbies porque sabia que envolviam violência e assassinato.

As portas se abriram para uma grande sala de estar, projetada em estilo toscano clássico. Ainda tinha a simplicidade que seu lugar no Lago Garda tinha. Era aberto, confortável e bonito. Só a sala de estar era enorme. Ele podia entreter cinquenta pessoas facilmente. Admirei

o tapete no chão e os móveis escuros. Sem conhecer o ocupante, saberia que aqui morava um homem. — Você não gosta mais do meu apartamento?

— Seu apartamento está ótimo. Eu só precisava de mais espaço.
— Ele puxou o saco de seu ombro e o colocou no sofá.

Agora eu estava começando a entrar em pânico. Para que ele precisava de mais espaço? E se ele já tivesse uma sala preparada com o plástico e a câmera? E se ele fosse me devolver aos meus pais em pedaços?

Por que não trouxe essa arma?

Ele deve ter me trazido aqui para que ninguém ouvisse meus gritos.

Porra.

Eu rapidamente procurei por uma arma. Havia alguns vasos e outras decorações, mas a menos que eu batesse em seu crânio direito, não causaria danos suficientes. Eu não conseguia manter minha respiração sob controle e meu coração estava batendo fora do ritmo.

— Venha. — Ele começou a se dirigir para o corredor. — Eu vou te mostrar.

Eu não o segui, sabendo exatamente o que estava esperando por mim. Nosso momento comovente ontem não significava nada para ele. Eu simpatizava com seu sofrimento, apesar do que ele fez comigo, e agora ele queria me matar de qualquer maneira. Talvez minha pena tenha sido o motivo pelo qual ele mudou um botão. Talvez ele estivesse começando a ter pena de mim em troca e estivesse perdendo sua determinação, então ele queria me matar agora enquanto ele ainda podia fazer isso.

Quando eu não estava atrás dele, ele se virou e olhou para mim.
— Eu disse venha.

O elevador estava atrás de mim, mas as portas estavam fechadas. Eu poderia correr e apertar o botão, mas as portas não abririam rápido o suficiente. Mesmo se eu pudesse pegar meu telefone, provavelmente não seria capaz de ligar para meu pai rápido o suficiente. E ele não chegaria aqui por horas de qualquer maneira.

Mas eu não desistiria.

Seus olhos se estreitaram. — Baby, o quê?

— Nada de baby, porra — Finalmente fiz meu movimento e peguei a grande bandeja decorativa que estava sobre a mesa de café. Eu agarrei com ambas as mãos e recuei pronta para esmagá-lo contra seu crânio assim que ele chegasse perto o suficiente.

Seus olhos se arregalaram visivelmente, como se ele estivesse genuinamente surpreso com o que estava acontecendo.

— Se você acha que sou estúpida o suficiente para simplesmente entrar lá, você é um idiota. Você quer me matar? Não vou cair sem lutar. Então traga idiota.

Em vez de me perseguir pela sala, ele cruzou os braços sobre o peito e apenas olhou para mim.

A adrenalina estava bombeando em minhas veias e eu estava pronta para qualquer movimento que ele fizesse. Tive que lutar até a morte porque não tinha nada a perder. Se eu não o vencesse, estaria morta de qualquer maneira.

— Eu não vou te matar.

— Besteira. Por que mais você me traria aqui?

— Para te mostrar uma coisa.

— Uma câmera de vídeo e uma faca? — Eu assobieei. — Já os vi.

Ele deu um passo em minha direção e ergueu a mão. — Largue o

prato.

— Foda-se. — Eu recuei quando ele se aproximou.

— Isso era da minha mãe.

Quase bati com ele no chão e quebrei apenas para ser rancorosa. Ele queria tirar minha família inteira, então por que eu deveria me importar com um prato?

— Eu não trouxe você aqui para te matar. Eu prometo.

Ele disse que cumpria suas promessas, mas provavelmente diria qualquer coisa para me manter calma agora. Ele lentamente veio em minha direção, uma mão estendida. — Eu não tenho nenhuma intenção de matar você, baby. Mas se você quebrar esse prato, eu posso. Essa é a única coisa que tenho dela. Faça um único arranhão e eu cortarei sua garganta.

Abaixei lentamente o prato, em seguida, olhei para baixo para olhar para ele. Era azul brilhante e decorado com peixes do mar profundo. Era a única coisa que não combinava com o resto de seu lugar porque a cor era muito vibrante em comparação com tudo o mais.

Quando meu olhar foi se abaixando, ele fez seu movimento. Ele cruzou a sala e tirou o prato da minha mão. Ele poderia ter quebrado meu pescoço ou me dado um soco no rosto, mas voltou para a mesa e devolveu o prato onde pertencia. — Agora, se você acabou com seu pequeno colapso, podemos seguir em frente?

Fiquei enraizada no lugar, ainda com medo do lugar que ele queria me mostrar.

— Vanessa, se eu fosse matar você, eu contaria. Acredite em mim, eu quero ver você chorar e gritar. Eu gosto dessa merda. Mas isso não está no itinerário hoje. — Ele voltou para mim, seus braços grandes rígidos ao lado dele enquanto ele se aproximava de mim. Ele parou na

minha frente, em seguida, olhou para baixo, aborrecimento estampado em seu rosto.

— Prometa-me? — Eu sussurrei. Ouvi-lo fazer uma promessa era a única maneira de realmente confiar nele. Ele disse que sempre seria honesto comigo, então ouvir uma promessa não deveria fazer diferença. E se ele fosse um mentiroso, ele não teria problemas em fazer uma linha interminável de promessas porque quebraria cada uma delas.

Mas me fez sentir melhor.

Suas mãos deslizaram até meu rosto e seguraram minhas bochechas. — Eu prometo.

Ele era o homem de quem eu temia, mas assim que o perigo passou, ele de alguma forma se tornou meu salvador. Eu não deveria ser grata por sua gentileza, não quando ele me ameaçava todos os dias. Eu não deveria apreciar seus dias bons quando havia tantos dias ruins. Ele diminuiu tanto minhas expectativas que tudo de bom que fez foi recebido como um presente. Foi uma forma de guerra psicológica.

Ele me beijou suavemente na boca, seus dedos alcançando meu cabelo. Ele abaixou o pescoço para me beijar e me colocou na ponta dos pés para que nossas bocas pudessem se alcançar com mais facilidade. Ele me puxou para ele e me deixou equilibrar contra seu peito, seu toque quente me envolvendo.

Eu me senti melhor depois que tive aquele beijo, mas não deveria amar tanto seu afeto.

Ele interrompeu beijo e caminhou em direção ao corredor.

Desta vez, eu o segui.

Atravessamos o piso de madeira e depois viramos para a porta à esquerda. Ele agarrou a maçaneta, mas não a girou imediatamente. Em vez disso, ele olhou para mim. — Eu tive alguém me ajudando com

isso. Se não for o que você deseja, me avise. Eu posso mudar isso.

Meus olhos se estreitaram, sem ter ideia do que ele estava prestes a me mostrar. Era meu próprio quarto? Por que eu me importaria em ter meu próprio espaço, especialmente quando meu apartamento ficava a apenas quinze minutos de distância?

Ele abriu a porta e entrou primeiro. Ele se moveu para a esquerda, para que eu pudesse passar por ele.

Entrei e olhei para a janela do chão ao teto que tinha uma vista perfeita de toda a cidade. Muita luz solar natural jorrou dentro, junto com a claraboia aberta no topo. Foi o sonho de um pintor.

Havia três cavaletes próximos à janela, todos configurados com diferentes cores de tintas, pincéis e outras ferramentas. Uma grande mesa estava no centro da sala, armazenando todos os suprimentos extras que eu precisava.

Dois grandes sofás estavam centrados em torno de uma mesa de café no canto, um lugar onde eu poderia sentar quando não estivesse pintando.

Eu encarei tudo, completamente pasma com a visão na minha frente.

Ele fez tudo isso por mim?

Bones estudou meu rosto, observando cada pequena reação que eu dei. — Eu pensei que você poderia fazer sua arte aqui. Você disse que a luz natural é o componente mais importante de qualquer foto. Aqui, você tem muito, especialmente porque o sol nasce na frente da janela. Agora que você quer fazer isso em tempo integral, precisa de uma oficina. Você terá muito espaço, e quando eu não estiver por perto, você pode vir aqui e usá-lo quando quiser.

Eu ainda estava sem palavras, olhando para este presente gentil.

De Bones.

Isso estava realmente acontecendo?

— Eu... Eu não sei o que dizer. — Bones era duro, cruel e letal. Ele ainda jurou que queria me matar e obter a vingança que merecia. Ele não foi gentil comigo na maioria das vezes e me tratou como uma escrava, e não como uma pessoa. Mas então ele fez algo incrivelmente atencioso e generoso. Não fazia sentido. — Eu realmente não sei o que dizer.

— Você não precisa dizer nada. — Ele moveu as mãos para os bolsos e admirou a vista fora da janela.

Eu encarei suas costas, me perguntando se havia um coração dentro daquela massa musculosa, afinal. Talvez houvesse mais luz dentro de sua alma do que ele deixou transparecer. Talvez ele não fosse apenas um assassino frio, mas na verdade um homem em conflito sofrendo de velhas feridas.

— Tenho que ser honesto e dizer que isso não é totalmente altruísta. — Ele se virou novamente, seu moletom preto se esticando sobre os músculos de seus ombros. Mesmo quando ele estava em uma sala com tetos abobadados, ele ainda parecia incrivelmente alto. Sua massa musculosa o fazia parecer grande, não importa o que ele estivesse ao lado.

— Não é? — Eu sussurrei.

— Não. — Ele caminhou de volta para mim, seus olhos azuis voltando ao seu olhar frio. — Eu quero que você faça algo para mim.

— Você quer que eu pinte para você? — Não consegui esconder a surpresa no meu tom. Ele parecia impressionado com meu trabalho, mas não era um colecionador de arte. As coisas que ele tinha em sua casa tinha sido escolhido por Richard.

— Sim.

— O que você quer que eu pinte? — Talvez ele quisesse que eu

pintasse um retrato de sua mãe. Ele me viu desenhar versões realistas da minha família. Não era tão bom quanto uma fotografia, mas bem parecido.

Ele se aproximou de mim, ficando tão perto que eu podia sentir sua respiração caindo em meus lábios. Suas mãos foram para meus braços, as pontas dos dedos deslizando pela minha pele lisa. Ele moveu sua testa para a minha, seus olhos nos meus lábios. — Você.

Capítulo 11

Bones

Vanessa se posicionou na minha cama, seus joelhos dobrados e seu peso descansando em seus tornozelos. Eu estava com ela em um macacão preto rendado, a cor escura combinando perfeitamente com sua pele oliva. Eu não era um artista de forma alguma, mas sabia exatamente que tipo de quadro queria. Peguei os lençóis e puxei-os de volta, em seguida, coloquei-os em torno dela. Eu a fiz segurar uma peça, deixando-a cobrir parte de seu abdômen para que o lençol branco contrastasse com sua pele.

Peguei o colar de diamantes que comprei e preendi em sua garganta antes de adicionar a pulseira. Eu coloquei uma camada de lingerie e joias, adornando-a como a rainha que ela já era. Sua maquiagem estava feita e seu cabelo ligeiramente cacheado do jeito que eu gostava. Seus lábios estavam pintados de um vermelho profundo e seus olhos estavam esfumados e misteriosos.

Usei a câmera do meu telefone para tirar a foto, permitindo que a luz das janelas ao fundo atingisse seu rosto no ângulo perfeito. Eu capturei as linhas naturais de seu corpo, a forma como o material fino abraçava a curva íngreme de suas costas.

Seus seios estavam pressionados, mas nada mais do que seu decote era visível.

Eu tirei a foto e estava perfeita.

Eu nem pedi para ela posar. Eu não pedi a ela para sorrir ou não

sorrir.

Ela era simplesmente natural.

Sexy o tempo todo.

Enfiei o telefone no bolso e voltei para a cama. Eu ainda estava chateado por ela pensar que eu a trouxe aqui para matá-la. Dadas as circunstâncias, não era uma suposição maluca de se fazer, mas ela não poderia estar mais longe da verdade. Mas surpreender minhas vítimas não foi à maneira como operei.

Eu queria que eles soubessem que eu estava indo atrás deles.

Mas, eventualmente, eu iria matá-la. E eu queria que essa pintura me lembrasse dela, para lembrar a mulher que capturou meu fascínio. Ele ficaria pendurado na parede do meu escritório, então, quando eu me embriagasse até ficar estupefato, poderia olhar para a imagem e pensar nela. E pudesse lembrar o fato de que ela o fez, selou-se em uma obra de arte inestimável.

Ela puxou os lençóis mais para cima em seu corpo, embora eu a tivesse visto nua diariamente. — Eu não tenho certeza sobre isso.

— Eu tenho. — Eu nunca dei a ela essa opção. Ela faria esta pintura para mim, quisesse ou não. Às vezes, ela ficava confortável com seus pedaços de liberdade e pensava que tinha mais dela.

Mas ela não tinha nada.

— O que você vai fazer com isso?

— Pendurar com orgulho. — Estávamos ao nível dos olhos enquanto eu estava ao lado da cama. Quando ela foi levantada no colchão, eu poderia olhar para ela de frente em vez de esticar o pescoço para baixo. Ser cerca de trinta centímetros mais alto que ela tinha suas frustrações.

— Onde?

— Lago Garda.

— Por quê? — Ela sussurrou. — Você já tem uma foto.

— Porque eu quero que você me faça algo. E a única coisa bonita o suficiente para pendurar na minha parede é você. — Peguei o lençol e puxei-o para longe, para que pudesse ver sua barriga lisa. Ela tinha um umbigo bonito e uma pele impecável. Sua única imperfeição era a cicatriz em seu braço, onde ela foi atingida por uma bala.

Tínhamos a mesma cicatriz. Acabei de tê-lo em mais lugares.

Ela continuou a me observar com hesitação em seus olhos. — Eu nunca me pintei antes. Vai ser estranho.

— Você se pintou naquela foto de Natal.

— Mas isso foi diferente.

— Como?

— Porque... É apenas em um contexto diferente. Uma imagem é sobre a percepção do espectador. Eu me pintei do jeito que minha família me vê. Se eu me pintar do jeito que você me vê... — Sua voz foi sumindo, mas seu significado ainda estava no ar.

— Como uma linda mulher? — Perguntei. — Não há vergonha nisso. Você sabe que é linda baby.

— Quero dizer... Como uma prisioneira.

Isso é o que tornou a imagem ainda mais sexy. — Eu sei que você consegue. — Eu agarrei seus quadris e puxei-a para mim, forçando seu traseiro para frente e seus ombros para trás. Eu puxei até que suas costas estivessem contra os lençóis, e seu cabelo estivesse espalhado ao redor dela. Eu abri a parte da virilha de seu macacão e revelei sua linda boceta. Meus dedos esfregaram seu clitóris suavemente, movendo-se em um movimento circular enquanto eu ficava de pé sobre ela. Meu pau já estava duro na minha calça jeans depois de tirar sua foto, mas eu

sabia que ela precisava do meu toque para se preparar para mim. Era difícil para meu pau caber dentro de uma mulher, a menos que ela estivesse encharcada, então molhá-la sempre foi necessário. Se não, eu teria que abrir o lubrificante.

Sua respiração encheu a sala silenciosa e ficou cada vez mais alta. Ela parou de pensar no quadro que pedi que fizesse e começou a se concentrar na maneira como meus dedos a faziam se sentir. Quando deslizei dois dedos dentro dela e esfreguei seu clitóris com o polegar, ela respirou ainda mais alto.

Quando sua excitação inundou meus dedos, eu sabia que ela estava pronta.

Eu deixei cair minhas calças e boxers e posicionei-a na beira da cama. Suas pernas se espalharam para mim e eu deslizei meu pau dentro dela, facilmente obtendo meu comprimento profundo. Mudei todo o caminho para dentro até que minhas bolas atingissem sua bunda.

Ela soltou um gemido silencioso e pressionou a mão no meu peito. — Muito fundo.

Eu queria transar com ela tão profundamente quanto eu queria. Se doesse não me importei. Se ela chorasse, isso só me faria gostar mais. Mas no segundo que ela me disse para parar, eu escutei. Ela não dizia isso para mim com frequência, então quando o fez, eu sabia que ela falava sério. Se ela fosse outra pessoa, provavelmente não me importaria, mas ela ganhou tanto do meu respeito que não pude deixar de ouvi-la.

Empurrei-a lentamente, certificando-me de manter os últimos centímetros fora de seu corpo, para não atingir seu colo do útero novamente. Nesse ângulo, eu poderia entrar ainda mais fundo nela. Ela pegou a maior parte do meu comprimento de qualquer maneira, então seria egoísta pedir mais.

Agarrei a parte de trás de suas pernas e empurrei em um ritmo

lento, valorizando a maneira como ela parecia na cama debaixo de mim. Seus olhos estavam um pouco úmidos do meu impulso inicial, e isso a fez parecer ainda mais bonita.

Gostava de ver uma mulher bonita chorar.

Ela parou de empurrar contra meu peito e começou a puxar minha camisa. Ela levantou sob meu estômago, me dizendo que ela queria fora.

Eu o puxei pela cabeça e joguei na cama.

Em seguida, suas mãos estavam em cima de mim, sentindo os músculos do meu abdômen e peito.

Eu adorava quando ela me tocava. Ela me tocou com desejo e ansiedade. Suas unhas se cravaram levemente em mim, e sua boca separou ligeiramente, mostrando aqueles dentes bonitos. Sua boceta ficou mais úmida e apertada, e sua respiração se transformou em gemidos.

— Baby... Você não tem ideia de como está sexy agora. — Ela era perfeita debaixo de mim, tanto como uma rainha nas costas quanto quando ela se erguia. A renda ainda empurrava seus seios juntos, formando uma deliciosa linha de decote. Seus membros bronzeados contrastavam com a cor preta que ela usava e com a maquiagem dos olhos. Seu cabelo escuro estava espalhado na cama, as mechas castanhas batendo contra meus lençóis de marfim.

— Não tão sexy quanto você... — Ela arrastou ambas as mãos pelo meu corpo e agarrou meus quadris para que pudesse puxar-se para o meu comprimento com mais força.

Porra.

Vanessa era duas mulheres diferentes. Esta versão dela adorava o chão em que eu andava e não conseguia o suficiente de mim. O sexo era tão bom que apagou a guerra entre nós. Quando usamos os corpos

um do outro, isso nos aproximou. Até gostávamos um do outro, precisávamos um do outro. Ela estava sob esse feitiço tanto quanto eu.

Ela me disse que eu era o melhor que ela já teve.

E ela era minha.

Eu acalmei minhas estocadas e me inclinei sobre ela, segurando minha boca apenas alguns centímetros acima da dela.

Suas mãos deslizaram pelas minhas costas e no meu cabelo. Ela prendeu os fios curtos e respirou na minha cara, ainda gemendo mesmo embora meu pau estivesse ocioso dentro dela. Sua boceta estava encharcada, cobrindo meu pau da coroa às bolas.

— Você acha que eu sou sexy? — Eu sussurrei.

— Você sabe que eu acho. — Ela me beijou, dando-me um beijo delicado no canto da minha boca.

— Eu amo estar dentro de você. Eu nunca quero não estar dentro de você. — Eu era o tipo de amante que raramente falava, mas observá-la e ouvi-la me deixava em um estado de espírito sensual. Eu estava mais excitado do que o normal, pulsando dentro dela porque essa boceta era toda minha para desfrutar.

— Então não sinta. Foda-me. — Ela me beijou novamente, desta vez chupando meu lábio inferior. — Foda-me e não pare.

Jesus Fodido Cristo. — Sim, baby. Sim.

Após tirar essa foto não saímos do meu quarto.

Eu a fodi profundamente no meu colchão, bombeando-a com mais gozo do que eu já fiz antes. Sujou meus lençóis, mas nenhum de nós parecia se importar. Nós transamos até tarde da noite, depois das duas da manhã.

Eu nunca tinha fodido a mesma mulher tantas vezes.

Quando terminei, não pude mais ir.

Meu pau estava quebrado.

Ela adormeceu instantaneamente e eu fui para a minha sala de estar. Fiquei olhando para o prato que ela pegou como arma.

Como se ela pudesse ter me impedido com um prato.

O canto da minha boca se ergueu em um sorriso, e me servi de um uísque na cozinha. Não havia muita comida aqui porque eu não vinha aqui com frequência. Eu só passava. Richard ficou no Lago Garda porque era minha residência principal.

Eu gostava de ficar longe das pessoas.

As pessoas eram uma merda.

Sentei-me à mesa de jantar e olhei pela janela para a cidade atrás. As luzes estavam fortes, me lembrando de outras grandes cidades que eu já estive. Todos pareciam iguais à noite. Eu bebi meu veneno e sentei em minhas boxers, deixando o licor fazer sua mágica.

Eu normalmente conseguia dormir depois de foder com Vanessa, mas agora estava bem acordado.

Pensando naquela pintura.

Eu queria que ela fizesse isso para mim, para que eu me lembrasse dela depois que ela se fosse. Queria lembrar minha conquista, como um entalhe no meu cinto, uma marca na cabeceira da cama.

Mas então eu me senti uma merda.

Eu estava doente.

Eu a estava fazendo preservar sua própria memória, capturando-

se de uma maneira que ela não queria ser retratada. Uma vez meus inimigos estavam mortos, eu teria aquela pintura como troféu, para relembrar tudo que realizei.

Mas foi realmente uma conquista?

Fiquei magoado quando ela pensou que eu iria matá-la, mas eu tinha o direito de ser ofendido quando era isso que eu queria fazer com ela? Isso não me tornou hipócrita?

E já que eu não a matei quando deveria, eu realmente faria isso?

Quem sabia?

Meu telefone se iluminou com uma mensagem de texto de Max.
Você está em Milão?

Eu mandei uma mensagem de volta. *Sim.* Não perguntei como ele sabia disso.

Precisamos nos encontrar. O lugar de sempre?

Eu não os queria perto de Vanessa. *Eu tenho companhia.*

Barsetti?

Sim.

Então você não vai matá-la?

Eu me esquivei da pergunta. *Te vejo amanhã à noite. Vamos nos encontrar em nosso outro lugar.*

Eu acordei mais tarde do que o normal porque eu fiquei acordado até tarde. Vanessa tinha ido embora, e presumi que ela foi para a outra

sala para começar seu trabalho artístico. Coloquei minhas roupas de ginástica e fui para minha academia particular no andar seguinte. Fiz um treino intenso antes de voltar e pular no chuveiro.

Depois do café da manhã, fui em busca de Vanessa.

Ela estava exatamente onde eu esperava que ela estivesse, sentada em uma cadeira em um cavalete. Todas as cores estavam no lugar, mas sua imagem não era clara. Ela passou muito tempo detalhando cada pequena coisa na sala, desde a textura das paredes, à luz que flui através das janelas, aos pequenos detalhes das cortinas.

Ela era uma perfeccionista.

Ela não se virou quando me ouviu entrar. Seu pincel ainda estava contra a tela, aperfeiçoando o contorno de seu corpo contra a cama.

Entrei mais na sala, meus olhos grudados em sua pintura. Mas no segundo que tirei meu olhar de sua obra de arte e olhei para ela, percebi algo.

A camisa dela.

Era minha camisa.

Era a camisa que eu estava usando quando ela me pediu para tirá-la. Foi à camisa que caiu no chão e ficou esquecida enquanto nós trepamos pelo resto da noite. Eu o deixei lá porque me esqueci dele, e quando acordei hoje de manhã não o peguei.

E agora ela estava usando.

Dez vezes maior, chegava aos joelhos e as mangas quase tocavam os cotovelos. Não mostrava suas curvas e a fazia parecer ainda menor em comparação. Suas pernas se estenderam por baixo dele, tonificadas e bonitas.

Eu nunca tinha visto uma mulher usar minha camisa antes.

E ficar tão sexy nele.

O tempo pareceu parar enquanto eu olhava para ela, sem saber como me sentia sobre o que estava olhando. Ela tinha uma bolsa com suas próprias roupas, então não era como se ela não tivesse mais nada para vestir. Eu sempre fui possessivo com ela, mas vê-la em meus pertences pareceu mudar meu controle sobre ela.

Eu senti que a possuía ainda mais.

E ela queria que eu a possuísse.

Não deixei minhas vítimas se humanizarem. Não me permiti apegar-me a eles ou ter pena deles. Eu tive que matá-los, então eles não eram nada mais do que gado. Como uma vaca que seria levada para o abate para obter carne.

Mas vê-la com aquela camiseta preta mudou tudo.

E eu nunca iria olhar para ela da mesma forma novamente.

Eu tirei meu suéter sobre a minha cabeça e, em seguida, coloquei os meus sapatos.

Vanessa estava sentada no sofá com um cobertor sobre as pernas enquanto assistia à TV. Quando ela percebeu que eu estava indo embora, ela sentou-se. — Você está indo a algum lugar?

— Vou encontrar com os caras.

— Esta noite? — ela perguntou surpresa.

— Sim.

— São quase oito horas.

Peguei minhas chaves e carteira da bancada. — Eu sei. Eu tenho um relógio.

— Não é tarde?

Eu matei pessoas para viver. Tarde não existia. — Voltarei mais tarde. — Eu me dirigi para a porta, sem vontade de me despedir. Eu estava chateado comigo mesmo agora. Vê-la usar minha camisa me irritou. Eu não estava com raiva dela por usar minhas roupas. Isso seria uma coisa estúpida para ficar chateado. Mas eu odiava a maneira como isso me fazia sentir.

Vanessa me seguiu até a porta vestida com uma camisola roxa. Seu cabelo estava solto e seu rosto lavado. Ela embalou sua escova de dente, mas eu a forcei a usar a minha de qualquer maneira. — Está tudo bem?

— Tenho de trabalhar.

— Você vai voltar esta noite? — Ela me seguiu até o elevador, a pequena camisola mal cobrindo seu corpo.

— Sim. — Eu apertei o botão e as portas se abriram.

— É isso aí? — Ela perguntou incrédula. — Nenhuma outra explicação.

— Eu não sou seu namorado. — Eu encarei o olhar irritado em seu rosto quando as portas se fecharam. Quando ela finalmente sumiu de vista, eu respirei fundo. Não gostei da maneira como essa mulher me fez sentir. Quando estávamos juntos, esqueci de todas as merdas da minha vida. Quando ela vestiu minha camisa, me fez sentir como se estivesse conectado a ela.

Eu odiava esse sentimento.

Então eu a empurrei machucando -a de propósito.

Apertei o botão e peguei o elevador até o andar inferior. Em

seguida, fui até o bar a alguns quarteirões de distância. Era um lugar escuro com caras que olhavam para o outro lado quando viam problemas. As mulheres estavam em postes, os peitos para fora.

Não fiquei impressionado.

Max já estava lá, recebendo uma lap dance de uma loira. Ele sorriu como um idiota, se divertindo até eu chegar.

Eu sentei na cadeira em frente a ele. — Pegue sua boceta mais tarde.

Ele riu e desculpou a mulher. — Como a boceta que você tem todas as noites? — Ele pegou sua cerveja e tomou um gole.

Não gostei da maneira como ele se referiu a Vanessa, mencionando o paraíso entre suas pernas. Essa era minha boceta e nenhum outro homem poderia falar sobre isso. — Ela está fora dos limites. O que você tem para mim?

Uma pasta estava sobre a mesa, mas ele não a empurrou para mim. Ele me estudou com seus olhos castanhos, sua mão segurando seu copo. — Fora dos limites, hein?

— Sim. — Eu o desafiei com meu olhar, avisando-o para não cruzar a linha.

— Primeiro você ia matá-la. Então, você estava apenas mantendo ela. Mas agora, ela está fora dos limites. As únicas mulheres fora dos limites são esposas e famílias. Então, qual é ela? Eu sei que ela não é da família ...

Um dos caras da nossa equipe tinha uma esposa. As esposas estavam protegidas da conversa fiada e de nossa perversidade geral. E também tínhamos um protocolo. Se a esposa alguma vez fosse capturada junto com o membro da tripulação, ela teria prioridade. O homem poderia morrer - enquanto ela vivesse. Quando eu disse que Vanessa estava fora dos limites, não foi isso que eu quis dizer. Eu só

não queria que ele falasse sobre sua boceta como se ele tivesse o direito.

Só eu tinha.

— Você sabe mais alguma coisa sobre Joe?

Max deixou passar, provavelmente porque ele podia sentir minha raiva. — Tenho quase certeza de que era ele. Reuni evidências suficientes para provar que ele estava na vizinhança na noite do assassinato. É uma estranha coincidência.

— Coincidência demais.

— Então, eu acho que era ele. Mas você realmente deveria parar um pouco para pensar sobre isso. Se você não puxar isso certo, todos os Tyrants estarão atrás de você. Se você realmente quer matá-lo, faça-o sem deixar vestígios de volta para você.

— Eu faço isso para viver, então não deve ser difícil.

Max olhou ao redor do bar, certificando-se de que não havia ninguém por perto que estivesse escutando. — Você está colocando o resto de nós em risco aqui. E nenhum de nós acredita que vingar sua mãe vale nossas vidas, nosso sustento. Lamento que você ainda esteja zangado com isso e não o culpo por estar chateado, mas você deve deixar isso para lá.

Deixar para lá era mais fácil falar do que fazer. — E se fosse sua mãe?

Ele manteve o silêncio.

— Você não iria deixar pra lá— eu disse friamente. — E se você fizesse, que tipo de filho você seria?

— E que tipo de mãe gostaria que seu filho arriscasse a vida quando ela já está morta? — ele rebateu.

Olhamos um para o outro enquanto a música tocava no alto. O baixo era alto enquanto as mulheres trabalhavam nos bastões em seus calcanhares. A maioria delas usava apenas tangas, suas bundas grandes, firmes. As luzes estavam baixas e seus rostos mal se distinguiam. Como os outros homens aqui, gostei de vê-las dançar e se mover.

Mas agora que Vanessa estava esperando por mim, não as achei atraentes.

Porque Vanessa envergonhava essas mulheres.

Max terminou o silêncio empurrando a pasta para mim. — Eu tenho um acerto para você.

— Onde?

— Rússia.

Eu odiava ir para a Rússia. Estaria frio pra caralho, ainda mais frio do que aqui. E era enorme. Era três vezes maior que toda a Europa combinada. — Quando?

— Imediatamente.

Isso significava que eu estava saindo esta noite. — Quanto?

— Vinte milhões.

— Uau. Esse cara tem uma grande recompensa pela cabeça.

— Ele estuprou a filha do nosso cliente. Ele está pagando a mais porque quer que você torture o cara antes de matá-lo.

Então foi pessoal. — Considere isso feito.

Quando eu retornei para minha casa, Vanessa estava na cama. Ela não estava dormindo, mas ela estava jogando em seu telefone. Seus

olhos me seguiram enquanto eu entrava, e ela colocou o telefone na mesa de cabeceira. Ela olhou para mim, mas não disse nada, obviamente zangada com a maneira como falei com ela quando saí.

Peguei minha bolsa e joguei minhas roupas dentro.

Ela não conseguia mais segurar o silêncio, não quando percebeu o que eu estava fazendo. — Aonde você vai?

— Eu tenho um trabalho. Estou indo para a Rússia.

— Agora mesmo? — Ela perguntou incrédula.

— Sim. Agora mesmo. Eu estarei fora por alguns dias. Vou deixar minha chave, para que você possa entrar e sair quando quiser.

Ela se sentou na cama, seu cabelo puxado sobre um ombro. Ela parecia sexy se acomodando em casa na minha cama, deitada na lateral da cama que eu normalmente usava. — Você está indo para matar alguém?

Enfiei o resto das minhas coisas na bolsa de couro preta e fechei o zíper. — Sim.

Ela cruzou os braços sobre o peito, fazendo um julgamento.

— Meu alvo estuprou a filha do meu cliente. — Eu não tive que me explicar. Eu não tive que justificar o que estava fazendo. Mas eu queria que ela soubesse disso, que ela não deveria se sentir mal pela minha vítima.

Ele merecia ser minha vítima.

Seus braços voltaram para os lados. — Oh...

— Espero que essa pintura esteja pronta quando eu voltar.

— Você não pode apressar a arte.

— Mas eu posso te apressar. — Puxei a alça por cima do ombro e

me aproximei dela ao lado da cama. Minhas armas estavam no segundo andar, longe de meus aposentos, então Vanessa não teria acesso a elas. Eu encarei seu decote fino, querendo espalhar beijos por toda parte antes de sair, mas eu sabia que deveria ir. Eu tinha um avião para pegar. — Não me chame. Eu não vou responder.

— Tudo bem.

Eu queria me inclinar e beijar um adeus, mas parecia muito doméstico. Eu geralmente a beijava quando saía, mas agora que a tinha visto em minha camisa, tudo parecia diferente. Parecia que isso era mais complicado do que apenas um mestre e um prisioneiro.

Ela olhou para mim, como se estivesse pensando a mesma coisa.

Finalmente tive forças para me virar e caminhar até a porta.

— Bones.

Eu fiquei na porta, ainda segurando a alça da minha bolsa. Eu não queria me virar, não queria olhar para ela. Eu só queria sair andando como se ela não significasse nada para mim. Mas eu me virei de qualquer maneira.

Ela ficou de joelhos, em seguida, puxou a camisola roxa sobre a cabeça, revelando seus seios lindos, curvas sensuais e pele bonita. Sua pele escura parecia bem sob qualquer luz, mas agora, parecia especialmente deslumbrante.

Beijável pra caralho.

— Você simplesmente vai embora sem dizer adeus a sua baby?

Nunca fiquei tão duro tão rápido na minha vida. Minha bolsa caiu no chão com um baque e puxei minha camisa pela cabeça. Esta mulher me queria e estava praticamente me implorando. Minha tarefa não parecia mais importante, não quando seus seios pareciam tão lindos e seus mamilos estavam tão duros. Sua barriguinha estava me chamando, pedindo meus beijos.

Eu chutei fora os meus sapatos então baixaram minhas calças. Pedacos de roupa caíram no chão até que cheguei à cama completamente nu.

Vanessa me agarrou pelo braço e me puxou para cima dela, suas pernas imediatamente circundando minha cintura e seus dedos correndo pelo meu cabelo. Sua boca estava na minha e ela me beijou como uma mulher que não queria que seu homem fosse embora.

Meu pau encontrou sua boceta como um ímã, e eu deslizei dentro dela, saudado por sua excitação.

— Peça desculpas para mim.

Eu estava tão duro dentro dela, escorrendo da minha coroa porque estava tão excitado. Eu adorava ser o mestre, manter meu prisioneiro na linha. Mas quando ela se tornou atrevida, carente, acertou o ponto. — Eu sinto muito, querida.

— Nunca mais saia assim.

— Eu não vou.

Ela me beijou com força, seus quadris balançando com os meus para que ela pudesse tomar meu pau forte e rápido. — Promete-me.

Eu estava cansado de fazer promessas. Eu estava cansado de fazer exceções para ela. Eu estava chateado comigo mesmo por quebrar todas as regras por ela. Ela ainda estava viva porque eu permiti, e eu estava enterrado entre suas pernas neste exato momento porque ela me deixou fraco. Nosso relacionamento havia se transformado em uma explosão de química intensa que nos fez estúpidos e irracionais... E nos fez desprezar mais um ao outro ao mesmo tempo. Eu a odiava por causa do que ela fez comigo. E ela me odiava por fazê-la sentir tanta vergonha, por desfrutar a sensação do pênis de seu inimigo dentro dela. Mas eu fiz outra promessa a ela, uma promessa que manteria porque era um homem de palavra. — Eu prometo.

Capítulo 12

Vanessa

Quando eu acordei na manhã seguinte , eu estava com muita vergonha de mim mesma .

Foi difícil.

Que porra eu estava fazendo?

Eu sempre fui atraída por Bones, mas agora eu estava começando a precisar dele. Eu queria tudo dele o tempo todo. Uma vez que tive um pouco dessa intensidade entre nós, não quis desistir. Um homem nunca me fez sentir como ele. Eu me sentia tão sexy e linda, quer estivesse vestida de lingerie com maquiagem ou deitada com uma camisa larga e o rosto limpo. Nenhum homem jamais me fez sentir esse tipo de vício, de querer mais e mais.

Eu não tinha certeza se poderia parar.

Agora eu tinha que me perguntar se eu estava fazendo isso porque eu precisava... Ou porque eu queria.

Foi quando comecei a chorar.

Eu não era o tipo de pessoa que chorava. Chorar era fraco e irritante. Minha mãe nunca fez isso, e eu não ia começar agora. Mas me sentia tão presa. Eu não tinha ninguém a quem recorrer para obter ajuda ninguém com quem conversar. Eu estava presa nesta prisão aberta, sentindo coisas pelo homem que me fez sua cativa.

Eu gostei de beijá-lo.

Tocar nele.

Foder com ele.

E eu sabia que ele sentia o mesmo. Bones sentia a mesma necessidade nojenta que eu. Ele queria estar entre minhas pernas todas as noites e não com outras mulheres. Ele me odiava pelo que fiz à sua família, mas não me matou porque se tornou muito apegado.

Eu também fiquei muito apegada.

O que aconteceria se eu não parasse com isso?

Eu algum dia seria livre?

Ou seria eu quem acabaria morta? Eu não poderia ser a fraca. Um de nós teria que matar o outro.

E eu não ia deixar que ele puxasse o gatilho.

Apenas um de nós poderia sair com vida.

E seria eu.

Os dias se apagaram e eu fiquei na casa dele. Ele me deixou uma chave e o código para entrar e sair. Eu não tinha acesso aos outros andares e estava curiosa para saber o que havia lá. Ele malhou então ele deve ter uma academia em algum lugar. E ele matou pessoas, então ele deve ter armas também. Mas não encontrei nenhuma.

Trabalhei na minha pintura a maior parte do tempo, aproveitando a luz da manhã para conseguir as melhores cores para a foto. No começo, era estranho me pintar de uma forma sexy,

principalmente quando eu sabia o que aconteceu depois que essa foto foi tirada.

Nós transamos sem parar.

Mas depois de algumas horas, eu superei isso.

Trabalhei em todos os detalhes específicos, tratando a imagem como se fosse uma pessoa aleatória em vez de mim. Passei muito tempo trabalhando em cada cor para me certificar de que era o mais realista possível. Tive que misturar as tintas e adicionar diferentes concentrações para obter a consistência certa. Mesmo os menores toques eram um processo longo porque exigiam muito tempo e detalhes.

Os dias foram passando e eu continuei trabalhando, envolvendo-me tanto com a pintura que investi mais nela do que no início. Fiz o meu melhor para capturar o tom certo, para mudar um pouco as cores para definir o clima. Eu me pinteí exatamente do jeito que ele me via, como uma linda prisioneira que ele não podia torturar - mas também não podia libertar.

Quando terminei, não conseguia parar de olhar para o quadro .

Foi bonito.

Não foi impressionante por minha causa. Foi impressionante porque capturou aquele momento tão perfeitamente. Essa era a beleza de uma pintura versus uma fotografia normal. Muito mais poderia ser capturado com as cores e a textura. Não era idêntico à imagem, porque a imagem não conseguia capturar o clima.

Mas uma pintura sim.

Qualquer um pode olhar para esta pintura e sentir exatamente o que eu sinto- entender exatamente o que eu sinto. Havia tanta paixão e luxúria reprimida. Havia muito afeto e paixão. Eu podia sentir seus olhos em mim enquanto eu olhava para ele, lembrando exatamente

como me senti quando ele olhou para mim com aquele olhar taciturno.

Eu não apenas capturei minha presença na pintura- mas a dele.

Larguei meus pincéis e continuei a olhar para eles, imaginando-os pendurados em seu escritório. Era difícil entender por que ele iria querer uma pintura quando ele já me tinha. Por que perder tempo olhando para ele quando, em vez disso, ele poderia apenas olhar para mim na carne. Ele não era um amante da arte ou uma pessoa artística.

Então, por que ele queria?

E então isso me atingiu.

Ele queria porque eu nem sempre estaria por perto para olhar.

Porque em breve seria uma lembrança.

E ele queria se lembrar exatamente como era a sensação de me ter, de me ter em seu cativeiro, de sentir esse equilíbrio entre paixão e ódio.

Meus dedos começaram a tremer, mas os forcei a se firmar. Bones nunca me enganou sobre suas intenções comigo. Ele gostava do meu corpo, mas acabaria por fazer o meu coração parar de bater. Ele só tinha que decidir quando estava pronto para fazer isso, depois que finalmente se cansasse de mim.

Talvez isso fosse antes do que eu percebesse.

Não havia tempo a perder.

Na próxima vez que ele estivesse no meu apartamento, eu teria que puxar o gatilho.

E matar esse monstro.

Eu não tinha falado com ele em quatro dias.

Voltei para minha casa porque não queria ficar perto de suas coisas mais. Eu não queria pintar naquele lindo quarto porque isso apenas suavizaria meu coração. Ele alegou que só me deu aquele quarto para que eu pudesse fazer sua pintura, mas suspeitei que ele também fez isso para mim - então seu brinquedo teria algo para fazer.

Levei o quadro para o meu apartamento porque nunca tive a intenção de dar a ele. Ele viria quando voltasse para a cidade, mas não deixaria este apartamento depois de entrar pela porta.

Eu o mataria e depois ligaria para meu pai.

Ele saberia o que fazer com o corpo. Com sorte, ele não faria muitas perguntas.

Eu não conseguia olhar meu pai nos olhos e dizer a ele que estava dormindo com Bones.

Essa seria a conversa mais desagradável da minha vida.

Eu não tinha certeza do que faria com a pintura. Seria estranho mantê-lo porque era uma imagem minha vestida de lingerie na cama de um homem. Seria estranho pendurá-lo com orgulho na parede. Eu provavelmente deveria apenas queimá-lo.

Mas parecia um desperdício queimar algo tão bonito.

Algo em que dediquei muito tempo.

Só porque retratava algo escuro e distorcido não o tornava feio. Era verdadeiro e honesto, transparente em suas emoções. Bones tinha alguma habilidade artística porque foi ele quem tirou a foto. Eu apenas adicionei a emoção a isso.

Coloquei a arma debaixo do meu travesseiro, onde dormi,

sabendo que ele não me daria nenhum aviso antes de entrar pela porta da frente. Ele não me disse que estava de volta à cidade até que entrou no meu apartamento e se anunciou.

Eu tinha que estar pronta.

Eu estava sentada na minha sala de estar jantando com a pintura no cavalete ao lado da janela quando ouvi passos do lado de fora da minha porta. Parei de comer e ouvi meu coração batendo forte no peito. Eu sabia que era ele antes de vê-lo, antes mesmo de ouvi-lo.

Eu podia apenas senti-lo. Ele deve ter arrombado a fechadura porque levou alguns segundos antes de abrir a porta e se dar as boas-vindas para dentro.

Isso me irritou porque ele sabia que eu estava em casa. Tudo o que ele precisava fazer era bater.

Ele entrou vestido todo de preto. Seu corpo pesado bateu contra o chão enquanto ele se movia, e seus olhos azuis cristalinos pousaram em mim assim que ele estava dentro da sala de estar. Ele olhou para mim com várias emoções, intensidades diferentes. Ele parecia zangado, mas também parecia desesperado.

Eu não estava nervosa por causa da maneira como ele estava olhando para mim. Eu estava nervosa por causa do que estava prestes a fazer.

Eu sabia que era apenas minha paranóia, mas parecia que ele conhecia meu plano.

Ele voltou seu olhar para a pintura e parou enquanto a olhava. Então ele cruzou a sala para dar uma olhada melhor. Ele estava de costas para mim e ele cruzou os braços sobre o peito.

Eu encarei seus ombros, observando-os subir e descer enquanto ele respirava. Eu me perguntei o que ele estava pensando, se ele amou ou se conectou com isso. Era exatamente o que ele queria? Foi a

imagem perfeita para lembrar de mim? Ele era imprevisível, então ele poderia quebrá-lo ao meio a qualquer momento.

O tempo passou e ele ainda não se mexeu. Nem uma única palavra foi dita. Ele manteve a mesma postura enquanto olhava para ele, todo o seu corpo ainda com exceção de sua respiração. Os minutos se passaram até que meia hora passou.

Em seguida, passou uma hora inteira.

E ele continuou a olhar.

Fui para o lado dele, olhando para a mesma imagem que ele estava olhando. Dei uma olhada em seu rosto, na esperança de compreender seus pensamentos com base em sua aparência. Mas seus olhos azuis eram ilegíveis e sua mandíbula estava tão dura como sempre. Ele exibia uma expressão de raiva constante. A única vez que isso mudou foi quando ele estava sendo um espertinho ou ele estava empurrando dentro de mim. Fora isso, ele sempre foi essa parede de concreto.

Ainda não tínhamos falado uma palavra um com o outro desde que ele entrou. Ele não perguntou por que eu estava lá em vez de em seu apartamento, e ele não me disse como foi seu trabalho na Rússia. Ele não fez um comentário espertinho sobre sentir minha falta. Ele também não me beijou. Parecíamos ter uma conversa sem palavras.

Como se estar na mesma sala juntos fosse o suficiente para nos comunicarmos.

Quando outros quinze minutos se passaram e ele continuou olhando para a pintura, não havia dúvida de que ele adorou. Ele não olharia por tanto tempo a menos que isso o fizesse sentir algo, estimulasse seu cérebro assim como seu coração.

Ele finalmente virou a cabeça na minha direção, olhando para mim de frente.

Mas ainda não havia uma única palavra.

Eu odiava me sentir assim. Eu odiava o jeito que meus joelhos ficavam um pouco fracos quando ele me olhava daquele jeito. Eu me odiei por sentir um pouco de alívio por saber que ele voltou vivo de sua missão. Odiava sentir a leve dor em meus lábios porque ele ainda não tinha me beijado. Eu odiava o jeito que queria ir para o quarto, e não porque queria colocar uma bala em seu cérebro.

Como eu sinto tudo isso por um homem que desprezo?

O que ele fez comigo foi imperdoável. Eu não poderia esquecer isso. Eu nunca faria isso.

Mas a emoção humana era complicada. Minha pintura sozinha era prova disso.

De repente, ele puxou o suéter pela cabeça, levando a camisa com ele. Seu corpo musculoso apareceu, os cortes e linhas de separação em seus músculos óbvios, mesmo quando estava escuro. Com ombros poderosos que podiam suportar o peso do mundo e um peito que era mais duro do que concreto, ele era construído como um tanque. Ele levou a bala sem vacilar porque era imune à dor. Ele não precisava de um colete à prova de balas porque uma arma não poderia perfurar seu exterior rígido.

Ele se mudou para mim, suas mãos segurando meu rosto suavemente enquanto sua boca pegava meu beijo. Seus lábios pressionaram contra os meus enquanto uma mão serpenteava na parte de trás da minha cabeça. Ele me guiou até ele, me beijando como se fosse a primeira vez que ele tivesse a oportunidade.

Minhas mãos foram para o seu peito e eu o beijei de volta sem pensar duas vezes sobre minhas ações. Tudo era natural, impensado. Quando eu estava com esse homem, nunca pensei duas vezes sobre o que estava fazendo. Eu apenas senti tudo o que ele me deu, senti a maneira como nossas bocas se moviam juntas perfeitamente. Por que o homem que eu mais odiava tinha que ser o homem que eu mais queria?

Por que outro homem não poderia me beijar assim? Foder-me tão bem?

Ele puxou minha camisa pela cabeça e arrancou meu sutiã enquanto ele me guiava de volta para o quarto.

Era isso - agora ou nunca.

Minhas unhas cravaram nele, não de paixão, mas de terror. Se eu não entendesse direito, não sabia o que ele faria comigo. Ele ainda pretendia me matar, então ele poderia quebrar meu crânio com as próprias mãos.

Suas palmas foram para meus seios e ele os apertou enquanto me guiava para a cama. Quando a parte de trás dos meus joelhos atingiu o colchão, ele beliscou meus mamilos suavemente. Meu jeans foi desfeito, em seguida, ele se soltou.

Ele me empurrou de volta na cama antes de puxá-los para fora, levando-os até meus tornozelos antes de puxar minha calcinha com ele. Então ele deixou cair suas roupas, trazendo seu grande pau.

Eu senti falta daquele pau.

Matá-lo quase parecia um desperdício, já que ele era tão talentoso em muitas áreas. Os homens não eram construídos assim. Os homens não eram grandes assim. E os homens não fodem assim. Ele tinha muito potencial - mas foi tudo desperdiçado.

Ele se moveu para cima de mim, seus joelhos separando os meus. Seu peso me afundou no colchão, e ele me deu aquela expressão possessiva, do tipo que me disse que eu era dele no segundo que ele entrou por aquela porta.

Minha cabeça recostou-se no travesseiro, e foi então que senti a arma debaixo da minha cabeça.

A forma era distinta pelos travesseiros macios. Eu poderia distinguir o cano da coronha.

Este foi o momento perfeito. Quando ele empurrou dentro de mim, ele estava distraído. Ele estava focado em seu pau dentro de mim, na umidade entre minhas pernas. E quando seus lábios estavam nos meus, ele não estava ciente de mais nada ao nosso redor.

Só nós.

Ele apontou seu pau na minha entrada e deslizou para dentro.

Eu agarrei seus braços e gemi, esquecendo como foi bom nos últimos quatro dias.

Droga... Tão bom. Eu me sentia tão cheia, tão certa.

Talvez eu deva fazer isso esta noite. Eu nunca teria um sexo melhor do que este pelo resto da minha vida, então eu deveria apenas aproveitar enquanto podia.

Mas não, pode não haver outra chance.

Eu não deveria poupar sua vida só porque ele era bom de cama.

Eu tive que fazer isso.

Se não o fizesse, nunca seria livre.

Minha família nunca seria livre.

Ele empurrou em mim com golpes regulares e profundos, sua boca se movendo com a minha. Ele respirou em mim enquanto bombeava, dando-me seu pau no ângulo perfeito. Ele brincou com minha boca, me beijando e me provocando enquanto nos movíamos juntos. — Senti sua falta, baby.

As palavras saíram dos meus lábios automaticamente antes que eu pudesse pensar o suficiente para detê-las. — Também senti sua falta...

Seu pau engrossou um pouco mais dentro de mim, amando essa resposta. Ele continuou me beijando, gemendo comigo de vez em

quando.

Toquei seu corpo em lugares diferentes, nunca mantendo minhas mãos no mesmo lugar. Abri meus olhos para olhar nos dele e vi que estavam fechados. Apesar do terror em meu coração, fiz minha jogada. Eu deslizei minha mão sob o travesseiro sem quebrar meu beijo e alcancei a coronha da arma. Eu cuidadosamente deslizei debaixo de mim, beijando-o um pouco mais forte uma vez que minha cabeça afundou mais alguns centímetros onde a arma estava.

Aponte a arma para o chão e destravei a segurança.

Porra, eu tinha que fazer isso.

Aponte para sua cabeça e aperte o gatilho. Bem desse jeito.

E tudo isso acabaria.

Eu estaria livre novamente.

Tentei não pensar e apenas levantei a arma. Eu me vi apontar o cano em sua têmpora, mantendo-o à queima-roupa sem tocar sua pele.

Ele falou em minha boca. — Faça.

Meu coração quase saltou na minha garganta e na minha boca.

Ele abriu os olhos e olhou para mim, não diminuindo o passo enquanto continuava a me foder. Ele parou de me beijar e nunca olhou para a arma. Ele deve ter visto com sua visão periférica porque não se voltava para ele. — Vem cá baby. Faça. — Ele agarrou meu pulso e pressionou o cano contra sua têmpora.

Jesus Cristo.

Ele segurou seu corpo em cima do meu, seu pau mais duro do que nunca. Estava pulsando dentro de mim, latejando com uma explosão iminente. Ele respirou com mais força e começou a me foder mais rápido. — Esta é a única chance que você terá. Então pegue.

Minha mão tremia enquanto segurava a Glock. Era pesado, mas era ainda mais pesado com o peso da morte. Tudo que eu precisava fazer era puxar o gatilho e ele desabaria em cima de mim. Ele não sobreviveria a um tiro na cabeça e, se sobrevivesse, não seria forte o suficiente para me impedir de atirar nele novamente.

— Baby. — Ele me beijou com força na boca, respirando dentro de mim. — Você é mais forte do que isso. Prometi matar você e toda sua família. Eu te mantive como um prisioneira e te fodi sempre que podia. Você deveria me matar. Eu mereço.

Tudo o que ele disse era verdade, mas meu dedo não apertou o gatilho. Esta foi a minha abertura, mas não aceitei. Eu já tinha matado um homem antes, então isso não deveria ser diferente. Tratava-se de sobrevivência. Basta atirar e acabar com isso.

Mas minha mão tremia e meu dedo não se mexia.

Ele pressionou sua testa na minha e balançou comigo, seu pau tão duro que parecia que ele mal cabia dentro de mim. Sua mão se moveu em meu cabelo e ele me beijou como se não houvesse uma arma apontada para sua cabeça. Ele prendeu meu cabelo e me manteve no lugar, esfregando-se contra mim do jeito que eu gostava. Ele me deu sua língua e sua paixão, me deu tudo como sempre fazia. Este homem não tinha medo, não tinha medo da morte ou da dor. Ele não vacilou quando atirei em seu ombro e me beijou do jeito que fazia agora.

Talvez ele quisesse que eu atirasse nele.

Mas eu não pude fazer isso.

Eu odiava esse homem. Verdadeiramente, eu fiz.

Mas algo firmou minha mão.

Eu coloquei a arma na minha mesa de cabeceira antes de retornar minha mão ao seu braço.

Ele parou de se mover, encerrando seu beijo e tudo mais. Ele

olhou para mim, sua expressão ilegível. Ele parecia zangado, mas ao mesmo tempo se movia. Seus dedos se moveram em meu cabelo e seu pau ainda estava se movendo fortemente. — Eu também não poderia fazer isso, baby.

Com a arma na mesa de cabeceira e o homem grande ainda em minha cama, fui até a cozinha e fiz um bule de café. Encontrei sua camiseta no caminho, então a puxei pela cabeça e a deixei tocar meus joelhos. Dez vezes maior, não combinava nem um pouco com minhas curvas, mas era a peça de roupa mais confortável que eu já usei.

Provavelmente porque cheirava a ele.

Observei a cafeteira trabalhar a moagem para produzir o líquido cafeinado enquanto eu estava no balcão, pensando na noite passada.

Pensando na maneira como coloquei aquela arma em sua cabeça.

Mas não atirei.

Eu não atirei ,porra.

Ele me disse para fazer isso, mas eu não fiz. Ele me lembrou de todas as razões pelas quais eu deveria. Ele sabia que havia uma boa chance de eu realmente fazer isso porque eu atirei nele antes - com a intenção de matar.

Mas suavizei e abaixei a arma.

Talvez fosse porque ele estava entre minhas pernas. Talvez fosse porque sua boca fosse minha. Talvez eu estivesse muito apegada a ele para explodir seus miolos. Decidi que essa era a única maneira de sair da minha situação, a única maneira de proteger a mim e minha família.

Mas não atirei.

Talvez se ele nunca dissesse nada, eu teria puxado o gatilho.

Talvez se ele tivesse continuado me beijando e não estivesse ciente do barril perto de seu crânio, eu teria me convencido a fazer isso. Mas ouvi-lo me instruir a fazer isso, sentir seu pau ficar ainda mais duro com a ameaça de violência sobre ele, apenas me confundiu.

E agora minha chance se foi.

O café estava pronto, mas eu continuei lá, vestindo sua camiseta com a luz do sol entrando pela janela. Ele estava dormindo no outro quarto, a arma ainda parada lá. Eu poderia voltar lá e matá-lo agora.

Mas eu sabia que não iria.

Passos soaram atrás de mim, seu peso fazendo o chão ranger em certos lugares. O som ficou mais alto quando ele entrou na cozinha.

Eu podia sentir seu olhar no segundo que ele estava na sala.

Ele parou por um longo tempo, apenas olhando para mim.

Eu não me virei. Eu não queria olhar para ele. Não queria enfrentar a vergonha de minha fraqueza.

Ele veio atrás de mim e colocou suas mãos grandes nas costas dos meus braços. Ele ficou lá, respirando em mim como um tigre que acaba de encurralar sua presa.

Fiquei absolutamente imóvel, meu coração batendo na garganta porque estava com medo e nervosa. Depois de uma noite como aquela, eu não sabia o que aconteceria entre nós. Eu não sei se ele iria me punir pela tentativa ou se ele ficaria desapontado por eu não ter feito isso.

Ele me virou lentamente, me forçando a encontrar seu olhar de frente.

Eu não queria olhar para seu rosto bonito, ver a arrogância e a posse. Eu não queria ver a vitória em seus olhos. Ele não apenas me manteve como sua prisioneira, mas ele tinha uma prisioneira que era

fraca demais para matá-lo.

Nunca me senti mais patética em minha vida.

Ele me levantou no balcão da cozinha e ficou entre minhas pernas, seus braços fortes me segurando e me segurando contra ele. Minhas bancadas eram altas, então isso me trouxe até o nível de seus olhos.

Gentilmente, ele se inclinou e me beijou na boca, dando-me um beijo de bom dia que foi mais suave do que todos os outros que ele me deu. Então ele descansou sua testa contra a minha, seus olhos olhando para os meus lábios.

— Te odeio. — Minhas mãos deslizaram por seus braços até agarrarem seus bíceps. — Eu faço...

— Eu sei Baby.

— Eu gostaria de ter matado você. Eu gostaria de poder fazer isso.

— Eu também sei disso. — Ele beijou o canto da minha boca.

— Eu não sei por que eu não... — Meus olhos mudaram para baixo porque eu estava com vergonha de encontrar seu olhar. Eu nunca fui preenchida com tanta auto-aversão. Se meu pai soubesse o que eu fiz, ele ficaria desapontado comigo. — Eu ia matar você e ficar com aquela pintura. Livrar-se de você é a única solução para meu problema. Tenho vergonha de mim mesma. — Fechei os olhos, incapaz de suportar aquele olhar gelado.

Seus dedos foram para o meu queixo, forçando minha cabeça para cima.

Abri meus olhos e olhei para ele novamente.

— Eu também não poderia fazer isso, baby.

— Por quê? — Eu sussurrei.

Seus dedos deslizaram pelo meu pescoço, bem acima do meu pulso. — Pareceu um desperdício para mim. Você é tão inteligente, forte, linda... Com tanto potencial. Você tem mais força do que a maioria dos homens que encontrei. Toda mulher deve ser criada da maneira como você foi criada. Talvez se minha mãe tivesse mais de suas qualidades, ela ainda estaria viva agora.

Sempre que ele mencionava sua mãe, eu sentia uma pontada de tristeza. Foi a única característica que o humanizou. Ele amava sua mãe e nunca se importou que ela fosse uma prostituta. Outras pessoas virariam as costas para sua mãe ou filha por recorrer a esse meio de vida, mas Bones nunca a julgou por isso. Isso me fez respeitar ele.

— Por que você não me matou?

Eu não tinha uma resposta para isso. — Eu... Eu não sei. — A única maneira de sair dessa bagunça era matá-lo, e eu ignorei a oportunidade. Eu deveria ter um motivo mais forte para deixá-lo viver, mas não tinha certeza de qual era esse motivo. Talvez eu tenha pensado que era um desperdício também, que Bones tinha o potencial de ser algo mais. — Acho que isso... — Minhas mãos se moveram para seus ombros e eu o apertei. — Me impede de pensar com clareza. Eu caio em você e não penso em mais nada. É como se houvesse duas versões diferentes de nós. Eu desprezo tudo em você, mas nós temos isso ... Eu nem sei o que é.

— Paixão. Luxúria. Conexão. Respeito...

— Sim, eu acho.

Ele pressionou sua testa contra a minha. — Eu entendo isso muito bem.

— Eu não sei o que fazer... — Eu fechei meus olhos e segurei nele, buscando conforto de meu algoz. Ele poderia me levar para a cama neste segundo, e eu não lutaria com ele. Eu espalhei minhas pernas e o

puxei mais fundo em mim. Eu quero mais do que ele pode dar. — Por favor, deixe minha família em paz. Apenas esqueça isso, ok?

Ele ficou em silêncio, com as mãos ainda na minha cintura.

Eu abri meus olhos e olhei para ele. — Por favor.

— Você sabe que eu não posso fazer isso...

— Eu poderia ter matado você, mas eu não fiz. Você me deve.

Ele me encarou com seus olhos azuis, sua expressão ilegível.

— Bones, machucar minha família não vai trazer a sua de volta. Não vai reescrever a história. Você só vai fazer sua vida mais vazia. E você só vai me machucar... Eu sei que você não quer me machucar.

— Eu quero machucar você, Vanessa— ele sussurrou. — Minhas intenções em relação a você nunca mudaram. Você ainda me odeia, eu ainda te odeio.

— Mas nós dois sentimos algo mais além do ódio um pelo outro...

Ele não negou. — Sim. Mas ainda estamos em lados opostos do campo de batalha. Sua família não apenas destruiu a minha, mas arruinou minha herança. Se minha mãe tivesse o que precisava, ela não seria uma prostituta. E tenho certeza de que ser uma prostituta foi tão doloroso quanto sua morte final.

— Minha família estava apenas tentando se proteger. Certamente, você deve ver isso como uma retaliação, não uma provocação. Seu pai matou minha tia e estuprou minha mãe. Você acha que esses crimes não merecem ser punidos?

Ele segurou meu olhar, sua expressão ilegível. — Não vou dizer que o que ele fez foi certo. Mas as ações de sua família arruinaram minha vida. Minha mãe era inocente. Eu era inocente. Você tem que crescer em uma família que te adora em uma bela mansão. Você teve tudo que eu nunca fiz. Sempre vou odiar você por isso, por ter a vida

que deveria ter sido minha.

Lágrimas encheram meus olhos. — Lamento que tenha acontecido com você. Eu lamento. E se minha família lhe desse dinheiro...

— Eu não quero o dinheiro deles. Eu quero meu dinheiro. — Ele tirou as mãos dos meus quadris, sua raiva começando a fluir em suas veias. — Você não entende. Estou começando a achar que você nunca vai conseguir.

Estávamos de volta ao ponto de partida, e isso me fez pensar se tínhamos crescido. Ele segurou uma faca na minha garganta, mas não me matou. Eu segurei uma arma contra sua cabeça, mas não puxei o gatilho. Parecia que muita coisa havia mudado, mas nunca mudou. — Aquela pintura... Você queria que eu a fizesse para que pudesse se lembrar de mim? Porque você vai me matar?

Ele segurou meu olhar, sua expressão tão dura como gelo. Ele disse que nunca mentiria para mim, que sempre me daria sua honestidade. Então, qualquer resposta que ele deu a seguir foi a verdade. — Sim.

Respirei fundo, sentindo o arrependimento circular pelo meu coração. — Por que eu não te matei? — Eu deveria ter puxado o gatilho. Eu deveria ter acabado com a vida dele ontem à noite.

Ele de repente se afastou, deixando-me sentada no balcão da cozinha para lidar com meus sentimentos.

Eu não atirei nele porque parecia errado, mas agora eu gostaria de ter feito isso. Minha vida estava em jogo. Ele pretendia me matar, e mesmo que eu não tenha colocado uma bala em seu cérebro, isso não significa que ele seria tão gentil comigo.

Ele voltou para dentro com a arma apontada para o chão. Ele o entregou para mim.

Eu não peguei sem saber o que estava acontecendo.

Ele puxou o cano e me mostrou o compartimento.

Não havia balas.

Ele fechou novamente e o colocou no balcão. — Quando você voltou para casa depois do Natal, eu encontrei e removi as balas.

Fechei os olhos e senti a vergonha me atingir com força. Todo esse tempo eu pensei que tinha sido mais esperta que ele, mas agora eu sabia que nunca teria uma chance. Ele não vacilou quando o cano foi pressionado contra sua têtpora porque sabia que não havia munição. Ele estava me testando, vendo se eu tinha coragem de realmente puxar o gatilho.

E agora ele sabia que não.

Lágrimas se formaram sob minhas pálpebras e escorreram pelo meu rosto. Não me importei em ceder à minha fraqueza, mesmo na frente dele. Eu me senti uma idiota pensando que fui mais esperta que este homem quando ele me superou há muito tempo. Eu estava condenada, presa nesta jaula sem paredes. Isso mostra o quão poderoso este homem era. Ele poderia me manter lá sem correntes ou cadeados.

Ele segurou meu rosto e enxugou minhas lágrimas com a ponta dos polegares.

Eu abri meus olhos e o vi me encarando, seus olhos mais suaves do que antes. Ele beijou o canto da minha boca e passou os dedos pelo meu cabelo. — Não digo isso com muita frequência, mas quando digo, é sério. — Ele pressionou sua testa contra a minha. — Eu sinto Muito. Eu realmente sinto.

Notas

[←1]

Tesoro: “tesouro” em italiano